



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL

LUCIANO HEBERT DE LIMA SILVA

**A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA
CONSTRUÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DE UM
CAPOEIRISTA PROFESSOR**

NATAL - RN
2020

LUCIANO HEBERT DE LIMA SILVA

**A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA
CONSTRUÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DE UM
CAPOEIRISTA PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, para obtenção de título de mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Elisabeth Jatobá Bezerra

NATAL - RN
2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências da Saúde - CCS

Silva, Luciano Hebert de Lima.

A Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar: uma construção a partir da narrativa de formação de um capoeirista professor / Luciano Hebert de Lima Silva. - 2020.

120f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional. Natal, RN, 2020.

Orientador: Elisabeth Jatobá Bezerra.

1. Capoeira - Dissertação. 2. Educação Física Escolar - Dissertação. 3. Ensino Fundamental - Dissertação. I. Bezerra, Elisabeth Jatobá. II. Título.

RN/UF/BS-CCS

CDU 796.8

LUCIANO HEBERT DE LIMA SILVA

**A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA
CONSTRUÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DE UM
CAPOEIRISTA PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, para obtenção de título de mestre em Educação Física Escolar.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabeth Jatobá Bezerra
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Dr. José Luiz Cirqueira Falcão
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Examinador Interno

Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Examinador Externo

Dedico aos meus pais, Maria do Socorro de Lima Silva e Luciano Lima da Silva, por sempre acreditarem em mim, lutando incansavelmente para que nunca me faltasse nada. Aos meus filhos, Juan, Esther e Liz, que são minhas maiores motivações nessa vida. Aos meus alunos e a toda comunidade capoeirística.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido força para superar todas as adversidades, luz para iluminar o meu caminho e sabedoria para cumprir mais uma missão. Iê! Viva meu Deus!

Aos meus antepassados, que sofreram, morreram e lutaram para que hoje a Capoeira pudesse estar presente dentro de todos os ambientes que ela merece, inclusive na universidade.

Aos meus pais, por todo o esforço que fizeram para que tivesse uma educação de qualidade, sem isso não sei em qual estrada estaria caminhando hoje. Amo vocês!

Ao meu Mestre Cibriba, por ter me proporcionado conhecer esta arte maravilhosa, que é a Capoeira, sempre me incentivando e abrindo portas neste universo. Gratidão por permitir que sempre caminhe ao seu lado nessas rodas da vida. Iê! Viva meu mestre!

Ao Grupo Capoeira Brasil, instituição a qual sou membro desde meu início na Capoeira, tendo papel fundamental na escolha do caminho que sigo dentro desta arte.

Aos meus discípulos, que me incentivaram e ajudaram em vários momentos, mostrando que sempre posso contar com eles no momento de precisão.

A todos os mestres, mestras e capoeiristas de uma maneira geral, que de alguma forma influenciaram minha formação, seja com um jogo, uma conversa, uma aula, um livro ou simplesmente fazer algo importante para a Capoeira.

Ao Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira, por ter me orientado durante grande parte de minha carreira acadêmica, permitindo que eu ampliasse minha visão sobre as possibilidades de se trabalhar com a Capoeira. Também sou grato por ter aceitado o convite de contribuir nesta pesquisa fazendo parte da banca.

A todos os professores que contribuíram na minha formação durante o ensino básico, graduação, formações continuadas e especialização, pois tiveram papéis fundamentais no meu percurso acadêmico.

À Prof^a Dra. Elisabeth Jatobá Bezerra pela paciência, sabedoria, eficiência, amizade e humildade durante a orientação deste trabalho. Sou grato por ter conhecido a pessoa maravilhosa que ela é, uma mulher forte, guerreira, generosa e amiga!

Ao Prof. Dr. José Luiz Cirqueira Falcão, ou simplesmente, Mestre Falcão. Por ser um desbravador como capoeirista e acadêmico, inspirando muitos outros capoeiristas, assim como eu, a pesquisar sobre essa linda manifestação. Também por contribuir diretamente neste

estudo, sendo referenciado em vários capítulos e por ter aceitado o convite para dar suas considerações sobre esta pesquisa, colocando assim o dendê da Capoeira na banca avaliadora.

À Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a toda equipe responsável pelo PROEF, pela coragem, audácia e competência em planejar, criar e colocar em prática um programa de mestrado em rede nacional destinado a professoras e professores que atuam na rede pública de ensino.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ao seu Departamento de Educação Física (DEF), por acreditarem na proposta do PROEF, me possibilitando conhecer e ser aluno de uma das mais conceituadas universidades do Brasil.

A todos os professores e professoras do PROEF e em especial aos do polo UFRN (Beth, Pereira, Cida, Alysson, Pádua, Márcio e Aguinaldo), que não desistiram do programa, mesmo frente às grandes adversidades enfrentadas. Docentes estes que contribuíram de uma forma relevante para minha prática pedagógica, além de terem me incentivado especificamente na elaboração desse estudo.

Aos colegas de turma do PROEF (Alex, Alexandre, Bruno, Bryan, Celso, Cybele, Edilson, Eugênia, Jansen, Joanilson, Leiva, Marcelo, Patrícia, Renata), grato pelas discussões, troca de experiências e incentivos durante todo o curso. Em especial ao Jansen, que foi um grande parceiro e verdadeiro amigo.

Ao Felipe Brito, secretário do PROEF – UFRN, que de forma eficiente e ágil conseguiu atender a demanda de todos os alunos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, além de possibilitar a realização desse programa de mestrado, financiou por meio de bolsa, meus estudos no PROEF, sem os quais não sei se teria condições de finalizar o curso. Que venham novas turmas e que as bolsas contemplem mais estudantes, pois o investimento em educação é fundamental.

Meus sinceros agradecimentos.

Mandinga de escravo em ânsia de liberdade,
seu princípio não tem método e o seu fim é
inconcebível ao mais sábio capoeirista.
Capoeira é amorosa, não é perversa, ela é um
hábito cortês que criamos dentro de nós, uma
coisa vagabunda.

Mestre Pastinha

RESUMO

Neste estudo, resgato da memória, na perspectiva do método autobiográfico, a revisitação das experiências vividas na Capoeira, registradas na narrativa de formação deste capoeirista professor. E quando associadas aos novos saberes construídos na academia, fundamenta a prática pedagógica no ensino da Capoeira com crianças, na Educação Física Escolar. Este trabalho tem como objetivo geral, revelar através da história de vida temática de um capoeirista professor, a partir da sua formação e prática docente, elementos pedagógicos para uma proposta de inclusão deste conteúdo da Educação Física Escolar, nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, ao socializar este estudo sobre Capoeira, é possível colaborar com a formação dos professores da área, apresentando um saber sistematizado que poderá contribuir com um conteúdo da cultura popular que nem sempre faz parte dos currículos acadêmicos e escolares. Com o título, “Revisitando a minha entrada na roda: experiências e confluências dos saberes da prática com os saberes acadêmicos” são apresentados dados coletados, do professor capoeirista investigado em uma síntese entre as experiências vividas na Capoeira e a busca por novos conhecimentos acadêmicos. Isso possibilitou um novo olhar para o ensino desta arte bela, porém complexa, que precisa de elementos pedagógicos adequados e simplificados ao perfil de crianças, na escola. Dessa forma, é apresentada uma possibilidade metodológica para se trabalhar com a Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, resultado das experiências vivenciadas dentro do universo capoeirístico e da academia. Por fim, compreende-se que é possível revelar quais elementos pedagógicos, empíricos e acadêmicos, fizeram parte da formação do professor investigado, contribuindo para a elaboração de uma possibilidade metodológica, de fácil aplicabilidade, utilizando a Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar, que se caracteriza pelo uso de jogos e brincadeiras contextualizados com seus aspectos históricos e culturais. Possibilitando, enfim, a partir do conceito da “volta do mundo” na capoeiragem, trazer um conteúdo da cultura popular e patrimônio nacional para o chão da escola, resgatando a história do negro escravizado na construção de uma das suas manifestações: a Capoeira.

Palavras-chaves: Capoeira. Educação Física Escolar. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In this study we bring from the memory, in the perspective of the autobiographical method, the revisiting of our experiences lived in *Capoeira*, recorded in the formation narrative of this *capoeirista* teacher. And when associated to the new knowledge built in Academy, it bases the pedagogical practice in the teaching of *Capoeira* with children, in the school Physical Education. The overall objective of this work is to reveal through the thematic life history of a *capoeirista* teacher, from his training and teaching practice, pedagogical elements for a proposal to include this content of School Physical Education, in the early years of the elementary school. Thus, by socializing this study of *Capoeira*, it is possible to collaborate with the training of teachers in this field, presenting a systematized knowledge that can contribute with a content of popular culture that is not always part of academic and school curricula. With this title, "Revisiting my entry into the *roda*: experiences and confluences of knowledge of practice with academic knowledge" we exposed the data collected from the researched *capoeirista* teacher, in a synthesis between the experiences lived in *Capoeira* and the search for new academic knowledge. These enabled a new look at the teaching of this beautiful but complex art, which needs pedagogical elements both simplified and suitable to the profile of children at school. Therefore, we present a methodological possibility to work with *Capoeira* in school Physical Education classes, specifically in the early years of elementary school, the result of our experiences within the universe of *Capoeira* and the Academy. Finally, it is understood that it gets possible to reveal which pedagogical, empirical and academic elements were part of the formation of the researched teacher, contributing to the development of a methodological possibility, easy to apply, using *Capoeira* as a content of school Physical Education, applying games and jokes contextualized with their cultural and historical aspects. Finally, from the concept of "round the world" in *capoeiragem*, we are able to bring a content of popular culture and national heritage to the school ground, rescuing the history of the black slave in the construction of one of its manifestations: *Capoeira*.

Keywords: Capoeira. School Physical Education. Elementary School.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 –	Relação dos Periódicos Seleccionados.....	38
Quadro 2 –	Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura.....	40
Quadro 3 –	Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de Intervenção na Escola.....	41
Quadro 4 –	Educação Física Escolar: Compartilhando Experiências.....	41
Quadro 5 –	Práticas Corporais: Educação Física (6º a 9º anos).....	42
Quadro 6 –	Os Saberes dos Professores.....	44
Quadro 7 –	Graduação do Grupo Capoeira Brasil (Adulto).....	53
Quadro 8 –	Nível de Experiência com Capoeira dos Participantes (P) do Minicurso.....	80
Quadro 9 –	Avaliação do Minicurso de Capoeira Escolar no XXI CONBRACE e VIII CONICE.....	82

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	Mestre Cibriba.....	52
Imagem 2 –	Recebendo a corda amarela.....	54
Imagem 3 –	Recebendo a corda branca-laranja.....	55
Imagem 4 –	Recebendo a corda verde.....	56
Imagem 5 –	Recebendo a corda roxa (professor).....	56
Imagem 6 –	Recebendo a corda preta e o título de formado.....	58
Imagem 7 –	Juan e Esther me entregando a corda preta.....	58
Imagem 8 –	Grupo de alunos na formatura.....	59
Imagem 9 –	Eu e meu filho Juan, com 02 anos de idade.....	61
Imagem 10 –	Aula na academia Gynart.....	63
Imagem 11 –	Evento realizado na Creche-Escola Crescer Brincando.....	64
Imagem 12 –	Oficina de Capoeira para crianças.....	65
Imagem 13 –	Capoeira no recreio.....	67
Imagem 14 –	Festival de Capoeira em Nice, França.....	68
Imagem 15 –	Divulgação do Debate com Ginga.....	69
Imagem 16 –	Medalha conquistada em competição de futsal realizada em Recife/PE.....	71
Imagem 17 –	Formandos do curso de Educação Física da UECE –2007.2.....	74
Imagem 18 –	Minha filha Esther.....	76
Imagem 19 –	Minha filha Liz.....	76
Imagem 20 –	Turma do PROEF, polo UFRN.....	79

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CONICE	Congresso Internacional de Ciências do Esporte
EPCAr	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
IEFEs	Instituto de Educação Física e Esportes
GCB	Grupo Capoeira Brasil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LETPEF	Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROEF	Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Física
PST	Programa Segundo Tempo
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1.	“IÊ! BERIMBAU JÁ FEZ CHAMADA, JÁ É HORA DE LUTAR, QUEM NÃO LUTA FICA LONGE E QUEM LUTA VAI CHEGAR, A OGUM QUE É SANTO FORTE, CAPOEIRA PEDE SORTE”.....	14
1.1	OBJETIVOS.....	18
1.2	JUSTIFICATIVA.....	19
2	“AI MEU DEUS, ABRA MEUS CAMINHOS”.....	22
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	22
2.2	O CAPOEIRISTA PROFESSOR INVESTIGADO.....	23
2.3	INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	24
2.4	COLETA, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	25
3	ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS DA CAPOEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	27
3.1	A CAPOEIRA NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO NOS PRECONCEITOS E AVANÇOS DESSA MANIFESTAÇÃO CULTURAL...	28
3.2	RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA....	33
3.3	A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	37
3.3.1	Propostas Pedagógicas sobre o Ensino da Capoeira por Professores Capoeiristas.....	39
3.4	A FORMAÇÃO E A AÇÃO DOCENTE NO REFAZER DO SABER DA PRÁTICA.....	43
3.5	A LUDICIDADE DO JOGO E BRINCADEIRA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO.....	46
4	REVISITANDO A MINHA ENTRADA NA RODA: EXPERIÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS DOS SABERES DA PRÁTICA COM OS ACADÊMICOS.....	50
4.1	“MENINO QUEM FOI TEU MESTRE?”.....	50

4.2	“VAI COLORINDO, MUDAR DE COR, A CAPOEIRA VAI GANHANDO SEU VALOR!”.....	52
4.3	“SOU DISCÍPULO QUE APRENDE, MESTRE QUE DÁ LIÇÃO”	59
4.4	EXPERIÊNCIAS COMO ALUNO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	70
4.5	A ENTRADA NA ACADEMIA: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	72
4.6	A BUSCA PELA EDUCAÇÃO CONTINUADA: A ESPECIALIZAÇÃO.....	74
4.7	MAIS SABERES: O MESTRADO NO PROEF.....	75
5	POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	84
6	“IÊ! VOLTA DO MUNDO!”	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	ANEXOS.....	117
	ANEXO A - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UECE (2001.1).....	117
	ANEXO B - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA UECE (2012).....	119
	ANEXO C - ESTRUTURA CURRICULAR DO PROEF (2018 – 2019).....	120

1 “IÊ! BERIMBAU JÁ FEZ CHAMADA, JÁ É HORA DE LUTAR, QUEM NÃO LUTA FICA LONGE E QUEM LUTA VAI CHEGAR, A OGUM QUE É SANTO FORTE, CAPOEIRA PEDE SORTE”¹

“Vem, começou a roda ioiô, começou o canto iaiá! Capoeira é arte, é malícia, é magia pra se libertar! É luta de negro escravo, que luta pra não apanhar!” (Mestre Matias)². E assim damos início ao nosso estudo, convidando o leitor a participar dessa grande roda³, adentrando o universo desta manifestação que, como diz o pequeno trecho da música citada, possui elementos de arte, malícia, magia e luta, sendo esta por libertação, mostrando que suas raízes estão ligadas à luta dos negros escravizados, que nunca aceitaram esta condição que lhes foi imposta. Como em qualquer roda de Capoeira⁴, estarão presentes diversos símbolos, rituais, ensinamentos e reflexões. Deste modo, possibilitaremos a cada participante (leitor), que a vivencie por completo, se envolva e consiga refletir criticamente sobre cada elemento desta roda, sabendo que ela terá um fim momentâneo, entretanto, sempre haverá outras rodas para se jogar.

Nosso estudo discute a Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar a partir da minha formação nas duas áreas, compreendendo que antes mesmo de pensar em adentrar o curso universitário de Educação Física, já vivenciara esta arte, desde os 10 (dez) anos de idade, na qual também obtive minha primeira formação, sendo esta a de instrutor de Capoeira, ministrando aulas para sujeitos de várias faixas etárias.

Quando escrevemos sobre nossas experiências de vida, pessoal ou profissional, facilitamos a compreensão e percepção do leitor sobre o que estamos realizando, assim como o que pensamos (DA SILVA SOUSA; DE OLIVEIRA CABRAL, 2015). Deste modo, trazemos da memória nossas experiências vividas na Capoeira, sejam positivas ou negativas, acrescidas dos novos saberes que a academia trouxe para a prática que adotei no ensino da Capoeira e quais autores/professores influenciaram a metodologia que utilizo para trabalhar com esta arte. Também apresentaremos outros saberes, tão importante quanto o acadêmico,

¹ Alguns dos títulos e subtítulos são nomeados com trechos de cantigas de capoeira, algumas com autorias confirmadas, nas quais são feitas as devidas referências, e outras de domínio público. O capítulo 1 é nomeado com o início de uma ladainha (tipo de música de capoeira utilizada para iniciar uma roda) de autoria do capoeirista conhecido como Boca. Esse trecho foi escolhido, pois retrata um pedido de proteção, comumente utilizado no universo da capoeira, para que consigamos alcançar nossos objetivos.

² Sabemos da autoria desta música por estarmos dentro da comunidade capoeirística, onde ela é/foi bastante cantada em várias rodas de capoeira. No entanto, não tivemos acesso ou conhecimento de que a mesma tenha sido gravada em algum álbum.

³ Ritual onde acontece o jogo da capoeira.

⁴ Optamos por utilizar o termo Capoeira com inicial maiúscula por considerá-la, neste estudo, uma área de conhecimento.

como o saber da experiência, pois a vivência na Capoeira permitiu apropriar-me das teorias estudadas na universidade, contextualizando-as com a prática, além de questioná-las.

Antes de falarmos sobre a Capoeira como conteúdo da Educação Física, temos que entender sua posição hoje em nossa sociedade. Para que isso ocorra, nos cabe ressaltar agora, a relevância do sistema escravagista instaurado no Brasil para a formação da sociedade brasileira, antes que o berimbau baixe e o jogo comece⁵. Nosso país foi construído à custa de muito sangue e suor e, com a diáspora africana, vieram para terras brasileiras, por mais de três séculos e meio, diversas manifestações daquele continente, influenciando diretamente na formação de todos os setores da sociedade atual, inclusive a educação. Mesmo severamente reprimidas, estas influências resistiram, sobreviveram e continuam atuantes no cotidiano nacional (SERRANO; WALDMAN, 2010).

Acreditamos que a Capoeira é uma das heranças da diáspora acima citada e Souza (2006) a define como sendo uma manifestação cultural que possui elementos de dança, luta, música, jogo, arte, folclore, entre outros. Tornando-se um instrumento para conquistar a libertação, tem a luta como essência. Assim, ao se expandir pelo mundo, a Capoeira leva consigo a sua raiz de enfrentamento do oprimido perante o opressor, demonstra todo seu poder de resistência e de incansável empenho por liberdade.

Em toda sua trajetória histórica, a Capoeira vem resistindo a inúmeras dificuldades, muitas dessas, devido à sua origem afro-brasileira, sofrendo um enorme preconceito, assim como outras manifestações de matrizes africanas. Contudo, ela conseguiu passar de contravenção penal a patrimônio nacional, mostrando que está conquistando cada vez mais espaços em nossa sociedade (CAMPOS, 2009).

Cordeiro e Abib (2018) destacam que a educação brasileira pouco avançou no que diz respeito à cultura popular dentro da escola, não apenas pela inclusão de conteúdo específico, mas também no trato pedagógico em que a cultura popular é utilizada no processo de ensino e aprendizagem. Para os autores, a Capoeira traz em sua estrutura formas singulares de educar, como a oralidade, ancestralidade, ludicidade e musicalidade. Segundo eles:

A capoeira, como tantas outras manifestações das culturas populares, é um rico manancial de humanidade em que muito se aprende sobre a vida e sobre valores fundamentais para a existência humana, como a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, o compartilhar, o respeito à natureza, a cooperação, o

⁵ Em grande parte das rodas de capoeira, antes de dois capoeiristas começarem a jogar, faz-se necessária a permissão do mestre responsável pela roda, que se dá quando o mesmo, caso esteja tocando o berimbau, inclina o instrumento em direção ao solo. Quando o mestre ou responsável não está tocando, ele solicita para outro participante, geralmente um mestre, que esteja com o instrumento, realizar o movimento, autorizando assim o início do primeiro jogo na roda.

equilíbrio, a humildade, a parceria, entre tantos outros ensinamentos que a sabedoria do nosso povo vem cultivando, preservando e transmitindo, de geração em geração, ao longo da história do nosso país, resistindo e lutando por manter vivas suas tradições, legado maior de uma ancestralidade que rege suas formas de ser e de estar no mundo (CORDEIRO; ABIB, 2018, p. 238).

Para Vieira (2018), um aspecto é fundamental para se entender a Capoeira e seu valor: a diversidade. Dentro da roda de Capoeira, todos são capoeiristas, independente de raça, profissão, escolaridade, gênero e, durante o jogo, devem dialogar, cada um com sua individualidade, buscando uma harmonia.

Campos (2009) explica que para vivenciar a Capoeira de forma mais ampla, deve-se compreender que ela é dinâmica e está em constante evolução, está viva. O autor enfatiza algumas formas de utilizar a Capoeira dentro da escola, e destaca a Capoeira como luta, dança, arte, folclore, esporte, lazer e filosofia de vida. Ele demonstra uma preocupação em promover o ensino da Capoeira nas escolas de uma forma abrangente, levando em consideração todas as suas potencialidades.

Segundo Silva e Heine (2008), com a proximidade entre a Capoeira e o meio acadêmico nos últimos anos, seu potencial pedagógico vem sendo reconhecido a partir de várias experiências de práticas com esta modalidade, algumas realizadas no contexto escolar. De acordo com Castilha (2012), ela está sendo inserida nas escolas de diferentes formas: na Educação Infantil, encontra-se, muitas vezes, na matriz curricular das instituições, mas há certa flexibilização em relação aos conteúdos, sendo ofertada em substituição à Educação Física; podendo aparecer como conteúdo da Educação Física; e, mais comumente, adentra a escola como uma atividade extracurricular, como uma oficina esportiva, apenas ocupando o espaço físico da escola.

Percebemos, a partir de sua atual inserção na sociedade, a necessidade dela estar presente na escola, principalmente no ensino público, onde os alunos, na maioria das vezes, são moradores da periferia, local este no qual a Capoeira está bastante inserida, além de manter raízes históricas, culturais e sociais (SILVA, 2013).

Apesar de acreditarmos no potencial que a Capoeira tem para estar inserida na matriz curricular da educação básica brasileira, na qual defendemos sua inserção pelos diversos argumentos em prol dela, entendemos que discutir a presença da Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar seja atualmente a maneira menos complicada de garantir sua presença no ensino básico.

Na forma de conteúdo da Educação Física Escolar, a responsabilidade recai sobre o professor de Educação Física. Cunha *et al.* (2019) consideram que, na formação inicial do

professor, a vivência com a Capoeira seja fundamental, já que ela é um patrimônio cultural nacional. Entretanto, apresentam que em uma pesquisa realizada em 2016 nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura em Educação Física do estado do Ceará, apenas duas instituições, das doze pesquisadas, ofertavam a Capoeira como disciplina obrigatória. Assim, do ponto de vista dos autores, fica fragilizada a formação dos professores com a Capoeira na graduação, conseqüentemente, dificultando sua abordagem nas aulas de Educação Física Escolar.

Outro aspecto relevante levantado por So e Betti (2013) diz respeito ao fato de vários temas da cultura de movimento, entre eles a Capoeira, não serem trabalhados nas aulas de Educação Física por falta de uma organização curricular ou mesmo uma orientação para ministrá-los, prevalecendo nas aulas os conteúdos tradicionais e tecnicistas.

De acordo com Silva (2011), alguns estudos já foram realizados visando criar possibilidades metodológicas para a Capoeira no ambiente escolar. Contudo, grande parte dessas abordagens metodológicas é voltada a capoeiristas ou professores de Educação Física que já tiveram, no mínimo, praticado a modalidade por um determinado período, pois em suas estruturas verifica-se facilmente um conhecimento básico de técnicas da modalidade. Deixando assim, a maioria dos professores, carentes de um método que facilite a utilização da Capoeira em suas aulas na escola.

O próprio documento normatizador da Educação Física no Ensino Fundamental - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - orienta que a Capoeira seja abordada nos 6º (sextos) e 7º (sétimos) anos do Ensino Fundamental, na unidade temática Lutas, quando os objetos de conhecimento a serem ensinados forem as Lutas do Brasil. Entretanto, é importante ressaltar que os objetos de conhecimento apontados pelo documento para os outros anos do Ensino Fundamental são: Lutas do contexto comunitário e regional; Lutas de matriz indígena e africana; Lutas no mundo. Assim, a Capoeira poderá ser abordada em todos os níveis de ensino, nesta unidade temática (BRASIL, 2018).

Com esta compreensão e a partir de minha experiência no cotidiano escolar e na Capoeira, pretendemos apresentar possibilidades de se ensinar esta manifestação nas aulas de Educação Física, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sem que, necessariamente, o professor já tenha praticado a modalidade. É possível adequar o conteúdo a esta fase da infância, com um retorno à origem da Capoeira baseada em movimentos naturais, utilizando a ludicidade das brincadeiras e jogos.

A metodologia de trabalho que utilizamos para o ensino-aprendizagem da Capoeira, parte, não só da prática exercida pelo autor, mas também do embasamento em propostas já

existentes. Embora reconheçamos não se encontrar concluída e estar em constante processo de aperfeiçoamento, compreendemos nossa proposição ser importante, haja vista que fora construída ao longo de uma vida dentro da Capoeira, da escola e da universidade. Desta maneira, representa hoje o que entendemos ser algo plausível para o desenvolvimento desta temática nas aulas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, podendo, em um futuro próximo, estarmos com outro entendimento ou não, pois acreditamos que a Capoeira, assim como nós, está viva e em constante devir.

Logo, antes de iniciar o primeiro jogo⁶, neste contexto crítico discursivo, tomamos como questão norteadora desta roda (pesquisa): Como se revelam na história de vida de um capoeirista professor, a partir da sua formação e prática docente, elementos pedagógicos para a inclusão deste conteúdo na Educação Física Escolar, dos anos iniciais do ensino fundamental?

1.1 OBJETIVOS

Centrado na questão de estudo formulada acima, assumimos como objetivo geral revelar através da história de vida temática de um capoeirista professor, a partir da sua formação e prática docente, elementos pedagógicos para uma proposta de inclusão deste conteúdo da Educação Física Escolar, nos anos iniciais do ensino fundamental.

E com foco neste objetivo geral, definimos como objetivos específicos:

- 1- Construir síntese histórica da Capoeira no cenário nacional, destacando os preconceitos instituídos socialmente e os avanços nas lutas por esta inclusão na cultura corporal dos brasileiros.
- 2- Analisar as bases metodológicas de propostas consistentes já elaboradas sobre o ensino da Capoeira por professores capoeiristas.
- 3- Apresentar os elementos da formação e experiências profissionais do capoeirista e as acadêmicas do professor licenciado pesquisador deste estudo, que contribuíram para a efetivação da sua docência nesta modalidade, a partir da sua história de vida temática na Capoeira.
- 4- Revelar elementos pedagógicos a partir da sua formação e prática docente, para o ensino do conteúdo: Capoeira na Educação Física Escolar, adequado aos anos iniciais

⁶ O primeiro jogo refere-se à primeira dupla a entrar na roda de capoeira.

do ensino fundamental, caracterizados pela ludicidade e historicidade, no processo de aprendizagem desta arte.

1.2 JUSTIFICATIVA

Pensamos ser bastante difícil e de extremo valor, alguém dedicar quase que toda sua vida a uma manifestação cultural, arte marcial ou modalidade esportiva, principalmente se esta manifestação tem suas origens em matrizes africanas, historicamente perseguidas e desvalorizadas culturalmente pela sociedade brasileira. Torna-se ainda mais complicado seguir uma carreira acadêmica em paralelo, mesmo quando os esforços no ambiente educacional formal são sempre direcionados ao desenvolvimento de sua arte. Há quase 30 anos vivo a Capoeira em todas as suas faces e há 20 anos trabalho com seus elementos, das mais variadas maneiras, com públicos diversos e em diferentes ambientes, dentre os quais, a escola.

Exatamente por eu “viver Capoeira”, nosso estudo se torna relevante, pois acreditamos que todos os elementos que contribuíram para minha formação têm um valor significativo e devem ser expostos para uma melhor análise, compreensão e reflexão sobre a formação docente de um professor. Por se tratar de uma narrativa de formação, a reflexão provocada não contribui apenas para a formação docente, mas para várias dimensões da vida (SOUSA; FREITAS; XAVIER, 2017).

Santos e Garms (2014) chamam a atenção para o fato de que quando os professores descrevem suas trajetórias, permitem que outros professores acessem aspectos importantes de sua vida pessoal e profissional, bem como suas perspectivas sobre o processo de ensino e aprendizagem. Logo, ao lerem, analisarem e refletirem sobre as narrativas de outros colegas, estes se apropriam delas de uma maneira específica, atribuindo um sentido próprio a partir das experiências pelas quais já passaram. Assim, ao socializarmos nosso estudo sobre Capoeira, estamos contribuindo com a formação desses professores da área, apresentando um saber sistematizado que poderá contribuir com um conteúdo da cultura popular.

De acordo com Silva e Heine (2008), desde a década de 1960 a Capoeira vem ocupando o ambiente da escola e, nos últimos anos, tem se inserido significativamente nas principais regiões do Brasil, e em outros países, também se faz presente. Segundo os autores, várias teses e dissertações relacionando a Capoeira na escola já foram produzidas, tornando relevante um fenômeno denominado de Capoeira escolar. No entanto, quando se trata de

estudos que enfoquem a formação de professores na Capoeira, o número ainda é bastante reduzido (CUNHA *et al.*, 2019).

Em 2013 realizei um estudo visando analisar se, e como a Capoeira é inserida como um dos conteúdos da Educação Física Escolar por professores da rede municipal de ensino de Fortaleza. Na pesquisa, também tentei verificar se havia e, se sim, quais seriam as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores ao ministrar o conteúdo Capoeira em suas aulas, além de investigar quais estratégias de ensino estavam sendo utilizadas. (SILVA, 2013)

Analisando os resultados, percebi que poderia contribuir de forma mais relevante para que a Capoeira pudesse ser inserida como conteúdo da Educação Física Escolar de uma maneira mais significativa. Os resultados foram os seguintes: os professores que não utilizam a Capoeira como conteúdo em suas aulas, estariam utilizando caso tivessem tido alguma formação no decorrer de sua graduação; os mesmos professores passariam a utilizar a Capoeira nas aulas caso tivessem acesso a alguma formação continuada sobre o tema em questão; e que a maioria dos professores já teve alguma necessidade de ministrar aulas com a temática Capoeira (SILVA, 2013).

É possível observar o evidente desenvolvimento que a Capoeira vem conquistando, pois atualmente é praticada em academias, escolas, creches, universidades, praças e condomínios, ou seja, ocupa um lugar expressivo na sociedade. Necessita assim, de maiores pesquisas no campo da Educação Física, ainda mais quando está inserida no contexto escolar, a qual está diretamente relacionada à aprendizagem de crianças e adolescentes. Um estudo abordando esta temática poderá incentivar outros acadêmicos a pesquisarem também sobre esta modalidade, pois é de extrema importância que apareçam outros trabalhos científicos na área da Educação Física.

Em uma breve pesquisa informal no Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Física (PROEF), por meio dos grupos de *whatsapp* formado pelos alunos deste curso, verificamos quantos trabalhos de conclusão estariam sendo realizados com a temática Capoeira e constatamos apenas três, contando com este. Percebemos, portanto, a necessidade da Capoeira estar em pauta, pois mesmo com a amplitude do PROEF - programa composto por 13 polos de estados distintos, abrangendo grande parte do território nacional -, que possui 181 alunos, apenas 3 (três) das pesquisas focam o tema Capoeira.

Outro dado que justifica o presente estudo é o número de dissertações abordando a temática da Capoeira na escola, produzidas pelo departamento de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na qual, após uma

busca no seu repositório (2009 – 2019), encontramos apenas uma pesquisa tratando sobre o tema.

Entendemos que a Capoeira passando a ser estudada pontualmente nas aulas de Educação Física, de uma forma sistemática e contínua, ajudará, em longo prazo, a diminuir consideravelmente o preconceito que alguma parcela da sociedade ainda tenha por conta de sua origem e ligação com elementos de matriz africana. Também acreditamos que estaremos contribuindo com a salvaguarda do nosso patrimônio cultural, além de valorizar, divulgar e incentivar a prática da Capoeira na sociedade.

Sabendo da enorme potencialidade da Capoeira, por ser uma arte multifacetada, podendo ser desenvolvida como dança, luta, esporte, jogo, ginástica, e por já existir uma boa fundamentação teórica e prática sobre o tema, consideramos que este estudo oferecerá uma base metodológica àquele professor de Educação Física Escolar que não teve ou teve pouco contato com a Capoeira, e ainda não se sente preparado para inseri-la no seu plano de ensino.

2 “AI MEU DEUS, ABRA MEUS CAMINHOS”⁷

O percurso investigativo de uma pesquisa se reveste de uma das mais importantes partes de um estudo, pois uma vez que a mesma deve articular objeto de estudo com pressupostos e instrumentos de coleta de dados, de forma coerente e harmônica. Por esse motivo escolhemos nomear este capítulo com um pedido de proteção muito realizado pelos capoeiristas antes de entrar na roda, que nossos caminhos sejam abertos, para que assim possamos fazer bons jogos nesta roda.

2.1 TIPO DE PESQUISA

Optamos pela história de vida temática, a partir do método autobiográfico como alternativa metodológica neste estudo. Segundo Tinoco (2007), a história de vida é considerada:

[...] um processo que ocorre simultaneamente a partir de uma estrutura de significação biográfica que se afirma e se transforma no fluxo da vida, sendo formada pela dinâmica entre os acontecimentos e a interpretação dos mesmos que, sucessivamente, vão sendo reinterpretados, modelando a narrativa do passado (TINOCO, 2007, p. 56-57).

Becker (1999) considera que quando a história contada é a da própria pessoa, torna-se mais valorizada, pois as narrativas ganham forma e conteúdo ao tempo que são interpretadas suas experiências e o mundo no qual elas são vividas. Desta forma, uma pesquisa baseada na história de vida aproxima-se mais do contexto social.

O método autobiográfico, como perspectiva metodológica para pesquisa, surgiu na Alemanha no final do século XIX, como uma possibilidade de cunho social ao positivismo. Em 1920, sociólogos da Escola de Chicago aplicaram o método sistematicamente pela primeira vez e desde então, estudiosos do método reivindicam seu uso de forma autônoma (SANTOS; GARMS, 2014).

A partir do método autobiográfico, o processo de autoformação do professor é intensificado, pois neste contexto, os sujeitos se colocam como protagonistas do processo formativo, promovendo assim, uma reflexão do professor sobre sua prática pedagógica (MOTA, 2016).

⁷ Trecho de música da capoeira de domínio público que simboliza um pedido de proteção, uma bênção.

Por se tratar de uma narrativa de experiência e formação, atravessada pelos sentidos e significados atribuídos pelo autor, destaca-se uma pesquisa de cunho qualitativo. À luz da complexidade dos registros visitados na minha história, bem como minhas experiências docentes - inicialmente como professor de Capoeira e, em seguida, como professor licenciado em Educação Física Escolar - estes dados apresentam aspectos subjetivos humanos, que exigem uma abordagem qualitativa. Ao mesmo tempo, ao fazer a minha narrativa de formação neste estudo, trago elementos próprios da sensibilidade humana, seja como capoeirista, seja como licenciado, influenciando na minha docência.

Na área da educação, a pesquisa qualitativa, baseada especialmente na fenomenologia e no marxismo, surgiu como uma nova opção metodológica frente a uma postura quantificadora com uma atitude tradicional positivista, que aplicava os mesmos princípios das ciências naturais às ciências humanas (TRIVIÑOS, 1987).

Para Minayo e Sanches (1993), ao se utilizar uma abordagem qualitativa, aproxima-se o sujeito do objeto de estudo. De acordo com os autores:

[...] uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. No entanto, não se assume aqui a redução da compreensão do outro e da realidade a uma compreensão introspectiva de si mesmo. É por isso que, na tarefa epistemológica de delimitação qualitativa, há de se superar tal ideia, buscando uma postura mais dialética [...] (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Assim, neste estudo, tomo a minha própria história de vida como objeto de pesquisa, dissertando sobre meu percurso formativo dentro da Capoeira, dos ambientes formais de ensino e da minha experiência como docente, revelando como se deu a construção da minha forma de ser capoeirista professor.

2.2 O CAPOEIRISTA PROFESSOR INVESTIGADO

O professor como pesquisador da sua prática tem se transformado ao longo dos anos em pautas de pesquisas, seja objeto de estudo ou experimentos em diferentes instituições universitárias, em diferentes partes do mundo. No entanto, a origem do conceito de professor-pesquisador partiu do pensamento de Stenhouse (GHEDIN, 2015), na década de 1960, na Inglaterra. Vários outros estudiosos compartilharam seus pensamentos, em diferentes países.

Outra ideia que ganhou força e foi desenvolvida, segundo citações de Ghedin (2015), por Dewey (1976), Schön (2000) e Zeichner (1997), foi a de professor-pesquisador como

crítica ao ensino tradicional, e a racionalidade técnica, dando origem à reflexão como proposta de formação, na perspectiva do professor reflexivo. Origina-se assim, a epistemologia da prática.

Ghedin (2015) ainda nos apresenta o pensamento de Elliott (2005), que pontua a ideia que é necessário o professor estar renovando constantemente seus conhecimentos profissionais, devido as circunstâncias mutáveis do seu fazer docente, pois segundo este autor “[...] o desenvolvimento profissional do docente depende, em certa medida, da capacidade de discernir o curso que deve seguir sua ação em cada caso particular nas situações de aula” (ELLIOTT, 2005 *apud* GHEDIN, 2015, p. 89).

Com o olhar neste contexto do professor reflexivo que pesquisa a sua prática é que o investigado, neste estudo, se limita ao próprio professor pesquisador, pela revisitação de minha trajetória de vida temática, a partir de meu percurso na Capoeira, assim como minha prática docente como capoeirista, e depois, a minha formação acadêmica, desde a graduação até o mestrado.

Pela minha inserção como capoeirista e qualificação acadêmica, com 28 anos de vivência nessa arte, onde passei por todas as graduações - aluno, instrutor, professor, formando e formado - pertencente ao mesmo grupo ao qual sou filiado na Capoeira, minha história é significativa, representando um caso, o de capoeirista professor e professor capoeirista, com titulação experiência reconhecida em ambos os ambientes de ensino, formais e não formais.

2.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para subsidiar nossa pesquisa utilizamos a narrativa de formação, sendo o nosso instrumento de registro dos dados, fazendo a relação entre a minha formação continuada, com minhas experiências pedagógicas, anteriormente, como praticante da Capoeira, em seguida, como professor mestre, ampliando um novo olhar sobre a minha formação acadêmica, da graduação ao mestrado.

Nesta construção de novos saberes, novos elementos vão sendo extraídos dessa relação, a partir da perspectiva da reflexão, modificando e fortalecendo o meu fazer pedagógico, nas minhas decisões de enfrentamento de preconceitos e dificuldades no ensino da Capoeira, e minha posterior inclusão na Educação Física Escolar.

A narrativa de formação é considerada por Tinoco (2007) como uma categoria da autobiografia, onde a pessoa expõe aspectos da trajetória de sua vida formativa de uma maneira descritiva. Segundo a referida autor

Essa surge no contexto de história de vida, como uma das formas de pesquisa possível para captar significado, é muito valiosa para entender, além das razões de cada pessoa, suas percepções, sentimentos, valores, emoções que marcaram a sua experiência no transcorrer da vida (TINOCO, 2007, p. 56).

De acordo com Santos e Garms (2014), as narrativas se mostram importantes instrumentos na investigação sobre a formação docente. Por este motivo, pesquisadores recorrem, cada vez mais, a esta ferramenta de coleta, na qual são evidenciadas as questões da subjetividade do sujeito, sua trajetória de formação e experiências de vida. Para as autoras, a utilização desse artifício traz novas dimensões e conhecimentos para a área da educação, pois viabiliza o diálogo, a análise e a discussão sobre inúmeros fatores que influenciam a formação de um professor.

Assim, a narrativa de formação, pelas suas características de busca de significados a partir da sua formação e experiências vividas na docência, no caso, a história de vida temática, no percurso da relação com a Capoeira, se adequa, como instrumento, ao nosso interesse de pesquisa.

Na elaboração da narrativa, algumas categorias temáticas foram sendo incluídas num contínuo cronológico da nossa vida, no campo da Capoeira e da Educação Física, ora como aluno, ora como professor, mas que tiveram influência marcante na construção do que eu queria ser e como ser capoeirista professor.

Quanto às fases revisitadas, inicio relembando como o professor investigado conheceu a Capoeira, quem me ensinou os primeiros passos. Seguindo, disserto sobre minha trajetória dentro desta manifestação, apresentando as conquistas de graduações, as primeiras experiências ministrando aulas, o amadurecimento como professor de Capoeira até chegar à minha concepção atual de Capoeira. Posteriormente, é traçado o mesmo percurso cronológico para dissertar sobre minha formação acadêmica, na qual são revisitadas experiências como aluno na educação básica, entrada na universidade e estudos de pós-graduação.

2.4 COLETA, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir da definição das fases da vida a serem narradas, que foram ressurgindo da minha memória, compondo fatos e eventos vividos que

influenciaram e moldaram o meu ser pessoa e profissional. Neste estudo, priorizamos uma sequência cronológica dos fatos, considerando a articulação dos dados de formação, da prática profissional, entrelaçados por momentos marcantes e emoções vividas no cotidiano dessa profissão. Ao mesmo tempo em que elementos pedagógicos no ensino da Capoeira iam sendo estruturados e fortalecidos na prática da Capoeira no decorrer de minha vida.

A organização e sistematização foram seguindo as categorias prévias que aparecem nas narrativas de formação ressurgidas da minha história de vida temática, apresentada no capítulo 4 (quatro) com o título: Revisitando a minha entrada na roda: experiências e confluências dos saberes da prática com os acadêmicos. Os seguintes subtítulos foram considerados: 4.1 Menino quem foi teu mestre?; 4.2 Vai colorindo, mudar de cor, o Capoeira vai ganhando seu valor!; 4.3 Sou discípulo que aprende, mestre que dá lição; 4.4 Experiências como aluno da Educação Física Escolar; 4.5 A entrada na academia: licenciatura em Educação Física; 4.6 A busca pela educação continuada: a especialização; 4.7 Mais saberes: o mestrado no PROEF.

Com os relatos temáticos, realizamos a categorização dos dados a partir destas variáveis definidas e analisamos os conteúdos presentes nas narrativas à luz das falas narradas, abrindo o diálogo com autores das duas áreas envolvidas. Eles seguiram a mesma sequência contida na narrativa, primeiramente a fase da descoberta da Capoeira, depois a minha prática de ensino, e, em seguida a minha formação acadêmica, com influência no meu fazer pedagógico no ensino da Capoeira.

Considerando as múltiplas faces da análise de conteúdo, na abordagem qualitativa, segundo Laville (1999, p. 225) “[...] a lógica desta é tratada pelo estudo das próprias unidades de sentido, das relações entre elas e do que delas emanam”. Assim, nessa abordagem se conservam a forma literal dos dados, perdendo-se aos sentidos que são aflorados, o que estaria na abordagem das análises qualitativas de conteúdo como “Construção Interativa de uma Explicação” (p. 227).

Após a narrativa de formação ser apresentada e analisada, trazemos, no capítulo 5 (cinco), nossa possibilidade metodológica para a Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Uma proposta construída a partir dos elementos surgidos na narrativa de formação do professor investigado que influenciaram e moldaram a forma de ser e fazer a docência, no ensino da Capoeira. A partir de pressupostos teóricos e metodológicos apresentados na narrativa, nossa proposta também apresenta os aspectos didáticos e pedagógicos essenciais, de acordo com autores da área, para uma aula de Educação Física Escolar.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS DA CAPOEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A revisão de literatura numa pesquisa também se insere num crescente de importância, uma vez que, estas escolhas feitas pelo pesquisador devem atender a necessidade de trazer referenciais para a fase de análise de dados, na abertura de diálogo com autores da área e o fenômeno investigado. Esses aspectos já apontam para a necessidade de se construir uma revisão coerente com o tema central do estudo e suas subtemáticas, de forma clara e objetiva, utilizando sempre que possível estudos consistentes.

Nesta revisão abordamos primeiramente (item 3.1) os aspectos históricos da Capoeira, assim como os preconceitos sofridos e seus avanços na sociedade. Posteriormente (3.2), fizemos um breve resgate histórico sobre sua relação com a Educação Física, enfatizando seus processos históricos, culturais e sociais. Depois (item 3.3), apresentamos uma pesquisa, na qual trazemos o que se tem produzido, em termos de artigos científicos, nos últimos anos, sobre propostas pedagógicas para a Capoeira na Educação Física Escolar. Em seguida (item 3.4), destacamos alguns livros que trazem propostas pedagógicas para a inserção da Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar. Após isso, (item 3.5), dissertamos sobre o papel da formação de professores, a educação continuada e seus reflexos na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. Por fim (item 3.6), fazemos uma reflexão sobre a importância da ludicidade como uma perspectiva metodológica de ensino na Capoeira, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para tanto, recorremos a autores que pesquisam a Capoeira, como: Reis, Castilla, Capoeira, Soares, Campos, Falcão, Souza, Costa, Silva, Adorno, Amaral, Santos, Mello. Também a legislação educacional, dentre as quais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEM - Lei nº 9.934/96), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); a lei 10.639/2003; autores específicos da área de Educação Física, como Darido, Rangel, Souza Júnior, Soares, Tubino, Melo, Oliveira, Betti, Lussac, Gonzalez, Taffarel. Por fim, foram envolvidos autores que estudam sobre narrativa de formação, (auto)biografia e formação docente, como Nóvoa, Tardif e Imbernón, além de materiais encontrados na internet, artigos e outras produções científicas que abordem o assunto em dissertações de mestrado, teses de doutorado, entre outros.

3.1 A CAPOEIRA NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO NOS PRECONCEITOS E AVANÇOS DESSA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Não há como se realizar um estudo sobre Capoeira sem considerar seus aspectos históricos, que são extremamente relevantes para a compreensão ampliada e crítica desta arte. Entretanto, nossa pesquisa teve um direcionamento específico para a Capoeira e sua relação com a Educação Física Escolar, como possibilidade de conteúdo a ser ensinado, e, conseqüentemente, democratizado na cultura escolar, a partir da história de vida de um capoeirista que segue uma carreira acadêmica em paralelo.

Sendo assim, decidimos realizar, de uma forma mais sucinta, uma contextualização histórica da trajetória desta manifestação na nossa sociedade, partindo de algumas teorias sobre sua origem, acompanhando sua resistência, expansão e desenvolvimento ao longo dos anos, expondo a discriminação e preconceitos por ela sofridos, trazendo a reflexão de como ela se organizou dentro da sociedade até o seu reconhecimento, na forma de patrimônio da nossa cultura.

As origens desta arte geram grandes discussões, mas remetem praticamente a três hipóteses: os índios criaram a Capoeira, defendida por uma pequena parcela dos pesquisadores na área; a Capoeira nasceu na África e foi trazida para o Brasil durante o processo de escravização dos africanos, defendida por muito tempo por praticantes e historiadores, principalmente até a metade do século XX; a Capoeira foi criada pelos escravizados aqui no Brasil, hipótese mais aceita por parte de quem estuda a origem desta arte, devido às mais recentes pesquisas (BRASIL, 2014).

Sobre a vertente indígena da criação da Capoeira, Lussac (2015), em seu artigo sobre as possíveis origens indígenas da Capoeira, comenta sua semelhança com a Maraná, antiga luta dos índios Potiguaras, na qual dois guerreiros lutavam e dançavam, imitando os animais, dentro de um círculo ao som de tambores e outros instrumentos. O autor afirma que não há como concluir que a Maraná era a Capoeira, mas que ela pode também ter sido uma de suas matrizes formadoras, até pela proximidade que os índios tinham dos negros.

Estudos mais recentes apontam a existência de manifestações semelhantes à Capoeira em outros países que fizeram parte da diáspora negra, como a Ladjá⁸ da Martinica. No entanto, deve ser ressaltado que as culturas são construídas e influenciadas pelo ambiente que

⁸ A Ladjá é uma luta da ilha da Martinica, de matriz africana, que tem algumas semelhanças com a capoeira, como a prática em roda, utilização de palmas e alguns golpes.

as cercam, e, por esse motivo, mesmo sendo comprovada a raiz africana, deve-se reconhecer as mudanças e contribuições ocorridas com a Capoeira aqui no Brasil (BRASIL, 2014).

Atualmente ainda se discute sobre a origem da Capoeira, muito embora alguns pesquisadores tenham apenas conseguido apresentar diferentes manifestações que possam ter contribuído para a sua formação. Na realidade, em nenhuma parte da África ou do mundo fora encontrado algo igual à Capoeira como é praticada no Brasil. Assim, a maioria dos estudos corrobora com a ideia de que ela fora desenvolvida aqui através de rituais africanos (SOUZA, 2006).

Amaral e Santos (2015) explicam que a Capoeira é uma luta ancestral, criada nas senzalas como uma resposta do negro ao sistema escravagista, que era desumano. Ela utilizava da astúcia como a principal arma para lutar contra o opressor, tornando-se uma das mais importantes manifestações de resistência negra do Brasil colonial. Falcão (2004a), em seu estudo, comenta que a maioria das pesquisas sobre historicidade da Capoeira a caracteriza como sendo uma manifestação pluriétnica, entretanto, prevalece a teoria de que ela foi criada aqui no Brasil pelos negros escravizados, mostrando seus primeiros sinais por volta do final do século XVIII.

Reis (2000) ressalta que, por não terem estudos entre os séculos XVI e XVIII, não foram encontrados registros de sua prática neste período, havendo assim uma grande dificuldade em legitimar sua origem antes do século XVIII. Mello (2002) comenta que grande parte desta dificuldade de coletar dados sobre a Capoeira neste período, parte de ações como a do ministro das finanças da República da época, Rui Barbosa, que ordenou incinerar uma grande parte dos documentos sobre a escravidão no Brasil. Entretanto, Vieira (1999) entende esta justificativa como um dos mitos da história da Capoeira, fazendo valorizar ainda mais a autoridade do saber transmitido com a oralidade, do mestre ao discípulo.

Soares (2004) acredita que a temática que trata da origem da Capoeira é muito complexa para ser descrita em poucas palavras, mas que sua construção teve influências de diversas manifestações. No entanto, quando estas manifestações chegaram aqui no Brasil, sofreram uma nova transformação. Acredita-se nessa hipótese, que também é defendida por Capoeira (2006), na qual se afirma que ela é uma mistura de diferentes culturas africanas, mas que só foi possível sua criação quando os africanos foram escravizados e tiveram que conviver entre diferentes etnias aqui no Brasil, dentro das senzalas e quilombos, tendo aqui sua construção e sistematização.

Segundo Soares (2004), embora se discuta a origem da Capoeira como manifestação cultural, sabe-se que a expressão Capoeira teve suas primeiras aparições na literatura

brasileira em páginas de cronistas, como Elísio de Araújo e memorialistas do período imperial, como Hermeto Lima, além de aparecer no clássico de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*. Contudo, o autor destaca que foi na pena dos escrivães de polícia do século XIX que os primeiros pesquisadores desta manifestação vão buscar suas fontes iniciais. O autor cita que:

Durante décadas, foram estes os “literatos” que desenhavam em suas páginas os malabarismos proverbiais do mulato capoeira, a força descomunal do negro africano, o terror do punhal assassino na noite escura. Por mais que orientados pelo olhar da autoridade repressiva, pelo ódio racial, pelo preconceito de classe, eles também deixavam passar, em momentos raros e subliminares, o elogio da coragem, da altivez, do dom de liderança, do companheirismo da malta (SOARES, 2004, p. 35).

De acordo com Adorno (1999), a Capoeira no século XIX merece destaque em três grandes centros brasileiros: Recife, Salvador e Rio de Janeiro, sendo que neste último, ela ganha uma maior expressão, por conta da organização de grupos denominados de maltas⁹, que eram formados por capoeiristas e atuavam em todas as freguesias da corte.

Segundo Soares (2004), a primeira prisão de um negro por motivo “Capoeira”, das milhares que ainda aconteceriam, foi realizada em 10 de setembro de 1810, dois anos após a chegada da família real. Silva (2003) afirma que a partir de 1824 a repressão policial aumentou e tornou-se ainda mais violenta. Os presos eram enviados para os arsenais da marinha, que também serviam como presídios e a partir daí observa-se a prática da Capoeira nos Diques, contribuindo com sua expansão, onde pardos e brancos livres passam também a praticá-la.

Mello (2002) afirma que a Capoeira era praticada exclusivamente pelos negros escravizados até a primeira metade do século XIX, mas com o crescimento de sua prática nos centros urbanos, outros setores da sociedade passam a praticá-la, como ex-escravizados, estrangeiros e até membros da elite.

Embora a Capoeira tenha sido fortemente perseguida em todo o século XIX, foi somente em 1890, no recém instaurado regime republicano, que sua prática foi constituída como contravenção penal¹⁰ (REIS, 2000). Mesmo sendo caracterizada como crime, a

⁹ De acordo com Soares (2004), as maltas de capoeiras eram grupos organizados formados por africanos, crioulos e estrangeiros que se encontravam à margem da sociedade carioca durante o século XIX. Cada grupo tinha suas características e dominavam algum território.

¹⁰ Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem; andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena - De prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único. É considerada circunstância agravante

Capoeira continuou sendo praticada. Com o objetivo de se integrar à sociedade, os capoeiristas passaram a se organizar no início do século XX (SOUZA, 2006).

De acordo com Reis (2000), a Capoeira passou por um processo de difusão por todo o Brasil durante o século XX, tendo como principais responsáveis dois grandes mestres baianos: Bimba (Manoel dos Reis Machado) e Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha). Segundo a autora, os dois mestres, mesmo divergindo nas ideias, pois Mestre Bimba defendia que a origem da Capoeira era baiana e a inclusão de movimentos de outras modalidades nela, enquanto Mestre Pastinha acreditava que a Capoeira havia sido trazida da África e queria mantê-la tradicional, ambos se preocuparam em legitimar socialmente a Capoeira, fazendo com que ela fosse aceita como esporte, pretendendo, assim, tirar sua prática da rua.

De acordo com Silva (2003), Mestre Bimba ao criar a Capoeira Regional, promoveu uma revolução, em busca do reconhecimento da sociedade. O autor cita que, Bimba constitui:

[...] um novo estilo de Capoeira, ou seja, acaba adequando a já formada Capoeira Angola, um jeito mais ligeiro e eficaz, com características marciais, em que o capoeirista é convidado, num espaço e tempo, a demonstrar agilidade e flexibilidade para não se deixar ser tocado ou ferido pelo ataque do companheiro [...] (SILVA, 2003, p. 52).

Mello (2002) destaca que foi no século XX que a Capoeira, mesmo ainda sendo contravenção penal, começou a ser organizada e tratada pelo governo de outra forma, como mais um caminho a se aproximar do povo, tentando assim, conquistar a massa. No final da década de 1930, precisamente em 09 de julho de 1937, Mestre Bimba recebe o alvará de funcionamento para a primeira academia oficial de Capoeira: Centro de Cultura Física e Capoeira Regional da Bahia, expedido pela Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública da Bahia (REIS, 2000).

Capoeira (2006) afirma que com a fundação da academia de Bimba surge uma nova era e a partir de 1950 inicia-se um grande movimento de migração de capoeiristas baianos pelo Brasil afora, sendo o Rio de Janeiro e São Paulo os estados mais procurados. Mello (2002) acredita que com essa maior expansão, surgiram os grupos de Capoeira, sistema pelo qual a Capoeira se organiza até os dias atuais.

Reis (2000) e Mello (2002) destacam o processo de esportivização da Capoeira, que teve seu ponto forte na década de 1970, onde o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1972 reconhece oficialmente a Capoeira como esporte e, em 1973, a Confederação Brasileira

pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro. [...] (BARBIERI, 1993).

de Pugilismo a reconhece como modalidade esportiva. Capoeira (2006) cita que nesta mesma época, vários campeonatos de Capoeira foram realizados e federações estaduais foram fundadas. Compreende-se aqui a influência do contexto social na Capoeira, onde durante a ditadura o esporte foi bastante utilizado como instrumento político.

Costa (2000) chama a atenção para o lado negativo do grande crescimento que a Capoeira teve e pelos caminhos que seguiu, onde na sua concepção, acabou incorporando em sua prática diversas influências, foi “embranquecida”, desvinculando de sua prática aspectos culturais tradicionais do povo negro, provocando a falta da resistência cultural afro-brasileira, principalmente para quem não consegue ter um olhar crítico do que acontece na cultura negra em geral. Tais observações foram e são necessárias para que capoeiristas e estudiosos da arte estejam sempre atentos a tudo que pode influenciar a Capoeira.

O processo histórico da Capoeira é denso e rico, resistindo ao longo dos anos e conquistando cada vez mais espaços na sociedade. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), esta manifestação de múltiplas dimensões extrapolou o território nacional e já se estende a mais de cem países, tornando-se pouco viável a contabilização do seu número de praticantes (BRASIL, 2014).

Capoeira (2006) ressalta um fator importante para sua expansão no exterior, que é a predominância dos “megagrupos”, que são grupos de Capoeira que possuem centenas de integrantes espalhados no Brasil e exterior, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da Capoeira no mundo. Ele também cita outras características que a Capoeira adquiriu a partir da década de 1990, como o grande número de teses e dissertações que passaram a surgir sobre a temática, o aumento de praticantes entre 03 e 10 anos de idade e uma maior discussão sobre a Capoeira nas escolas.

Falcão (2004a) discute e problematiza um termo que também surgiu nas últimas décadas no mundo capoeirístico, onde um número significativo de líderes de grupos se autodenominou praticante de novo estilo de Capoeira, o qual chamam de “Capoeira contemporânea”. Segundo o autor, este segmento tornou-se predominante no contexto mundial da Capoeira, onde mestres aplicam fundamentos tanto da Capoeira Regional, quanto da Capoeira Angola em suas aulas e rodas, além de uma grande variação e diferenciação de movimentos corporais destas duas linhagens da Capoeira. Contudo, ele acredita que não seja um novo estilo, mas sim uma nova forma de desenvolver seus fundamentos, sem se contrapor à Capoeira Angola e Regional, nem tentando superá-las, pois neste contexto contemporâneo elas também estão inseridas. Entendemos que o autor consegue definir bem o que seria este novo estilo e que atualmente a maioria dos grupos utiliza este formato.

Para muitos, a Capoeira é considerada como a verdadeira embaixadora brasileira no exterior, devido ao número de praticantes em todas as partes do mundo e por ser um potencial meio de expansão da língua, dos hábitos, da cultura e do folclore de nosso país. Porém, foi somente em 2008 que a Capoeira foi reconhecida, pelo IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, através do registro das Rodas de Capoeira no Livro das Formas de Expressão e do Ofício dos Mestres de Capoeira no Livro dos Saberes (LUSSAC; TUBINO, 2009). Depois do reconhecimento em nível nacional, a Capoeira teve em 26 de novembro de 2014, seu reconhecimento mundial quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) registrou a Roda de Capoeira como patrimônio cultural da humanidade.

Assim, mesmo com esta sintetizada retrospectiva histórica, finalizamos nosso primeiro jogo na roda propondo uma reflexão crítica sobre todos os percalços que a Capoeira atravessou, desde sua origem num contexto de guerra contra o sistema escravagista no Brasil colonial, até sua expansão por todo o mundo, sendo valorizada e reconhecida como patrimônio nacional e mundial. Embora reconheçamos que, por sua relação intrínseca com a cultura africana e com a classe mais abastarda da sociedade ainda sofra preconceitos, é notório seus avanços em todos os setores sociais, dentre os quais, os espaços de educação formal, principalmente por apresentar em sua história essa surpreendente luta por liberdade, tornando-se assim, uma importante e singular ferramenta educacional.

Como a possibilidade metodológica que apresentamos neste estudo está totalmente relacionada com a historicidade desta manifestação, além de atingirmos o primeiro objetivo específico proposto, a síntese histórica aqui construída também poderá ser utilizada como base teórica para a prática pedagógica daquele professor que optar por utilizar nossa proposta. Entretanto, para uma melhor compreensão de como a Capoeira adentra a escola, se faz necessário entender como se deu sua relação com a Educação Física.

3.2 RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Seguindo na mesma linha de pensamento, entendemos ser importante inicialmente contextualizarmos historicamente as duas áreas de estudo em questão, Capoeira e Educação Física, para procurarmos entender melhor como e quando surgiram as primeiras iniciativas em relacionar estas duas áreas do conhecimento, e assim, apresentarmos o que se tem de mais relevante hoje - de acordo com nosso entendimento - sobre propostas metodológicas do ensino de Capoeira para a Educação Física Escolar.

De acordo com Falcão (2004b), a primeira referência histórica que pode-se pensar como iniciativa de relacionar a Capoeira com a área de Educação Física parte de Mello Moraes Filho, que na década de 1890 já ensaiava um discurso em transformar a Capoeira em esporte nacional. Entretanto, é em 1907 que é publicada a primeira obra relacionando as duas áreas, com o título de *Guia do Capoeira* ou *Gymnastica Brasileira*, onde um autor anônimo busca sistematizar a prática da capoeiragem como um método nacional de ginástica.

No mesmo estudo, Falcão (2004b) apresenta que em 1928 foi publicado um artigo, pelo escritor Coelho Neto, propondo a inclusão da Capoeira nas escolas e um livro contendo regras para o jogo esportivo da Capoeira, intitulado *Ginástica nacional (capoeiragem): methodisada e regradada*, escrito por Aníbal Bulamarque, um oficial da Marinha do Rio de Janeiro. O autor tece críticas a estas iniciativas, afirmando que as mesmas

[...] expressam uma concepção elitista de educação e estavam sintonizadas com os códigos nacionalistas, higienizadores e eugênicos que hegemonicamente impregnaram as propostas e os programas para a educação brasileira do final do século XIX e início do século XX (FALCÃO, 2004b, p. 158).

Para Campos (2001a), Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional, considerado por muitos como o primeiro educador da Capoeira, teve contribuição significativa para aproximar estas duas áreas de estudo. Almeida (1994) cita que, em 1937, Mestre Bimba foi reconhecido pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública da Bahia como instrutor de Educação Física, mesmo ano em que recebeu o alvará de funcionamento de sua academia.

De acordo com Falcão (2004b), além de Mestre Bimba, que na primeira metade do século XX criou um método de ensino para a Capoeira e inseriu em suas aulas vários procedimentos didáticos, como uma sequência de ensino e elementos acadêmicos (formatura, especialização, orador, paraninfo), Mestre Pastinha também merece destaque no que se refere à elaboração de proposta pedagógica para o ensino da capoeiragem. Pastinha se tornou o responsável em difundir a Capoeira Angola, agregou em suas aulas “[...] alguns conceitos que a emolduraram, como os de mandinga, malícia, brincadeira, religiosidade, que passaram a ser assumidos como componentes da tradição da Angola.” (FALCÃO, 2004b, p.159).

Falcão (2004b) cita outra obra de Inezil Penna Marinho publicada em 1945, que, seguindo a mesma linha da obra de Bulamarque, tenta criar um método de ginástica brasileira usando como base a Capoeira. Segundo o autor, as iniciativas supracitadas de pedagogizar o ensino da Capoeira, mesmo representando uma concepção da elite da época, não conseguiram ser aceitas e muito menos se difundirem país afora.

Campos (2001a) também enfatiza a relação histórica entre Capoeira e Educação Física, onde destaca mais duas obras que aproximam as duas áreas: uma em 1980, do Mestre Carlos Senna, intitulada *Capoeira: arte marcial brasileira*. Logo depois, em 1982, Inezil Penna Marinho lança um projeto denominado de *Ginástica Brasileira*.

Com o objetivo de contextualizar o panorama da Educação Física brasileira com o percurso histórico-social da Capoeira, Darido e Iorio (2005) realizaram um estudo no qual relacionam as duas áreas em três períodos distintos, de acordo com ideais de cada época. O período Higienista/ginástico (início do século XX até início da década de 1940), os autores destacam a grande influência sofrida pela Educação Física dos métodos de ginástica europeus, além de ter seu objetivo centrado na melhoria da saúde e ter forte ligação com os militares, ao tempo em que a Capoeira também já teria sido citada como “Ginástica nacional” e suas primeiras academias apareceram nesta época.

O período Técnico/esportivo (décadas de 1960 e 1970) foi marcado pelo caráter esportivo da Educação Física, onde foi dada ênfase às competições esportivas. Da mesma forma, a Capoeira neste período foi considerada esporte nacional, vinculando-se à Confederação Brasileira de Pugilismo e realizando suas primeiras competições.

O último período destacado pelos autores é o das Novas perspectivas/cultura corporal (décadas de 1980 e 1990), fase em que na Capoeira se começou a valorizar os mestres antigos e foi fundada a Confederação Brasileira de Capoeira; enquanto a Educação Física passou a valorizar as pesquisas na área e a diversificar as práticas corporais.

De acordo com Lussac e Tubino (2009), a Capoeira sofreu influência direta com as transformações ocorridas no campo da Educação Física e esporte, sendo que é inegável sua importância na história e cultura do Brasil. Entretanto, ambos os campos também foram influenciados pelas mudanças no contexto social, político e cultural do século XX, como a esportivização.

Segundo Souza e Oliveira (2008), na década de 1980 surgem novas propostas pedagógicas no campo da Educação Física, as quais os autores chamam de “metodologias emergentes”. Estas concepções trazem princípios educativos mais abrangentes e formativos, se contrapondo às vertentes mais tradicionais, e trazem para a discussão a necessidade de se ampliar os conteúdos da Educação Física Escolar. Desta forma, a Capoeira é citada e indicada por diversos autores desse movimento renovador, dentre os quais, uma obra intitulada *Metodologia do Ensino da Educação Física* (SOARES *et al.*, 1992).

Amplamente conhecida e estudada na área da Educação Física Escolar, a obra de Soares *et al.* (1992) foi construída por um coletivo de autores e defende a inclusão da

Capoeira como um dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas, resgatando-a como manifestação cultural, sem desvinculá-la de suas raízes históricas, políticas e culturais. Os autores advertem para o tratamento exclusivamente técnico dado a outras manifestações e para o cuidado de não transformar a Capoeira em apenas mais uma modalidade esportiva.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação - Lei nº 9.934/96 - traz novas perspectivas para a Educação Física, reconhecendo seu valor como componente curricular em seu artigo 26. Assim, ela também favorece a inserção da Capoeira no contexto escolar como um dos conteúdos a serem abordados, fazendo com que os estudiosos se preocupassem em estruturá-la como conteúdo do Ensino Fundamental e Médio (SOUSA; OLIVEIRA, 2001).

Em 1998, o Ministério da Educação lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), documento norteador da Educação Física Escolar para todo o país. Nele a Capoeira consta como uma temática a ser abordada nos Ensinos Fundamental e Médio, sendo classificada como um tema da área de Lutas, embora em alguns trechos destinados aos anos finais do Ensino Fundamental ela também seja mencionada na área das Atividades Rítmicas e Expressivas (BRASIL, 1998).

A criação da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que torna obrigatório no ensino fundamental e médio a abordagem do tema “História e Cultura Afro-brasileira”, também teve um papel significativo para a inserção da Capoeira nas escolas brasileiras (BRASIL, 2003).

Em 2018 foi homologada a nova BNCC, e infelizmente a Capoeira, mesmo apresentando todas as especificidades descritas anteriormente e sua identidade estando diretamente ligada ao povo brasileiro, ela é entendida no documento apenas como mais uma luta a ser abordada nos anos finais do Ensino Fundamental.

Contudo, como já citado no primeiro capítulo, existem diversas contradições e confusões na BNCC, ficando as interpretações a cargo de quem a lê criticamente. Autores conceituados na área da Educação Física já tecem críticas à forma de como foi organizada a última versão da BNCC, em que, segundo Betti (2018), os elementos que tratam das questões histórico-políticas da Educação Física foram excluídos. Neira (2018) cita que foi um retrocesso para a Educação Física, tanto político quanto pedagógico, além da notória ausência da criticidade no documento.

Compreendemos que era necessário a formulação de um documento como este para nossa área, contudo, temos que ser críticos e reflexivos no momento de estudá-lo e aplicá-lo, pois a partir deste novo documento normatizador - BNCC -, os professores devem se basear nele, para então elaborar suas propostas de intervenção pedagógica para os diversos temas da

cultura corporal, inclusive a Capoeira. E como documento normatizador da área, este não traduziu os avanços que a Capoeira já tinha alcançado na Educação Física Escolar. Mas as brechas pedagógicas existem na autonomia do planejamento do professor.

Com esta breve relação histórica entre as duas áreas que apresentamos, expomos ao participante da roda (leitor) que os dois campos de estudo mantiveram uma ligação próxima durante suas trajetórias. Em alguns momentos se aproximam ao ponto de ser quase um só e em outros momentos se distanciam, mas estando sempre por perto. Em nosso estudo, especificamos a Capoeira como parte da Educação Física Escolar, sendo assim, se faz necessário entender como as pesquisas estão neste aspecto.

3.3 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para melhor fundamentarmos nossa pesquisa, realizamos um levantamento dos trabalhos produzidos sobre Capoeira, relacionados com a Educação Física Escolar, com o intuito de encontrar nesta produção acadêmica (pesquisas que se aproximem do tema por nós abordado), especificamente, propostas pedagógicas para o ensino da Capoeira no Ensino Fundamental, ou na Educação Infantil, nas aulas de Educação Física. Para isso, recorremos ao portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entretanto, selecionamos apenas os periódicos estratificados com o QUALIS CAPES A1, A2, B1 e B2, da área de Educação Física, escritos em língua portuguesa do Brasil, por compreendermos serem mais qualificados para nossa área acadêmica.

Sendo nossa pesquisa realizada entre outubro e dezembro de 2019, encontramos as seguintes revistas (Quadro1), nas versões online, para nosso cenário de busca:

Quadro 1 – Relação dos Periódicos Seleccionados

ESTRATO QUALIS CAPES	PERIÓDICOS
A2	Movimento
B1	Motricidade
B1	Motriz: Revista de Educação Física
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
B1	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte
B1	Revista da Educação Física (UEM.)
B2	Interface - Comunicação, Saúde, Educação
B2	Licere (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online)
B2	Motrivivência (Florianópolis)
B2	Paidéia (USP. Online)
B2	Pensar a Prática (Online)
B2	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde
B2	Revista Brasileira de Ciência e Movimento

Fonte: Criado pelo autor (2020)

Utilizando o descritor “Capoeira”, iniciamos nossa pesquisa nos periódicos com os seguintes critérios de inclusão: o descritor deveria estar presente no título do trabalho e o recorte temporal foi dos últimos 10 (dez) anos, compreendendo os trabalhos de 2009 a 2019. Além disso, os estudos deveriam fazer relação com Educação Física Escolar e metodologia de ensino.

Destacamos que dezenas de estudos foram encontrados o que mostra o quanto se tem produzido sobre a temática Capoeira. No entanto, após analisarmos de uma forma objetiva os títulos encontrados e realizar a leitura dos resumos dos artigos pré-seleccionados, apenas um artigo atendia nossos critérios: *Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores*, estudo publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, em seu volume 33, número 4, de 2011, com autoria de Paula Cristina da Costa Silva. Contudo, o trabalho tem foco na formação continuada de professores de Educação Física da rede pública de ensino do estado de São Paulo, a partir da preocupação em se inserir a Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar, onde foi realizado um curso de

Capoeira e discutidos os processos de ensino e aprendizagem nele desenvolvidos, sem abordar aspectos metodológicos específicos para o Ensino Fundamental.

Para nossa surpresa, não conseguimos encontrar nenhum artigo que abordasse a Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar, propondo ou mesmo analisando uma metodologia de ensino para esta manifestação cultural dentro do Ensino Fundamental. Isso torna ainda mais relevante nosso estudo.

A partir dessa constatação, buscamos em livros de metodologia de ensino produzidos na Educação Física, os que tratavam do ensino da Capoeira.

3.3.1 Propostas Pedagógicas sobre o Ensino da Capoeira por Professores Capoeiristas

Somos conhecedores da existência de diversas obras que propõem metodologias de ensino para a Educação Física Escolar (SOARES *et al.*, 1992; TANI *et al.*, 1998; FREIRE DA SILVA, 1989; MATTOS; NEIRA, 2000; KUNZ *et al.*, 1998; KUNZ *et al.*, 2004; NAHAS, 2001; BETTI, 1991; GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; BRASIL, 1997; BRASIL, 1998; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014; DARIDO; SOUSA JÚNIOR, 2007; DARIDO, 2011; DARIDO *et al.*, 2018), livros estes que norteiam os professores nas escolas e são bastante difundidos nas formações iniciais e continuadas.

Selecionamos 04 (quatro) destas obras as quais compreendemos serem referenciais na área, que se propuseram a elaborar propostas metodológicas para a Capoeira na escola, com um maior grau de especificidade, dentre as quais, uma que já se adequou aos elementos recém elaborados da BNCC. Outro aspecto levado em consideração para a escolha das obras foi o contato que tive com elas durante minha formação acadêmica, na graduação e pós-graduação, além de também sempre serem indicadas em minhas formações continuadas e estarem presentes como referências de estudo para concursos da área.

São elas: *Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura* (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014); *Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola* (DARIDO; SOUSA JÚNIOR, 2007); *Educação Física Escolar: compartilhando experiências* (DARIDO, 2011); *Práticas Corporais: Educação Física* (DARIDO *et al.*, 2018).

Dos livros selecionados, apenas o intitulado *Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas de Aventura* traz a temática, mas não é especificamente direcionado para as aulas de Educação Física Escolar como disciplina da matriz curricular, porém, no tempo de atividades formais que poderiam acontecer na escola, e

ser aproveitado também na disciplina. Trata-se de uma coleção publicada em 2014, organizada pelo Programa Segundo Tempo (PST), da Secretaria Nacional do Esporte, que visa subsidiar profissionais que trabalham com esporte educacional, na Escola ou outras instituições.

Esta coleção reserva um capítulo dedicado à Capoeira, trazendo seus aspectos históricos, rítmicos e técnicos, além de estruturar um programa com 10 aulas. Para a parte específica da Capoeira contou-se com a colaboração da professora capoeirista Luciana Maria Fernandes Silva. Abaixo, segue o Quadro 2, com o que os autores acreditam ser pontos fundamentais para os alunos aprenderem na escola sobre Capoeira:

Quadro 2 – Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura

ASPECTOS ESSENCIAIS A SEREM ENSINADOS SOBRE A CAPOEIRA					
Origem e histórico da Capoeira: da proibição ao patrimônio cultural	A contribuição dos negros na sua construção cultural	Elementos constituintes: movimentos básicos da Capoeira	Vertentes da Capoeira Angola (Mestre Pastinha) e Regional (Mestre Bimba)	A roda da Capoeira : regras básicas	Instrumentos e musicalidade

Fonte: González; Darido; Oliveira (2014)

Este livro, por ter sido divulgado amplamente em todo território nacional com o PST, teve uma contribuição significativa para que os professores de Educação Física ampliassem seu olhar no intuito de trabalhar com a Capoeira, pois foram realizadas várias formações sobre os conteúdos que o programa se propunha a trabalhar.

Na obra *Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola* (DARIDO; SOUSA JÚNIOR, 2007), publicada pela editora Papirus, também se encontra um capítulo específico sobre a Capoeira. Neste livro, os autores contaram com a colaboração de 04 (quatro) professores para contribuírem com possibilidades pedagógicas de intervenção nas aulas de Educação Física Escolar, sendo a proposta para a Capoeira fundamentada e embasada numa versão escrita pelo professor capoeirista Laércio Schwantes Iório.

Os autores destacam os aspectos históricos da Capoeira, suas especificidades, movimentos técnicos, instrumentos e musicalidade como essencial para se ensinar na escola, assim como, demonstra o Quadro 3.

Quadro 3 – Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de Intervenção na Escola

CAPOEIRA				
A origem da Capoeira	Capoeira Angola e Capoeira Regional	A ginga e alguns golpes de ataque e defesa	Golpes de defesa	Instrumentos e música na Capoeira

Fonte: Darido e Souza Júnior (2007)

Tive acesso a este livro na graduação e fiquei positivamente surpreso, pois foi a primeira vez que vi a Capoeira ter um destaque em uma obra destinada a professores de Educação Física Escolar, criando reais possibilidades metodológicas de se trabalhar com a Capoeira nas aulas, caso o professor tivesse formação específica na arte.

O livro *Educação Física Escolar: compartilhando experiências* foi publicado em 2011 e conta com sugestões de aulas oriundas de professores integrantes do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF). Organizado pela professora Suraya Darido, o capítulo destinado à Capoeira foi escrito pelo professor capoeirista Odailton Pollon Lopes.

A obra destaca desde a trajetória histórica da Capoeira, passando pelos movimentos técnicos, instrumentos musicais e cantigas, até a reflexão sobre temas como ecologia, desenvolvimento sustentável e *bullying*. O Quadro 4 representa os temas propostos para as aulas de Capoeira.

Quadro 4 – Educação Física Escolar: Compartilhando Experiências

CAPOEIRA	
Capoeira e sua musicalidade.	Histórico da Capoeira.
Os instrumentos musicais utilizados na Capoeira.	Capoeira Angola, Regional e Contemporânea.
Confecção dos instrumentos.	Capoeira, ecologia, cultura, educação e desenvolvimento sustentável.
Origem da Capoeira	Capoeira e inclusão: gênero, mestiçagem e deficiente físico.
A ginga.	Capoeira a favor da educação <i>versus</i> <i>bullying</i> .
Golpes de ataque e defesa na Capoeira.	Roda de Capoeira e seus rituais.

Fonte: Darido (2011)

Realmente o livro coloca a Capoeira em destaque, destinando mais de 50 (cinquenta) páginas especificamente a ela, sintetizando de forma eficiente seus aspectos históricos e

alguns elementos que a caracterizam, sendo uma boa opção para o professor de Educação Física, com experiência na Capoeira, utilizá-lo como base em suas aulas.

Finalizando a apresentação das propostas selecionadas, segue o livro *Práticas Corporais: Educação Física*, organizado por Darido *et al.* (2018) e publicado pela editora Moderna em 2018. A obra já segue a orientação da BNCC a partir dos objetivos de aprendizagem propostos para o componente Educação Física. É importante ressaltar que trata-se de uma coleção onde os autores sistematizaram os conteúdos para todo o Ensino Fundamental, sendo que a Capoeira só aparece como proposta nas aulas para o 7º (sétimo) ano, na unidade temática Lutas.

No livro, os autores subdividem o tema Capoeira de acordo com os aspectos da BNCC, como mostra o Quadro 5.

Quadro 5 – Práticas Corporais: Educação Física (6º a 9º anos)

CAPOEIRA, UMA LUTA BRASILEIRA		
Análise e compreensão	Experimentação e fruição	Construção de valores
História e características da Capoeira.	Os golpes; Pega-pegas; A roda.	Capoeira para todos.

Fonte: Darido *et al.* (2018)

Ao realizar uma breve análise das obras podemos perceber alguns pontos em comum presentes em todas: os aspectos históricos da Capoeira são valorizados, assim como os aspectos rítmicos e a base técnica. Ressaltamos que não é nossa intenção avaliar nenhuma das propostas apresentadas, contudo, destacamos alguns aspectos que entendemos serem relevantes, pois em nossa compreensão, dificultam a abordagem da Capoeira pelos professores de Educação Física Escolar em suas aulas.

Também podemos verificar facilmente que apenas uma obra – *Práticas Corporais: Educação Física* (6º a 9º anos) – traz uma sistematização, sugerindo para que ano a aula deva ser aplicada, de modo que nas outras obras, mesmo trazendo um conteúdo mais abrangente, a sistematização nesse sentido não aparece. Outro fator que merece destaque é que nenhuma obra se referiu, de maneira específica, aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Todas as propostas utilizam, em algum momento, os jogos e brincadeiras, mas na maioria dos casos, sem contextualizar com os níveis de ensino ou mesmo com os objetivos propostos na aula.

Como proposto no segundo objetivo específico, foi realizada a análise das propostas metodológicas para o ensino da Capoeira na Educação Física Escolar, já elaboradas, e que

compreendem-se serem consistentes. Este estudo também se propõe a apontar os aspectos formativos que contribuíram para minha atual prática docente, desta forma, se faz necessário inicialmente dissertar sobre formação e prática docente, elementos indissociáveis da construção de novos saberes.

3.4 A FORMAÇÃO E A AÇÃO DOCENTE NO REFAZER DO SABER DA PRÁTICA

As pesquisas sobre formação e prática docente surgem no cenário internacional na década de 1980, enquanto que aqui no Brasil, só na década de 1990 iniciam-se as discussões sobre a prática pedagógica, buscando a compreensão a respeito dos saberes docentes a serem ensinados/aprendidos no conteúdo escolar (NUNES, 2001).

Adentrando a esta temática, trazemos um questionamento levantado por Nóvoa (2009), o qual problematiza o que seria um “bom professor”. No texto, o autor destaca que há tempos procuram-se as características do que seria um professor ideal. Segundo seu estudo, a partir da década de 1950, os estudiosos chegam a uma tríade que fundamentou durante muitos anos essa linha de estudo, que seriam, em outras palavras, as dimensões conceituais (conhecimento), procedimentais (capacidades) e atitudinais (atitudes). Na década de 1990 surge um novo conceito, que são as competências, que fizeram parte dos processos de formação durante os últimos anos, mesmo mantendo, de acordo com o autor, suas raízes comportamentalistas.

Em seu texto, Nóvoa (2009) apresenta um novo conceito, disposição, e propõe uma formação de professores diretamente relacionada com a profissão docente, pois acredita que atualmente há um distanciamento entre as duas nos processos de formação. O autor aponta cinco aspectos para se refletir na formação docente: conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social.

Entendemos ser relevante refletirmos sobre os saberes do professor para podermos compreender melhor quais fatores devem ser levados em consideração na formação docente. Tardif (2002), em sua obra *Saberes docentes e formação profissional*, apresenta um quadro (Quadro 6) que aponta quais seriam esses saberes, como são adquiridos e como se relacionam com o trabalho docente.

Quadro 6 – Os Saberes dos Professores

Saberes dos professores	Fontes sociais de aquisição	Modos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores	A família, o ambiente da vida, a educação no sentido lato, etc.	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Fonte: Tardif (2002)

Segundo Tardif (2002), o quadro apresenta a diversidade dos saberes docentes, destacando o caráter social destes saberes, onde também são provenientes do mundo ao seu redor, de suas experiências fora do cotidiano formal e profissional. Desta forma, “[...] o saber profissional está na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros lugares de formação, etc.” (TARDIF, 2002, p. 64).

Freire (1996) também discorre sobre os saberes fundamentais à prática educativa, em sua obra ele destaca que é necessário para o professor compreender que: não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento; ensinar é uma especificidade humana. O

autor explica que a formação docente deve estar conectada com a reflexão crítica da prática, favorecendo assim a autonomia dos educandos.

Ressaltamos então a importância de se refletir sobre a própria prática a partir da análise, compreensão, interpretação e intervenção sobre a realidade, permitindo assim, com que o professor verifique suas teorias subentendidas, suas atitudes, suas intencionalidades. Desse modo, ocorre um constante processo de (auto)formação que norteará seu trabalho pedagógico (IMBERNÓN, 2011).

Para os professores que não refletem sobre sua prática, é comum a aceitação da rotina de suas escolas, além de se esquecer que sua realidade é apenas uma das muitas outras que existem. Estes professores tendem a focar em métodos mais eficazes de alcançar seus objetivos, sem levar em consideração que estes foram escolhidos por terceiros, acabando por não mais lembrarem para que realmente trabalham (ZEICHNER, 1993).

A ideia do professor reflexivo surge em paralelo à concepção de professor-pesquisador, que teve início no contexto da reforma curricular inglesa ocorrida na década de 1960. Visando combater um pensamento educacional tecnicista e tradicional, que separava quem pensa de quem executa, foi elaborada uma proposta de formação reflexiva na qual o professor-pesquisador, a partir de suas experiências no contexto escolar, superasse o tecnicismo do ensino (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015).

Quando o conhecimento adquirido ao longo do tempo, nos mais variados contextos é valorizado pelo professor, ele consegue possibilitar aos educandos o desenvolvimento de um pensamento crítico, intensificando também a aprendizagem a partir de outras possibilidades de ensino, além de despertar sentimentos e sensibilidades, fazendo também com que valores, atitudes e habilidades sejam adquiridos (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015).

Nos últimos anos, vários estudiosos da formação docente têm adentrado no universo das histórias de vida dos professores. Quando um docente se lembra de como foi sua aprendizagem, dos percalços que ele passou, ele se sensibiliza na forma de aprendizagem de seus alunos. Cada professor traz uma concepção de educação específica e quando ele visita sua memória, consegue refletir sobre sua prática e assim repensá-la. Quando narra suas experiências de forma reflexiva, ensina e aprende, promovendo uma (auto)formação e contribuindo para a formação de outros docentes (SOUZA; FREITAS; XAVIER, 2017).

Um educador que pesquisa sua prática, reflete sobre ela e assim pode possibilitar melhores formas de efetivar o processo de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, a partir de um dos saberes indispensáveis à prática docente defendido por Freire (1996), o autor adverte que:

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições: um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transmitir conhecimentos (FREIRE, 1996, p. 52).

Nesse sentido, uma narrativa de vida profissional sobre formação docente, ao descrever essa trajetória pode ser possível perceber quais foram os caminhos de sua profissionalização, e assim, tanto o professor-pesquisador, quanto outros professores conhecendo esses dados podem refletir sobre os aspectos que influenciaram esta formação. E consequentemente, repensarem sua prática pedagógica atual. Atingem então, as peças fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, os alunos (SANTOS; GARMS, 2014).

Nesta parte da roda (pesquisa) apresentamos a importância dos diversos saberes para a formação de um professor, assim como a necessidade da reflexão constante para o refazer da sua prática. Nesse sentido, uma das principais características da proposição metodológica que apresentamos em nosso estudo é fruto dos saberes da experiência, estudo e reflexão, e que requer a ludicidade como estratégia de ensino da Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar.

3.5 A LUDICIDADE DO JOGO E BRINCADEIRA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

No campo da Educação Física, as pesquisas realizadas no contexto escolar pelos sujeitos que vivem aquele cotidiano - os professores - compartilham práticas pedagógicas que valorizam os fazeres criados e recriados neste cotidiano, apresentando as diversas relações presentes na sua construção, aplicação e avaliação, destacando assim a relevância da relação entre docente e discente no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo dessa forma para uma reflexão profissional sobre o que está se fazendo na escola (FALCÃO *et al.*, 2012).

Betti e Gomes-da-Silva (2018) trazem uma reflexão ampliada para a área de formação docente em Educação Física Escolar. Os autores compreendem que, “o que ensinar” e “como ensinar”, necessitam de uma atualização pedagógica contínua, caso contrário assumem o risco de fracasso e não mais produzirem aprendizagens expressivas. Os autores apresentam como proposta:

[...] a aula de Educação Física como um espaço/tempo estruturado para o jogo. Um espaço coletivo e cultural, que não inicia ou finaliza com a aula isoladamente, mas que considera a educação lúdica do homem. Trata-se de um espaço político-educativo de promoção do humano que favoreça vivências integradoras, estimulando a curiosidade, criatividade, sensorialidade, sensibilidade e criticidade (BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2018, p. 63).

Os autores entendem o jogo como um fenômeno cultural, o qual possibilita situações lúdicas de movimento, tornando-o conteúdo autônomo da Educação Física, entendendo os outros conteúdos (esportes, lutas, ginástica, danças) como narrativas socioculturais do jogo (BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2018).

De acordo com Freire (2009), o jogo como instrumento pedagógico aplicado nas aulas de Educação Física Escolar possui múltiplas funções, dentre as quais, possibilitar o aprendizado utilizando brincadeiras, sem desconsiderar os aspectos sociais. Para o autor, o jogo aproxima-se muito do trabalho quando utilizado como uma maneira de se ensinar às crianças determinados conteúdos.

Para Kishimoto (2000), a utilização do jogo como recurso pedagógico, além de contribuir para a formação integral dos alunos, possibilita uma forte interação social, desenvolve a noção de liberdade, criatividade, criticidade e honestidade, tendo em vista seu compromisso de transformação do meio.

O jogo e a aprendizagem são intrínsecos, todo jogo pode ter o viés “educativo”, fica na responsabilidade do professor desenvolver este aspecto, dar-lhe um trato pedagógico. Desta forma, as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I devem ter o jogo como procedimento de ensino, pois ele deve ser conteúdo e estratégia ao mesmo tempo, fazendo com que a alegria prevaleça no processo de ensino e aprendizagem (BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2018).

Além de ser um excelente instrumento de aprendizagem, a utilização de atividades lúdicas faz com que as crianças se interessem por qualquer atividade, até mesmo aquelas menos interessantes, pois elas trazem junto o ato de brincar, algo que atrai as crianças, conseguindo assim, com que elas concentrem sua atenção na atividade (KISHIMOTO, 2000).

Moyles (2002) acredita que quando uma criança brinca, seu corpo e seu cérebro são estimulados e ficam em constante atividade. Ela sente-se motivada a compreender e dominar o que já lhe era familiar, assim como dar respostas ao que lhe é novo, adquirindo assim novas habilidades e conhecimentos. A aprendizagem torna-se alegre e prazerosa, sendo este já um motivo suficiente para que o brincar seja valorizado como instrumento pedagógico.

Para Moyles (2002), os benefícios provenientes do ato de brincar estão cada vez mais aumentando, entretanto, ela acredita que outros aspectos ainda necessitam ser incorporados. De acordo com ela:

O brincar ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmo e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e a ser empático com os outros. Ele leva as crianças e os

adultos a desenvolver percepções sobre as outras pessoas e a compreender as exigências bidirecionais de expectativa e tolerância. As oportunidades de explorar conceitos como liberdade existem implicitamente em muitas situações lúdicas, e eventualmente levam a pontos de transposição no desenvolvimento da independência (MOYLES, 2002, p. 22).

Há mais de um século os educadores já valorizam a ludicidade, pois, de uma forma mais simples, o brincar faz com que a criança explore seus próprios potenciais e limites, possibilitando também com que as habilidades físicas e mentais sejam desenvolvidas (MOYLES, 2002). A autora aponta 08 (oito) princípios em sua obra sobre o brincar, destacando a importância do brincar orientado dentro da escola, e que este deve ser visto como um processo e não, necessariamente como um resultado. Ele precisa ser diferente do brincar em casa, para que assim, seja significativo para sua aprendizagem e valorizado pelos pais. Ela acredita que o brincar é um excelente meio de aprendizagem.

Com a Capoeira também há a mesma compreensão sobre a importância do brincar, sobretudo nas aulas para crianças. De acordo com Silva e Heine (2008, p. 51), nesta faixa etária, a Capoeira não pode ser vista como uma obrigação, pois pode se tornar desinteressante, ela “[...] deve estar sempre repleta de elementos lúdicos, de sonhos e de sentimentos de liberdade, deve acontecer a partir do brincar e do jogar”.

Silva e Heine (2008) desenvolveram um estudo onde sugerem alguns jogos e brincadeiras, além de outros aspectos, para se trabalhar nas aulas, entretanto, tais jogos e brincadeiras estão associados a uma aula específica de Capoeira, ou seja, com movimentos técnicos e/ou estilizados da manifestação, nomenclatura utilizada por grupos e com o objetivo de trabalhar com a ludicidade visando ensinar Capoeira, diferentemente desta proposta. Sobre o brincar os autores discorrem que:

O ato de brincar também está diretamente relacionado à capacidade humana de sonhar. Não o sonho que temos quando dormimos, mas os sonhos que temos quando estamos acordados. Sonhos de conquistar novos horizontes, uma vida melhor e realizar projetos. Aqueles sonhos que compartilhamos com nossos melhores amigos e nossa família. A capacidade de sonhar em nós depende da nossa criatividade, do nosso ânimo, da nossa coragem e da nossa capacidade de superação. (SILVA; HEINE, 2008, p. 50).

Deste modo, entendemos ser de grande relevância as práticas pedagógicas que utilizam o jogo, o brincar, ou seja, atividades lúdicas, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tornando assim necessária uma formação profissional no campo da Educação Física Escolar que valorize esta forma de prática.

Com os conhecimentos apresentados até este momento da roda (estudo), esperamos ter preparado o participante (leitor) para os próximos jogos. Em nosso próximo capítulo adentramos minha história de vida, capoeirística e acadêmica.

4 REVISITANDO A MINHA ENTRADA NA RODA: EXPERIÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS DOS SABERES DA PRÁTICA COM OS ACADÊMICOS

Nesse momento da roda, os jogos que ocorreram tiveram o objetivo de descrever qual o percurso tive que percorrer para chegar à concepção que tenho hoje sobre Capoeira e como ela pode ser utilizada nas aulas de Educação Física, apresentando elementos de intervenção pedagógica com a Capoeira para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, discorrerei sobre minha formação capoeirística, fazendo um paralelo com a educação formal, onde caminharei desde as aulas de Educação Física que vivenciei como aluno na Educação Básica, até o mestrado, passando pela graduação, especialização e formação continuada nas duas áreas.

Segundo Bezerra (2000), é necessário entender a trajetória de vida de professores para enfocar perspectivas de experiências renovadoras, trazendo elucidações e novos caminhos para a renovação curricular. Também foi possível desvendar e revelar como a dimensão pessoal e a dimensão profissional se cruzam e são interdependentes de diferentes fatores ao longo da existência passada.

4.1 “MENINO QUEM FOI TEU MESTRE?”¹¹

Meu primeiro contato com a Capoeira foi ainda quando criança, com 07 ou 08 anos de idade, observando alguns amigos de infância que praticavam e, em alguns momentos, quando estávamos brincando na rua, os assistia demonstrar movimentos acrobáticos que haviam aprendido. Ali, a Capoeira, de alguma forma, já havia ficado em meus pensamentos, talvez até já me conquistado, mas eu ainda não havia tomado consciência.

Naquela época, final da década de 1980, a Capoeira ainda era muito mal vista perante os olhos da sociedade. Para meus pais, mesmo sendo pessoas humildes e morando em uma comunidade de baixa renda, não era uma atividade adequada para eu praticar. Para eles e para a grande maioria da sociedade, apenas “marginais e malandros” praticavam Capoeira. De acordo com Oliveira e Leal (2009), o percurso histórico dos capoeiristas no Brasil ficou conhecido como a “história dos marginais”, indivíduos excluídos da sociedade, sendo apontados como marginais por um determinado tempo. Logo, a primeira luta que realmente

¹¹ Trecho de cantiga de capoeira de domínio público.

pratiquei foi o karatê (1989 – 1990). E embora recebendo todo o apoio da minha família, meu interesse se concentrava sempre em observar outros colegas na prática da Capoeira.

Em 1991, aos 10 anos, tive a primeira aula de Capoeira. Já não praticava mais karatê e, por convite de um colega, fui numa manhã de sábado a uma aula de um projeto social que acontecia em outro bairro. Lembro bem que fui escondido dos meus pais; tivemos que ir de ônibus e como não pagava passagem, por conta da idade, não tive problemas. As aulas neste local aconteciam todos os sábados e este meu colega já era frequentador assíduo. Ao chegar à academia, me deparei com um grande número de crianças e adolescentes esperando para entrar. Recordo que a timidez tomou conta de mim e no momento da aula, sala lotada, eu fiquei bem atrás de todos, pois era o único ali (assim acredito) que estava fazendo a aula pela primeira vez. O professor não deve ter notado minha presença, mas fiz a aula da maneira que consegui, tentando repetir os movimentos que eram demonstrados. Ao final da manhã retornamos e levei uma grande bronca em casa, o que me fez não retornar àquelas aulas.

Não obstante, o destino havia me preparado uma surpresa; e um ano mais tarde (1992), na mesma academia que havia praticado karatê, um jovem morador do nosso bairro começou a dar aulas de Capoeira. Logo no primeiro dia lá estava eu, mais uma vez, escondido dos meus pais. O jovem professor era conhecido por um apelido, Cibriba, e fazia parte do mesmo grupo que havia visitado um ano antes, Grupo Capoeira Brasil. A Imagem 1¹² é de meu mestre, aquele que me passou os primeiros ensinamentos na Capoeira e com quem mantenho, ainda hoje, meu constante aprendizado na arte. Como diz uma cantiga de domínio público na Capoeira, “... a ele devo dinheiro, saúde e obrigação...”.

¹² No decorrer desta narrativa serão apresentadas algumas imagens do meu arquivo pessoal.

Imagem 1 – Mestre Cibriba



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2017)

4.2 “VAI COLORINDO, MUDAR DE COR, A CAPOEIRA VAI GANHANDO SEU VALOR!”¹³

Para falar de minha graduação na Capoeira, primeiramente explicarei como funciona este aspecto no meio capoeirístico e isto não é tão simples. Ressalto que não desconsidero toda a formação humana que a Capoeira me promoveu e promove durante todo meu percurso, entretanto, este texto visa apenas descrever como fui adquirindo minhas graduações e obtendo os títulos dentro da instituição da qual faço parte.

Nascimento (2005) explica que a Capoeira está, predominantemente, organizada em grupos. Existem grupos grandes e pequenos, constituídos em torno de um ou mais mestres, como uma organização amadora ou, em alguns casos, com um formato organizacional bem elaborado. O autor também diz que há os “megagrupos”, que possuem um grande número de mestres, professores e aprendizes, espalhados em diversos estados do Brasil e do mundo, como é o caso do Grupo Capoeira Brasil.

¹³ Trecho de cantiga da capoeira que fala das graduações do Grupo Capoeira Brasil. A composição é de Mestre Fuinha.

O autor comenta que cada grupo tem seu sistema interno de hierarquização, com seus próprios critérios de evolução, baseado em cordas e cordéis, com cores variadas, que são amarradas nas calças dos capoeiristas, diferenciando os níveis de aprendizagem e conferem status e títulos a seus participantes. No entanto, ele faz uma ressalva, alertando que, muitas vezes, os títulos adquiridos em um determinado grupo não garantem a seu detentor o respeito no cenário amplo da Capoeira, pois outros aspectos se tornam mais relevantes para se obter um reconhecimento e aceitação da comunidade capoeirística. É importante destacar que os grupos de Capoeira Angola e aqueles que seguem a Capoeira Regional, na sua gênese, não seguem o sistema de cordas e cordéis, demonstrando assim a complexidade para quem não está familiarizado com o universo da Capoeira entender o funcionamento desse sistema.

Contudo, focarei no grupo em que iniciei e que ainda hoje faço parte, Grupo Capoeira Brasil (GCB), fundado em 14 de janeiro de 1989, na cidade de Niterói – RJ, pelos Mestres Paulão Ceará, Boneco e Paulinho Sabiá. O grupo utiliza cordas para diferenciar os níveis de graduação e seu sistema segue a força das cores (mais clara para mais escura), totalizando 11 (onze) cordas, obedecendo a seguinte ordem, para graduação adulta¹⁴, de acordo com o Quadro 7:

Quadro 7 – Graduação Do Grupo Capoeira Brasil (Adulto)

ORDEM	COR DA CORDA		GRADUAÇÃO
1 ^a	BRANCA OU CRUA		ALUNO
2 ^a	BRANCA	AMARELA	ALUNO
3 ^a	AMARELA		ALUNO
4 ^a	BRANCA	LARANJA	ALUNO
5 ^a	LARANJA		ALUNO
6 ^a	VERMELHA	AZUL	ALUNO
7 ^a	AZUL		INSTRUTOR
8 ^a	VERDE		INSTRUTOR
9 ^a	ROXA		PROFESSOR
10 ^a	MARROM		FORMANDO
11 ^a	PRETA		FORMADO

Fonte: Criado pelo autor (2020)

¹⁴ Atualmente o Grupo Capoeira Brasil possui três sistemas de graduação: infantil, infanto-juvenil e adulto. Na época em que iniciei havia apenas um sistema único de graduação.

O “batizado” na Capoeira, segundo Almeida (1994), foi um ritual criado por Mestre Bimba, para a Capoeira Regional. Consistia em colocar o aluno para jogar pela primeira vez ao som do berimbau, com um aluno já formado. Com o “batismo”, o aluno ganhava um apelido, pelo qual ele seria reconhecido dentro da academia. Atualmente, o batizado é o momento em que o aluno iniciante ganha sua primeira graduação dentro de seu grupo ou escola.

Meu batizado (passagem de corda crua para branca-amarela) foi em 1992 e a partir daí, fui conquistando as primeiras graduações de ano em ano, até chegar à primeira graduação de “Instrutor” (corda azul), em 1997, permanecendo por 03 (três) anos nesta graduação. As Imagens 2 e 3 mostram duas de minhas trocas de corda: a primeira recebendo corda amarela e a segunda a corda branca-laranja. Infelizmente não possuo imagens de meu batizado, pois como meus pais não eram os maiores apoiadores de minha prática, não participaram dos eventos em que me batizei e me graduei, não tendo assim, quem registrasse esses momentos, além de que, na década de 1990, em termos financeiros, o acesso a câmeras fotográficas ainda era difícil e o aparelho celular ainda não havia se tornado tão popular como atualmente.

Imagem 2 – Recebendo a corda amarela



Fonte: Foto de arquivo pessoal (1993)

Imagem 3 – Recebendo a corda branca-laranja



Fonte: Foto de arquivo pessoal (1994)

Em 2000 recebi a corda verde, que é o segundo e último estágio de “Instrutor”. No ano de 2004 me tornei “Professor” (corda roxa), passando 08 (oito) anos nesta graduação e recebendo a corda marrom com o título de “Formando” em 2012. Em 2018, 26 (vinte e seis) anos após receber minha primeira graduação, conquistei o título de “Formado” (corda preta). Ressalto que o Grupo Capoeira Brasil só concede o título de “Mestre” após alguns anos de corda preta e com o reconhecimento, primeiramente, da comunidade capoeirística. Na Imagem 4 estou com Mestre Paulão Ceará e Mestre Cibriba (na época, Formando) no dia em que recebi a corda verde.

A Imagem 5 é do dia em que recebi o título de professor. Nela, estão da esquerda para a direita: Mestre Paulinho Sabiá (um dos fundadores do GCB), eu, Mestre Jelon (fundador do Grupo Capoeira Luanda) e Mestre Cibriba (meu mestre). Além do papel fundamental de meu mestre, os outros dois, aqui apresentados na imagem, foram e são para mim, grandes referências na Capoeira, agregando saberes específicos desta arte, me proporcionando mais saberes na vida.

Imagem 4 – Recebendo corda verde



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2000)

Imagem 5 – Recebendo corda roxa (professor)



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2004)

Mas quais foram os critérios para cada mudança de graduação? Para responder esta pergunta é necessário lembrar a especificidade de critérios de cada grupo, além de levar em consideração o contexto temporal, onde a maioria das cordas foi conquistada na década de 1990. Nesta época, o GCB, recém-fundado, ainda estava se organizando em relação à suas regras de graduação, logo, a decisão ficava nas mãos dos professores de cada núcleo, dependendo também do esforço e dedicação de cada praticante.

Assim, as primeiras graduações vieram de ano em ano, tendo apenas uma avaliação da técnica por parte de meu professor (Cibriba só teve seu título de Mestre em 2010). A partir da corda azul, outros fatores são levados em consideração, como saber tocar outros instrumentos que compõe a bateria da Capoeira (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco), conseguir ministrar uma aula, cantar músicas nas rodas. Nas graduações de verde em diante não existia um tempo específico, dependendo de cada mestre e de cada discípulo, tanto que passei 04 (quatro) anos na corda verde e 08 (oito) anos na corda roxa, onde muitos fatores contribuíram para isso. Para a corda roxa (professor) era (não é mais) exigido possuir um trabalho com Capoeira, ou seja, dar aula em algum lugar fixo, além de realizar eventos, outro aprendizado que temos neste universo. Posteriormente é levado muito em consideração o amadurecimento da pessoa, como postura nos locais, domínio de roda, entre outros aspectos, para chegar à corda marrom e preta. Ressalto que cada grupo possui seus próprios critérios, mas é a comunidade capoeirística quem reconhece os verdadeiros mestres de Capoeira e não uma corda, título ou graduação.

A Imagem 6 foi captada no dia mais importante da minha vida capoeirística e um dos mais significativos da minha vida, comparado aos dias do nascimento de meus filhos. Foi o dia que me formei, onde recebi a corda preta. A imagem simboliza muito, pois nela estão meus pais (Maria do Socorro de Lima Silva e Luciano Lima da Silva), que pela primeira vez participaram de um evento de Capoeira e presenciaram o recebimento de minha última corda, juntamente com meu mestre. Nas Imagens 7 e 8, também do mesmo dia, aparecem meus dois filhos mais velhos (Juan e Esther) levando a corda preta até mim e meus alunos de Capoeira, respectivamente.

A formatura aconteceu no dia 08 de agosto de 2018, sendo apenas um dia da programação do Festival Viva Capoeira Viva, que ocorreu de 05 a 11 de agosto do mesmo ano. Todo o evento também foi por mim organizado. A organização de pequenos, médios e grandes eventos, mostra assim mais um aspecto formativo promovido no universo Capoeira.

Imagem 6 – Recebendo a corda preta e o título de formado



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2018)

Imagem 7 – Juan e Esther me entregando a corda preta



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2018)

Imagem 8 – Grupo de alunos na formatura



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2018)

A corda preta significa uma vida dedicada à Capoeira, entretanto, eu compreendo que agora começa um novo ciclo, uma nova jornada. Contextualizei minha formatura como um nascimento, no qual a Capoeira me gerou durante todos esses anos e agora nasci. Assim sendo, continuo minha caminhada, vivendo e aprendendo sempre, aguardando o reconhecimento da sociedade para enfim, conquistar meu título de Mestre de Capoeira. Seguirei sem pressa e tranquilo, mas com a convicção de que nenhum título será mais importante que todo o aprendizado que a Capoeira me proporciona.

4.3 “SOU DISCÍPULO QUE APRENDE, MESTRE QUE DÁ LIÇÃO.”¹⁵

Como fui um dos primeiros alunos de meu mestre, não demorou para começar a ajudá-lo durante as aulas. Não lembro muito bem, mas acredito que já no terceiro ano de prática (1995), ou seja, aos 14 (quatorze) anos de idade, passei a ensinar àqueles alunos novos que chegavam para treinar pela primeira vez na academia. Lembro bem que eu e outro colega de treino éramos incumbidos desta missão, na qual em um dia eu ficava responsável pelos

¹⁵ Trecho de cantiga de capoeira de domínio público que significa que todos têm o que ensinar e aprender.

iniciantes e no outro era ele. Nós não gostávamos, pois deixávamos de treinar para ensinar os movimentos básicos a eles e isto seguiu durante muito tempo.

Não tinha ideia, mas ali eu já estava sendo preparado para ministrar aulas de Capoeira. Na época também não compreendia que naqueles momentos estava mais aprendendo do que ensinando. O segundo passo de minha preparação foi substituir o mestre quando ele não podia ir dar a aula. Desta maneira, tive as primeiras experiências em ministrar aulas para toda uma turma, sendo ainda um adolescente. Tardif (2002) destaca a importância dos saberes da experiência para a formação docente, nos quais também trazem incorporadas experiências individuais e coletivas, formando *habitus* e habilidades.

É imensurável o quanto estas experiências contribuíram na minha formação. Houveram momentos em que fiquei responsável pelas aulas por mais de uma semana, quando o mestre tinha que viajar e isso era bastante comum. Com um tempo, já estava ficando responsável pelas aulas de um mês inteiro, em locais diferentes, mas ainda só substituindo o mestre, sem nem mesmo pensar na possibilidade de iniciar minha própria turma de Capoeira, fato que não demorou a surgir.

Foram anos de dedicação e aprendizagem, mas somente em 1998, aos 17(dezessete) anos, que iniciei realmente a trabalhar com Capoeira. Um fator preponderante para minha decisão foi porque descobri que iria ser pai, necessitando assim de alguma renda. O primeiro espaço que me oportunizou iniciar uma turma de Capoeira foi uma academia de dança (Academia de Arte Andanças), em uma área nobre da cidade de Fortaleza. Ministrava aulas dois dias da semana, enquanto cursava o terceiro ano do Ensino Médio e me preparava para a prova da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAr), que era meu objetivo profissional na época.

No final de 1998 os planos que havia feito para minha vida tiveram que ser completamente alterados, pois após ser aprovado nas provas intelectuais para a EPCAr, recebi a informação da junta médica da Aeronáutica que possuía um problema auditivo e não poderia entrar na escola. O cenário era o seguinte: não havia me inscrito em nenhuma universidade (mesmo tendo sido aprovado na Universidade Federal do Ceará para o curso de Engenharia Civil), pois havia passado no concurso que almejava e meu filho iria nascer em breve, ou seja, precisava trabalhar e a Capoeira era a única opção.

Por ironia do destino, em janeiro de 1999 inicio um novo trabalho com Capoeira no Clube da Aeronáutica e meu primeiro aluno era um piloto. Em paralelo também dava aulas para crianças e adolescentes, no Colégio Anglo, como atividade extracurricular da escola.

Em 26 de maio, do mesmo ano, nasceu meu primeiro filho, o Juan (Imagem 9), cujo nome teve a influência de um dos meus primeiros alunos infantis. Ser pai, sem sombra de dúvidas, me proporcionou um maior e mais rápido amadurecimento, provocando em mim, diversas reflexões sobre o futuro, influenciando diretamente minhas atitudes como ser humano e me fazendo planejar melhor meu futuro. Nesta época ministrava aulas em três locais distintos, os dois citados anteriormente e em um projeto social que desenvolvi para as crianças da comunidade em que morava. Aqui já despontava em mim a preocupação com o social, algo que é indissociável da formação do capoeirista. As turmas eram formadas por adultos e crianças, com faixas etárias bem heterogêneas e, além disso, trabalhava em um depósito de água e bebidas, que era de propriedade de meu pai.

Imagem 9 – Eu e meu filho Juan, com 02 anos de idade



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2001)

Minhas aulas eram praticamente a reprodução do que aprendia com meu mestre, mas logo comecei a sentir a necessidade de me preparar e buscar mais qualificação. De acordo com Columá e Chaves (2017), os ensinamentos da Capoeira eram transmitidos tradicionalmente por meio da oralidade e da tradição de cada vertente, escola, grupo ou mestre, muitas vezes se tornando inquestionáveis para seus praticantes. Dentro do universo da Capoeira fazíamos diversos cursos, mas com viés técnico de movimentos específicos, não tínhamos acesso a outras opções de formações neste período e o interesse era realmente outro, era a performance.

Em sua pesquisa, Silva (2018) procurou identificar como acontece o processo de ensino e aprendizagem dentro do universo da tradição da Capoeira. A autora entende que a maneira pelo qual o saber é transmitido diz muito sobre como o sujeito transmitirá este saber, sendo esta uma característica importante da cultura oral e dos saberes da tradição. Entretanto, ela reconhece que: “Os saberes da tradição como elemento dinâmico na cultura permitem as modificações por quem a perpetua no tempo e no espaço, adicionando suas referências e experiências pessoais” (SILVA, 2018, p.62).

A partir da graduação de instrutor, senti a necessidade de buscar o aprimoramento de outros aspectos além dos técnicos. Como já ministrava aulas, busquei me qualificar para melhorar meu trabalho e não tenho dúvidas de que a hierarquização das cordas me instigava nesta busca. Outras questões também me impulsionavam pela busca de conhecimento, como a heterogeneidade das turmas, onde frequentavam a mesma aula, alunos de diferentes faixas etárias, além das diferenças sociais, culturais, corporais e fisiológicas.

Sobre esta busca e necessidade de qualificação, destacam-se os saberes fundamentais à prática docente apresentados por Freire (1996), dentre os quais: ensinar exige reflexão crítica sobre a prática e ensinar exige curiosidade. O capoeirista aprende a trabalhar com as diferenças muito cedo e para aquele que ministra aulas, mesmo sem cursar algum curso universitário, inicia sua formação pedagógica por meio da experiência, aprendendo realmente na prática. Foi assim que despertei para a especificidade de se ensinar uma criança utilizando a brincadeira, antes de estudar teorias e concepções, sentindo a necessidade.

No ano de 2001, meu mestre recebeu uma proposta de morar na França e aceitou. Então assumi, aos 20 (vinte) anos de idade, o seu trabalho na cidade de Fortaleza. Passei a ministrar aulas em uma grande rede de academias (Imagem 10), que me ajudou a conseguir ótimos contatos, no entanto, ainda faltava algo, faltavam estudos, até mesmo para me qualificar dentro do mercado de trabalho. Foi então que no começo de 2002, minha mãe me fez uma proposta: caso conseguisse entrar em uma universidade pública ela sustentaria meu

filho até que me reerguesse. Estudei durante os 06 primeiros meses do ano no turno do dia, continuei a dar as aulas à noite e escolhi, por conta do trabalho com Capoeira, visando uma melhor qualificação, ingressar no curso de Educação Física.

Imagem 10 – Aula na academia Gynart



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2002)

Todos os locais que ministrei aulas de Capoeira, formais e não formais, serviram para construir minha atual metodologia de ensino, entretanto, destaco dois ambientes que, especificamente, contribuíram imensamente para minha formação, foram eles a Creche Escola Crescer Brincando (2004 – 2007) e o Colégio Espaço Aberto (2008 – 2011), onde em ambos ministrava aulas para a Educação Infantil, me forçando a procurar melhores estratégias e metodologias para atender a demanda. Nesta fase já utilizava o jogo e a brincadeira como ferramenta pedagógica, fruto de minha formação na Capoeira, por meio de experiências, e já de alguma fundamentação advinda da universidade. Na Imagem 11 está registrado um dos eventos coordenados por mim na Creche-Escola Crescer Brincando.

Imagem 11 – Evento realizado na Creche-Escola Crescer Brincando



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2005)

Outra experiência marcante para minha formação foi a primeira viagem à Europa, em 2005, onde passei 03 (três) meses ministrando aulas de Capoeira em diversas cidades. Conhecer culturas diferentes me fez despertar para a valorização da nossa cultura, das nossas raízes, não que ainda não valorizasse, mas você ver pessoas sem nenhuma identidade com nossa história exaltando e colocando a Capoeira em um patamar de excelência, com certeza me impressionou. Perceber o quanto a Capoeira era valorizada no exterior me fez acreditar ainda mais no seu potencial, buscando efetivar sua inserção nas escolas brasileiras.

Foi na França, na cidade de Toulouse, onde apliquei pela primeira vez, uma metodologia de ensino para crianças com os aspectos históricos da Capoeira de uma forma sistematizada. Embora já utilizasse as brincadeiras em minhas aulas, ainda não seguia uma ordem cronológica com os fatos históricos marcantes, considerados por mim, iniciando e finalizando uma aula apenas com a utilização de brincadeiras e história da Capoeira. O feedback, tanto das crianças, quanto de outros professores, foi extremamente positivo e me fez pensar: se em outro país as crianças gostam, no Brasil, aonde a aula é sua própria história, as crianças também iriam gostar. Quando retornei ao Brasil, passei a aperfeiçoar a metodologia. Na Imagem 12 estou ministrando uma oficina para crianças no interior da França.

Imagem 12 – Oficina de Capoeira para crianças na França



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2005)

Com minha entrada na escola pública, como professor efetivo, em 2010, passei a trabalhar com a Capoeira de uma maneira que ainda não havia tentado, como um dos conteúdos da Educação Física. Foi a partir daí, com o feedback dos alunos, que comecei a perceber a eficácia da estratégia por mim utilizada, iniciando uma sistematização de seu ensino para os anos iniciais do ensino fundamental, contextualizando com alguns de seus aspectos históricos, dentro de uma perspectiva lúdica. Durante os primeiros anos na rede municipal, trabalhei de duas maneiras com a Capoeira na escola: consegui inseri-la na matriz curricular da escola que lecionava, fazendo as aulas em paralelo às aulas de Educação Física e desenvolvi um projeto intitulado Capoeira Inclusiva.

No início de 2013, a gestão educacional do município de Fortaleza decidiu retirar os professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental, remanejando-os para os anos finais, assim, o professor pedagogo ficou responsável pelas turmas do 1º ao 5º ano. No entanto, não aceitei, lutei e consegui permanecer ministrando aulas para os anos iniciais. Contudo, as aulas agora teriam que ser seguidas para cada turma, ou seja, ministrava as duas aulas no mesmo dia, onde cada aula durava 55 (cinquenta e cinco) minutos, totalizando 110 (cento e dez) minutos corridos de aula. Compreende-se que para crianças de 07 (sete) a 11 (onze) anos, seria muito tempo de atividade, já que nesta faixa etária as aulas devem ser mais dinâmicas possíveis.

Assim, apresentei um projeto à coordenação da escola para dividir a aula, onde uma parte passaria os conteúdos da Educação Física e na outra parte seria a Capoeira. O projeto foi aprovado e desta forma consegui com que a Capoeira adentrasse na matriz curricular de Fortaleza, pelo menos na escola onde trabalhava. As aulas tinham elementos lúdicos, como jogos e brincadeiras, os aspectos históricos eram abordados e a técnica também era desenvolvida, pois esse era um dos objetivos, já que não era uma aula de Educação Física e sim, de Capoeira.

No início do primeiro semestre letivo de 2015, a escola em que trabalhava foi convidada a participar de um curso de formação em Educação Física Inclusiva oferecido pelo Instituto Rodrigo Mendes, “Portas Abertas para Inclusão – Educação Física Inclusiva”, onde teríamos que realizar um projeto de Educação Física Inclusiva. O Projeto Capoeira Inclusiva foi o resultado desta formação e tinha como um dos objetivos, possibilitar o acesso às atividades de Capoeira aos alunos, com ou sem deficiência, que não eram contemplados com as aulas de Educação Física Escolar. O curso foi realizado em 15 (quinze) capitais brasileiras, implementando 122 (cento e vinte e dois) projetos, dos quais 12 (doze) foram selecionados para a gravação de um vídeo exemplificando as transformações ocorridas nas escolas participantes, dentre eles, o nosso projeto. Atualmente o vídeo é transmitido em rede nacional pelo canal Futura e encontra-se disponível em plataforma de vídeos online.¹⁶

A Imagem 13 mostra uma atividade que realizava, voluntariamente, durante os recreios da escola entre os anos de 2010 e 2015. Esta roda acontecia duas vezes na semana, na qual os alunos tinham papel importante na organização, tanto que, ao ser transferido para outra escola no ano de 2016, fui informado pela gestão que as rodas continuavam ocorrendo uma vez por semana, sendo organizada exclusivamente pelos estudantes, que mostra um dos elementos que compreende-se como essencial no processo de ensino e aprendizagem, a autonomia dos educandos.

Ressalto que de 1998 a 2009 continuei mantendo as aulas de Capoeira nos ambientes não formais e formais, contribuindo para a formação de diversos capoeiristas. Entretanto, no intervalo temporal entre 2009 e 2011, decidi suspender as aulas noturnas (espaços não-formais), devido a algumas decepções pessoais com alguns capoeiristas e com a política do grupo de Capoeira do qual faço parte, mantendo apenas o trabalho com a Capoeira nas escolas, mas como conteúdo da Educação Física. Neste período, meus alunos ficaram sob a responsabilidade do discípulo mais antigo na época.

¹⁶ O vídeo intitulado “Coletânea de práticas – Capoeira - Fortaleza” pode ser visualizado na plataforma *YouTube*, pelo sítio eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=LwVLQP87qRE&t=210s>

Imagem 13 – Capoeira no recreio



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2013)

Em 2011 retomei as aulas (espaços não-formais) com uma nova visão de trabalho, entendendo a Capoeira de uma forma mais ampla, visando explorar tudo que a Capoeira pode nos oferecer, além dos movimentos, principalmente seus aspectos culturais, a ancestralidade, sua ligação com a África. Mas também compreendendo que cada pessoa tem um objetivo diferente com a Capoeira e que deve ser respeitado, algo que não conseguia entender antes.

Esta mudança foi fruto de outras experiências profissionais na periferia de Fortaleza, onde me aproximei ainda mais da base teórica que fundamenta a abordagem pedagógica crítico-superadora (SOARES *et al.*, 1992), a qual, na época, fui incumbido pela Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza a aplicar esta abordagem em aulas de ginástica dentro das comunidades, coordenando assim um grande programa realizado na cidade, denominado Academia na Comunidade. Além destes outros saberes, por ter me afastado do meio capoeirístico em que convivia, consegui ter um olhar de fora, onde pude analisar e refletir sobre como eu dialogava com a Capoeira, o que ela representava e poderia representar para a sociedade, para meus alunos e principalmente para mim.

Em 2013 retornei à Europa e percebo como a Capoeira tinha se expandido ainda mais como ela era aceita nas escolas, sem que o professor ou mestre tivesse alguma formação acadêmica, pois ele é considerado um detentor de um conhecimento ímpar, cultural. Enquanto no Brasil ainda se luta para poder efetivá-la no contexto escolar, mesmo ela já sendo reconhecida como patrimônio nacional por meio do Registro da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres, instituídos pelo Decreto 3.551/2000 (BRASIL, 2014). A Imagem 14 mostra minha participação em um evento para crianças na cidade de Nice, França.

Imagem 14 – Festival de Capoeira em Nice, França



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2013)

Comecei a desenvolver no meu grupo de Capoeira o interesse em estudar mais sobre nossa arte, senti a necessidade de me aprofundar nas questões teóricas, nos estudos e pesquisas, foi então que em 2014 criei o projeto Debate com Ginga. Atualmente o projeto denomina-se “Debate com Ginga: as Multifaces da Capoeira” e desde 2017 tornou-se um projeto de extensão universitária, fruto de uma parceria com o Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará (IEFEs-UFC). O projeto tem como objetivo geral promover debates e palestras acerca da Capoeira e as múltiplas temáticas que a compõem, de forma pública e aberta à sociedade, que poderá obter informações advindas de fontes fidedignas. O Debate com Ginga ocorre uma vez por mês em forma de palestras, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e duas vezes por semana, com vivências corporais,

realizadas no IEFES-UFC. Atualmente é objeto de estudo de uma dissertação, que analisa seu papel na formação de capoeiristas e professores de Fortaleza. A Imagem 15 mostra o banner de divulgação da edição de fevereiro de 2020 do Debate com Ginga.

Imagem 15 – Divulgação do Debate com Ginga



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2020)

Também em 2014 fundei a Associação Sociocultural Viva Capoeira Viva e abri o Espaço Cultural Viva Capoeira Viva, local onde hoje acontecem as aulas, vivências, ações e eventos relacionados à Capoeira e a outras manifestações da cultura popular. A abertura desse espaço foi um sonho realizado, pois nele era possível desenvolver o trabalho da equipe da forma em que acreditamos, com nossos próprios horários e a nossa identidade.

Entre viagens a outros países e a diversos estados brasileiros, cursos, vivências, rodas, conversas, a Capoeira me proporcionou uma formação inexplicável, me ensinou a valorizar os mais velhos, o conhecimento popular, a oralidade, a ancestralidade. Foi através dela que aprendi os primeiros princípios da educação, mesmo sem compreender isso, ainda me ensinou a dar uma aula inclusiva, crítica, reflexiva, política, me fez entender sobre minhas origens, minha história, minha identidade. Segundo Oliveira e Leal (2009, p. 180), a Capoeira precisa ser reconhecida “[...] como prática política e mobilização sociocultural, sempre consistiu em uma forma autônoma de ação afirmativa para a identidade negra no Brasil”. Sobre os saberes docentes, Tardif (2002) cita que são heterogêneos, plurais e temporais, não se restringindo apenas a conhecimentos já constituídos. O autor compreende que os saberes experienciais contribuem na formação do nosso saber ser professor.

No entanto, mesmo com tantos novos conhecimentos vindo da experiência e estudos, sentia que faltava algo a ser construído, não fugindo às suas tradições e natureza, mas uma forma de ensinar às crianças, que simplificasse a complexidade de movimentos na aprendizagem, processo já inicialmente experimentado na França, e também para o professor que não tivesse a formação como capoeirista e quisesse se aventurar no ensino desta arte.

4.4 EXPERIÊNCIAS COMO ALUNO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As lembranças das aulas que tive de Educação Física Escolar não são tão positivas, mas também estão ligadas à minha prática na Capoeira. Como comecei a treinar muito novo, logo comecei a fazer comparações nas aulas, assim como também a me destacar na realização dos movimentos corporais devido ao treinamento que fazia diariamente e exaustivamente na Capoeira.

No ensino fundamental, tive dois tipos de experiência: nos anos iniciais, tinha aula de ginástica e nos anos finais, fiz parte da seleção de futsal da escola (Imagem 16) e era liberado das aulas de Educação Física. Fink (2011) cita que primeiramente a ginástica era soberana nas aulas de Educação Física e posteriormente os esportes passam a estar presentes no contexto escolar, ambas as atividades com o mesmo princípio, racionalização e repressão do corpo. Lamentavelmente nossa área passou/passa por este tipo de situação, contribuindo muito para a própria desvalorização da disciplina frente a outras matérias da escola, além de uma má interpretação do que realmente é Educação Física por parte da comunidade escolar.

Durante as aulas de ginástica, demonstrava bastante facilidade na realização das posturas de alongamento, nos exercícios de resistência e nas atividades de força, tirando sempre notas altas nas avaliações, que eram realizadas de forma prática, na qual tínhamos que realizar determinados movimentos estabelecidos pela professora, ou seja, avaliação baseada em rendimento técnico e físico. Tenho convicção de que estas aulas também influenciaram minha prática atual como professor, fazendo com que eu refletisse e me colocasse no papel do aluno. E este é, e deve ser parte integrante da construção da sua corporeidade, não apenas mero repetidor de movimentos.

No Ensino Médio, nos dois anos iniciais, também era liberado das aulas por ser da seleção - a repetição de um grande equívoco - e no terceiro ano, não tinha aula de Educação Física com a justificativa que tínhamos que nos concentrar no vestibular, ou seja, era perder tempo, pois, era necessário estudo das disciplinas que seriam avaliadas no vestibular. Assim, não foram as aulas da escola que me incentivaram a escolher a Educação Física enquanto

profissão, talvez, inconscientemente, sim. E observa-se que hoje existe também uma Educação Física que trabalha aspectos do autoconhecimento, como técnicas de relaxamento, tão necessárias ao combate das tensões e estresses no ano do vestibular.

Também não tenho dúvidas da contribuição da Capoeira em minhas práticas esportivas, especificamente no futsal, esporte que pratiquei paralelamente durante a trajetória escolar. Ela me proporcionava um ótimo tempo de reação, excelente coordenação motora, ritmo, flexibilidade, explosão muscular, concentração, raciocínio rápido, dentre outros benefícios. Campos (2001b) explica que a Capoeira tem uma enorme contribuição para o desenvolvimento do condicionamento físico (orgânicos e neuromuscular) do praticante, além de atuar nos aspectos, cognitivos, afetivos e motor. E essa consciência desses benefícios nos convence, cada vez mais, do grande valor deste conteúdo na Educação Física Escolar, além do aspecto cultural.

A falta de oportunidade de vivenciar a cultura corporal, na sua multiplicidade e diversidade, durante minha trajetória como aluno da Educação Básica, me fez refletir sobre o quão distante o currículo escolar estava (e talvez ainda esteja) do contexto social dos alunos, não permitindo assim, a democratização da cultura corporal.

Imagem 16 – Medalha conquistada em competição de futsal realizada em Recife/PE



Fonte: Foto de arquivo pessoal (1997)

4.5 A ENTRADA NA ACADEMIA: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Como já exposto anteriormente, para me manter no ambiente escolar trabalhando com Capoeira e ao mesmo tempo sendo mais bem remunerado, procurei seguir também uma carreira acadêmica, pois estava ciente de que apenas portando um diploma universitário conseguiria adentrar em certos locais para desenvolver um trabalho com Capoeira. Consegui, no ano de 2008, concluir o curso de graduação em licenciatura plena em Educação Física (Imagem 17), na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Durante o curso, tive experiências diversas. Quando o quadro docente era formado por professores bem antigos da área, existiram disciplinas tratadas de forma bem tradicional, valorizando o “saber fazer”. Contudo, no decorrer do curso, novos professores foram assumindo e tive a oportunidade de assistir aulas com fundamentação crítica e reflexiva. De acordo com Imbernón (2011), uma formação inicial para a profissão docente deve fornecer as bases necessárias para um conhecimento pedagógico especializado, sem dar ideia de um modelo assistencial e voluntarista. Também deve possuir uma bagagem sólida nos campos científicos, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal.

Não tenho dúvida da importância de cada disciplina e de cada professor na minha formação, contudo, citarei aqui duas disciplinas, assim como os professores responsáveis por estas, que foram determinantes, a partir de diversos fatores, para a construção da metodologia de ensino para a Capoeira, nas aulas de Educação Física Escolar apresentada neste estudo.

Por mais contraditório que seja, já que minha carreira profissional esteve e está totalmente ligada à escola, a única disciplina que reprovei na graduação foi a de Educação Física Escolar e tentarei explicar por qual motivo. Ressalto que quando entrei na universidade (2002) já havia iniciado um trabalho com Capoeira há 04 (quatro) anos, então já tinha certa experiência. A disciplina era ministrada por uma professora recém-ingressa na UECE, que vinha do Rio de Janeiro com a ideia de aplicação de uma abordagem pedagógica denominada Crítico-Superadora, proposição fundamentada no marxismo e noneo-marxismo, utilizando-se do discurso da justiça social, sendo influenciada, na Educação Física por José Carlos Libâneo e Dermeval Saviani (DARIDO; RANGEL, 2005). Esta abordagem posteriormente fundamentaria muito das minhas aulas de Educação Física Escolar. No entanto, naquele momento, em 2004, estava abrindo os olhos para as propostas críticas de nossa área, conhecendo uma a uma, tentando compreender como relacionaria a teoria e a prática de cada abordagem e foi essa professora que me apresentou a autores que me influenciariam

pedagogicamente, como Paulo Freire, João Batista Freire, Celi Taffarel, Valter Brach, Elenor Kunz, Soares, Darido, entre outros.

A priori, não conseguia conectar os saberes que trazia de minha experiência com as aulas de Capoeira às metodologias apresentadas na universidade, percebendo muitas vezes, que os discursos dos professores não condiziam com suas próprias práticas de ensino. Então, no primeiro momento, não levei em consideração muitas das teorias, fazendo com que tivesse que cursar mais uma vez a disciplina de Educação Física Escolar. Após um ano, depois de passar alguns meses ministrando aulas de Capoeira na Europa, retornei para o curso de Educação Física, um pouco mais maduro. Fiz a matrícula na disciplina (mais uma vez) e procurei a professora para tentar um diálogo melhor e foi nesse momento que consegui evoluir, conseguindo compreender as teorias e conectando-as com a minha prática pedagógica, dentro e fora das escolas, fazendo com que a disciplina de Educação Física Escolar se tornasse uma das que mais aproveitei na graduação.

Outra disciplina importantíssima na minha formação foi a de Lutas, não a que cursei, pois tive que estudar, apenas, de uma forma tradicional, Karatê e Judô, duas lutas de origem oriental. Foi quando assumiu a disciplina o professor Heraldo Simões, com uma visão ampliada de como deveriam ser abordadas as lutas em nossa formação docente, que mudam as configurações da disciplina. Com sua proposta de trabalho, o professor Heraldo passa a valorizar também a nossa cultura de lutas, reservando assim, um espaço para a Capoeira na ementa da disciplina.

Além de agregar a Capoeira, a partir de uma postura humilde e moderna, o professor passa a selecionar profissionais para serem encarregados de ministrar as vivências das lutas que não dominava, fazendo assim, com que eu me tornasse monitor da disciplina por alguns semestres, responsável em apresentar a Capoeira para os discentes. Recebi a proposta como um desafio, me instigando a pensar o que um estudante do curso de Educação Física deveria saber sobre Capoeira, seja para sua vida, para aqueles que almejavam trabalhar em escolas ou não. Esta experiência contribuiu muito com minha formação, além de que, pude acompanhar como o professor ministrava o conteúdo para os alunos. De acordo com o professor, as lutas devem ser abordadas no Ensino Fundamental, por meio de jogos e modalidades de lutas (FERREIRA, 2015). Esta metodologia fez com que eu refletisse também sobre a utilização de jogos como estratégia de ensino da Capoeira.

Foi na graduação que minhas inquietações sobre a importância da Capoeira para a Educação Física afluíram, pois achava inadmissível um curso superior de Educação Física não considerar a Capoeira como um conteúdo a ser abordado, assim era no recém-criado

curso da UECE. Não tive nenhuma disciplina que abordasse a Capoeira de uma forma mais efetiva, alguns professores apenas a citaram como uma possibilidade. Na antiga matriz curricular (anexo A), adquirida no livro de Ferreira e Queiroz (2010), pode-se verificar quais disciplinas eram propostas na época.

A partir desta inquietação, realizei minha primeira pesquisa acadêmica com a Capoeira. Como requisito para conclusão do curso, foi-nos solicitado um trabalho monográfico. Assim, meu estudo abordou a importância da Capoeira na matriz curricular dos cursos de Educação Física da cidade de Fortaleza, tendo como objetivos: analisar a necessidade de sua implementação nos respectivos currículos como disciplina obrigatória; verificar se houve/há carência da Capoeira, durante o período acadêmico, por parte dos discentes e docentes do curso, além de profissionais que atuam na escola; realizar uma breve análise das matrizes curriculares dos cursos pesquisados (SILVA, 2008).

Imagem 17 – Formandos do curso de Educação Física da UECE - 2007.2



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2007)

4.6 A BUSCA PELA EDUCAÇÃO CONTINUADA: ESPECIALIZAÇÃO

Após retomar o trabalho com a Capoeira (espaços não-formais), em 2011, meus anseios por novas aprendizagens estavam maiores, pois agora também fazia parte da rede municipal de ensino como professor concursado de Educação Física, na qual adentrei em julho de 2010. Estava muito disposto a realizar algo diferente na escola e vi que necessitava

dar continuidade aos meus estudos. Percebi que era o momento de investir na continuação da formação acadêmica, então, procurei um curso de especialização na área escolar.

Imbernón (2011) cita a importância de o professor verificar e analisar as diferentes propostas de formação oferecidas na área, fazendo com que assim, a educação continuada possa contribuir de forma mais eficaz no aperfeiçoamento do professor. Após uma breve pesquisa na internet e em conversas com alguns colegas da área, encontrei a especialização em Educação Física Escolar ofertada pela UECE. Era a possibilidade de retornar para a universidade na qual havia me graduado e isto me deixou muito animado. Outro aspecto que me fez decidir pelo curso da UECE foi a grade curricular (anexo B) e o quadro de professores. Realizei matrícula e iniciei o curso em fevereiro de 2012.

Nesta época, outra angústia me afligia: a Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar, nascendo assim minha segunda pesquisa sobre Capoeira. Em 2013, como trabalho monográfico de conclusão da especialização, realizei a pesquisa intitulada: *A Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar: uma análise da práxis dos professores de uma rede municipal de ensino*.

A pesquisa foi realizada com 30 professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Fortaleza, que responderam a 02 (dois) questionários. Após uma análise quantitativa dos dados, foi verificado que os professores acreditam que a Capoeira pode e deve ser abordada como conteúdo, no entanto, ainda são poucos os que a utilizam em suas aulas, sendo a falta de conhecimento técnico, um dos principais motivos citados (SILVA, 2013).

Esta conclusão do trabalho final da especialização em 2013, entre outras, me fez ver a lacuna que é, para os professores não praticantes de Capoeira, ministrar aulas sobre a temática, e a partir de conversas com outros profissionais, observou-se o quanto seria possível contribuir com o ensino da Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar, consequentemente ajudando a disseminar nossa manifestação cultural nas escolas (SILVA, 2013).

4.7 MAIS SABERES: O MESTRADO NO PROEF

Infelizmente, para quem precisa trabalhar três turnos, é muito difícil seguir uma carreira acadêmica. Entretanto, segui em frente e quando apareceu a possibilidade de entrar num programa de mestrado que, teoricamente, iria valorizar as experiências dos professores,

sendo direcionado para quem tivesse em sala de aula e fizesse parte de alguma rede pública de ensino, entendi que era a minha chance.

Mas como sempre, não iria ser fácil, pois era o primeiro mestrado profissional na área de Educação Física Escolar oferecido por uma universidade pública em rede nacional, sendo assim, muitos professores iriam tentar garantir sua vaga. Para tornar ainda mais difícil, Fortaleza não seria um dos polos e, caso quisesse tentar uma vaga, teria que ir para outro estado. Desta maneira escolhi tentar minha vaga em Natal – Rio Grande do Norte. O concurso foi realizado em 2016 e por ironia, o resultado foi divulgado no último dia do Festival Internacional Viva Capoeira Viva, organizado por mim e meus alunos, logo, era um dia de festa, e para completar, fui aprovado em 2º (segundo) lugar.

A partir do resultado em julho de 2016, começou uma grande batalha para iniciar o curso, fato ocorrido somente em abril de 2018. Grandes mudanças aconteceram em minha vida durante estes quase dois anos de espera, dentre as quais, fui pai mais duas vezes, de duas princesas, Esther e Liz (Imagem 18 e 19). Ressalto este fato não somente pela importância da paternidade, como mencionei anteriormente, mas pelas responsabilidades multiplicadas que vieram juntas, fazendo com que ficasse quase inviável cursar um mestrado nesta fase da vida.

Imagem 18 – Minha filha Esther



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2017)

Imagem 19 – Minha filha Liz



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2018)

Enfim, o mestrado iniciou e lá estava um capoeirista cearense representando e levando para a academia mais uma vez esta arte maravilhosa que é a Capoeira. A única certeza que tinha era qual temática pretendia pesquisar e aqui estou, falando desta manifestação que sempre impulsionou a minha vida e a de tantos outros. Este estudo é fruto de minhas experiências na graduação, especialização, no contexto escolar e principalmente, de minha trajetória na Capoeira.

Com o fim das disciplinas, posso analisar o quanto minha prática e minha pesquisa foram influenciadas por elas. Os textos, discussões, debates, experiências, vídeos, tudo isso teve sua importância para fazer com que eu esteja escrevendo esta narrativa. O PROEF, mesmo sendo a primeira experiência, foi planejado e executado por pessoas que sabem como é estar no “chão da escola”, tornando fácil, interessante e relevante os conteúdos abordados durante o curso. É claro que não foi tudo perfeito, mesmo porque, até para iniciar foi uma enorme luta. Alguns problemas surgiram e muita coisa ainda pode melhorar. Contudo, minha avaliação é altamente positiva.

Imbernón (2011) destaca cinco eixos onde uma formação deve atuar, ele defende que deve haver uma reflexão sobre a própria prática, mediante uma análise, compreensão, interpretação e intervenção na realidade; outro aspecto é a necessidade de troca de experiência entre os pares, tornando possível uma atualização em todos os campos de intervenção educativa; união entre a formação e um projeto de trabalho; formação crítica e desenvolvimento profissional da instituição educativa mediante o trabalho coletivo para transformar esta prática.

Com relação à matriz curricular do curso (anexo C), todas tiveram sua relevância. Entretanto, irei citar algumas que mais se destacaram no meu contexto. O curso iniciou com discussões sobre quais eram as problemáticas da Educação Física Escolar, sendo esta nossa primeira disciplina. Acredito que o que mais foi importante nesse momento foi perceber que nas mais variadas regiões do Brasil as dificuldades maiores de nossa área são as mesmas. Isso foi possível devido ao contato com alunos dos outros polos, permitindo assim uma rica troca de experiências.

Na sequência houve uma disciplina de fundamental importância para a realização de meu estudo: Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física. Dividida em três momentos estratégicos do curso, ela conseguiu fazer com que compreendêssemos as etapas, tipos, limites e possibilidades de uma pesquisa. Aqui destaco as aulas presenciais, nas quais tive a oportunidade de ouvir opiniões, sugestões e críticas dos professores sobre os pré-projetos de pesquisa.

Foi em um dos momentos desta disciplina que nasceu esta narrativa de formação. A ideia inicial deste estudo era realizar uma sistematização da Capoeira como conteúdo da Educação Física para os anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo que na fase final da disciplina, esta proposta foi apresentada para um coletivo de professores. Após a apresentação, alguns professores sugeriram mudar o foco deste estudo, propondo valorizar minha história de vida dentro da Capoeira, apresentando o caminho formativo que percorri nos ambientes formais e não formais de ensino, surgindo assim, a presente pesquisa.

Também fomos instigados, durante todo o curso, a refletir sobre nossa prática, fazendo com que avaliássemos nosso trabalho na escola. Para Zeichner (2008), o professor deve iniciar seu processo de compreensão e de melhoria da sua prática por meio da reflexão sobre suas próprias experiências. A partir do momento que olhamos para nós mesmos, de uma forma crítica, percebemos nossas falhas e temos a chance de corrigi-las. Isso foi provocado constantemente, contudo, como maior intensidade, pela disciplina responsável em discutir a inclusão nas aulas de Educação Física Escolar.

Estar cursando um mestrado também me fez voltar para os congressos da área, me incentivou a escrever, a divulgar meu trabalho, a procurar me aperfeiçoar, a conhecer novas propostas de trabalho, a me qualificar, atingindo diretamente minha prática pedagógica, além de me permitir conhecer profissionais excelentes (Imagem 20), que realmente fazem a diferença em suas escolas, elevando o patamar da Educação Física Escolar. Sem mencionar o quadro de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com os quais tive o privilégio de aprender e conviver, aproveitando para absorver um pouco do conhecimento e experiência de cada um.

Imagem 20 – Turma do PROEF, polo UFRN



Fonte: Foto de arquivo pessoal (2019)

Destaco minha participação no XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), por influência do PROEF, no qual tive a oportunidade de ministrar um minicurso com o tema “Capoeira Escolar”. O minicurso foi realizado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), no bairro Tirol, em 15 de novembro de 2019. Seu objetivo principal foi facilitar a abordagem do tema em questão para professores que não tiveram a oportunidade de praticar Capoeira em sua vida e nem mesmo participaram de alguma formação sobre o tema durante sua carreira acadêmica. Também objetivou possibilitar outra visão de ensino do conteúdo de Capoeira escolar para aqueles que já a utilizam em seu contexto profissional. Embora o minicurso tivesse duração de apenas 04 (quatro) horas, foi a chance que tive para promover uma vivência da possibilidade metodológica para o ensino desta arte na Educação Física Escolar apresentada neste estudo. Esta proposta traz o resgate de alguns aspectos da historicidade da Capoeira, sem priorizar desenvolver a técnica desta arte, mas vivenciando movimentos que simulam os dos seus praticantes, de forma contextualizada, através do uso de jogos e brincadeiras.

Ressalto que 12 (doze) professores de Educação Física, de diferentes estados brasileiros, que atuam em diferentes níveis de ensino, participaram do minicurso. No momento inicial do curso promovi uma avaliação diagnóstica, na qual busquei verificar, entre

outras coisas, quais eram as expectativas dos participantes em relação ao curso. Os participantes foram instigados a falar sobre qual experiência tinham com a Capoeira; se, e como eles abordavam o tema em suas aulas; e o que eles esperavam do curso. No Quadro 8 é apresentado o nível de experiência com Capoeira dos participantes (P) de acordo com suas falas.

Quadro 8 – Nível de Experiência com Capoeira dos Participantes (P) do Minicurso

P1	Sem nenhum conhecimento
P2	Fez uma aula experimental
P3	Nenhuma experiência
P4	Já fez dois cursos
P5	Praticante de Capoeira
P6	Experiência conceitual
P7	Pouca experiência
P8	Teve experiência em um estágio
P9	Nenhuma experiência
P10	Apenas assistiu a apresentações públicas
P11	Não fez nenhuma aula
P12	Não tem experiência

Fonte: Criado pelo autor (2020)

A partir de uma análise dos relatos, foi possível perceber que a metade dos participantes afirmou não possuir experiência com Capoeira (P1, P3, P9, P10, P11 e P12). Dentre os que afirmaram ter algum conhecimento, destacam-se as seguintes falas: “Ensino a parte conceitual, mas quando vou ensinar a prática, digo que preciso de ajuda deles e vou em busca de outras formas, ou algum deles que já teve a experiência ou alguém conhecido da comunidade” (P6); “Eu já fiz dois cursos. E acho importante ter conhecimento da teoria, mas ainda não me atrevo a dar a prática da Capoeira” (P4). Percebe-se aqui que, mesmo com algum conhecimento conceitual sobre o tema, o professor ainda não se sente preparado para promover uma aula prática, recorrendo a outras estratégias, como convidar algum capoeirista para ministrar o conteúdo.

Outro relato que chamou atenção foi o do participante capoeirista (P5): “Sinto que falta algo mais para eu ensinar melhor. Não conheci metodologia que diferencie aula pra

adulto e aula pra crianças”. Este estudo trata especificamente desta problemática, visando facilitar o trabalho do professor para um determinado nível de ensino. Outra questão abordada nesta pesquisa também apareceu nesta fala: “Eu tive uma experiência no estágio, mas achei estereotipada e trazia toda a negação da sua história. Tive dificuldades de ministrar este conteúdo na escola. Na graduação tive outra experiência com crianças de 05 anos” (P8). Compreende-se que no ensino da Capoeira, ela jamais deve estar descontextualizada de seus aspectos históricos, seja em qualquer ambiente ou para qualquer faixa etária. E o comentário sobre a aplicação na escola e com crianças indica exatamente a lacuna que percebi ao longo de minhas experiências, pela visão da Capoeira voltada para a ênfase nos movimentos técnicos, enquanto ritual.

Em relação às expectativas para o curso, é importante ressaltar duas falas: “Nunca tive experiência com a Capoeira e escolhi este curso para ter uma ideia de como poderia ser abordada na Educação Física Escolar” (P9) e “Nunca tive experiência com a Capoeira e escolhi este curso para ter uma ideia de como poderia ser abordada na Educação Física Escolar” (P11). Os relatos refletem o interesse e curiosidade dos professores em como trabalhar com a Capoeira em suas aulas, assim como a carência de uma metodologia acessível e condizente com a realidade da escola e do professor, já que, como exposto no capítulo 3, há livros que trazem propostas metodológicas para a temática.

Como o conteúdo abordado no minicurso era extenso para o curto período de tempo concedido pelo evento, não foi possível potencializar ainda mais esta avaliação diagnóstica, na qual alguns questionamentos realizados não foram respondidos pelos participantes. Porém, ao final do curso, além da avaliação, também foi realizada uma avaliação pela organização do evento, onde os 12 professores participantes responderam a um questionário. Seguem os critérios e resultados da avaliação¹⁷ no Quadro 9:

¹⁷ O resultado da avaliação foi disponibilizado aos professores que ministraram os minicursos pela Comissão de Avaliação do XXI CONBRACE e VIII CONICE e encontra-se disponível em <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WSzWSb0PZypvKt300X1aK1nxy5H3EDIBAY6I8kkQkZI/edit?usp=s> haring. Acesso em janeiro de 2020.

Quadro 9 – Avaliação do Minicurso de Capoeira Escolar no XXI CONBRACE e VIII CONICE

CRITÉRIOS	AVALIAÇÃO
Proporcionou uma reflexão acerca do conteúdo e novas possibilidades do âmbito escolar foram discutidas.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Trabalhou boas possibilidades e ludicidade.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Pela didática usada e desenvoltura do professor.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Pela forma como foi exposto o conteúdo.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Contemplou de forma excelente e contextualizada historicamente o conteúdo. Abriu os olhares para o campo.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Possibilidades para utilização.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Despertou possibilidades de trabalhar.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Metodologia acessível.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Ultrapassou as expectativas sobre o conteúdo.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Abriu possibilidades pedagógicas.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Muito didática e coerente com o tema.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)
Ampliou o repertório da Capoeira no contexto escolar.	Ótima (12) Regular (0) Boa (0) Ruim (0) Satisfatória (0)

Fonte: Criado pelo autor (2020)

Com uma breve análise da avaliação, é possível identificar o quanto os participantes responderam positivamente à proposta de trabalho que lhes foi apresentada no minicurso (100% marcaram “ótima” em todos os critérios). Apesar do número de participantes ser pequeno para poder atestar a pesquisa, era um grupo heterogêneo, no qual participaram profissionais que nunca praticaram Capoeira ou mesmo tiveram alguma formação para aplicá-

la em suas aulas, e também profissionais capoeiristas, assim como poucos professores que já utilizam a Capoeira em suas aulas e buscavam um novo olhar para a aplicação da mesma.

O sucesso do minicurso em um evento que é uma referência para a área de estudo, permite constatar que a proposta de trabalho com a Capoeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental seja relevante para os professores de Educação Física Escolar, principalmente para aqueles que não se sentem preparados para trabalhar com a temática por não possuírem alguma formação na área.

5 POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A possibilidade metodológica que propomos está diretamente relacionada com a narrativa de formação apresentada no capítulo anterior. Na verdade, ela foi construída durante a vida do autor aqui narrada, na qual, a partir do meio capoeirístico e acadêmico, os saberes foram se entrelaçando, o científico e o empírico. Não temos a pretensão de defender esta proposição como a mais adequada, mas sim, demonstrar uma maneira diferente, sistematizada e fundamentada em autores dos dois campos estudados, mestres, e, principalmente, na experiência dentro da roda de Capoeira e no chão da escola. Oferecemos assim, mais possibilidades para professores que não possuem experiência prática com a Capoeira, de trabalhar com essa temática em suas aulas na escola.

Nesse contexto de reconstrução dos saberes e fazeres da nossa prática docente, todos advindos da experiência vivida na Capoeira e na escola, também dos estudos da graduação à pós-graduação, somam-se para embasar esta proposta. Assim, alguns pressupostos conceituais e metodológicos foram se delineando no nosso conhecimento e servindo de guia para o repensar e fazer docente.

Tomamos como pressupostos conceituais (teóricos), o entendimento do “ser mais” como vocação ontológica dos seres humanos, na qual nenhum ser humano pode ser considerado como uma realidade pronta, mas em constante transformação e busca por crescimento (FREIRE, 2014). Entendendo cada ser, não apenas como mais uma presença no mundo, mas com o mundo e com os outros. Freire (1996, p. 20) também explica que esta presença deve ser “[...] que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe”.

Desta forma, compreendemos educação como processo de humanização e libertação, na qual ela primeiramente permite aos oprimidos desvelar o mundo da opressão, para em seguida transformar a realidade opressora (FREIRE, 2014). Concordando com Saviani (2011), na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, apenas através do conhecimento historicamente acumulado, é possível a análise crítica da realidade com vistas a uma ação transformadora. Logo, a escola deve ser vista principalmente como um espaço para socialização deste conhecimento, de forma sistematizada. E o ensino aprendizagem, segundo Freire (1996), dever ser visto como processo de construção entre educador e educando, ocorrendo assim

uma troca de saberes, na qual são reconstruídos a partir da percepção do educando como um agente desse processo, tornando ambos autônomos, libertos e críticos.

Outros pressupostos que permeiam esta proposta vêm daquela que foi para mim, a primeira e mais significativa obra, e que provocou uma mudança na minha forma de compreender como poderiam ser as aulas de Educação Física Escolar. Referimo-nos ao livro Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992), que traz uma proposta de ensino crítica e reflexiva, fazendo o professor despertar para a importância da contextualização histórica e social dos conteúdos, lhe revelando que aquilo que de alguma forma já promovia nas aulas de Capoeira também poderiam ser teorizadas. Desta forma fica clara a nossa opção por um ensino que traz a reflexão e a crítica como elementos para nosso fazer. De acordo com Freire (2014), quando o ensino é crítico reflexivo, permite uma leitura social, cultural, histórico e política da realidade, possibilitando sua transformação.

É em Soares *et al.* (1992), que é possível observar uma explicitação desta visão contextualizada e crítica. No trecho em que cita: “Em seu conjunto de gestos, a Capoeira expressa, de forma explícita, a voz do oprimido na sua relação com o opressor” (p.75), ressaltando a importância da contextualização da manifestação gestual, não podendo ser desvinculada de sua história de luta por liberdade.

E como uma das exigências para essa prática da reflexão, aparece o diálogo como essencial à mediação, que é o papel do ensino do professor nesta perspectiva, e vendo a dialogicidade como essência da educação como prática de liberdade, não há diálogo sem amor, humildade, fé nos homens, esperança e pensar verdadeiro, ou seja, pensar crítico, podendo este ser gerado pelo próprio diálogo (FREIRE, 2014).

E o aluno deve ser visto na sua totalidade, como ser de uma espécie, portanto um ser plural, mas que tem a sua individualidade, sua unicidade, com suas possibilidades e limitações, e por isso mesmo, pode e deve fazer o seu possível enquanto participação nas habilidades da prática. Sua referência prática é ele mesmo, sem comparações com outros que porventura tenham vivências anteriores e estejam avançados na gestualidade proposta.

Nesse sentido trazemos os princípios curriculares apresentados por Soares *et al.* (1992, p. 19), e que norteiam este trabalho: 1. Relevância social do conteúdo; 2. Contemporaneidade do conteúdo; 3. Adequação às possibilidades sociocognoscitivas do aluno; 4. Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; 5. Espiralidade da incorporação das referências do pensamento; e 6. Provisoriedade do conhecimento. Embora entendamos que todos estes princípios tenham relevância em nosso estudo, destacamos o da provisoriedade do conhecimento, que rompe com a ideia de fim, sendo fundamental para sua

aplicação a apresentação do conteúdo ao aluno desenvolvendo a sua historicidade, para que ele se perceba enquanto sujeito histórico.

Discorreremos a seguir alguns aspectos históricos que devem estar claros no conhecimento do professor para que o mesmo tenha elementos consistentes na aplicação da contextualização da Capoeira. Ressaltamos os elementos específicos de rebeldia pertencentes à Capoeira, a qual, segundo Abib (2006), foi criada em um contexto violento e desumano, trazendo em sua essência um caráter de revolta contra todo um sistema opressor. Para o autor, estes elementos permitem o que ele chama de “sedução pedagógica”, que são aspectos presentes no cotidiano e universo dos jovens de uma camada excluída da sociedade, como os alunos das escolas públicas, sem significar que essa temática não possa ser desenvolvida em outras camadas sociais, pois ela contribuiria para uma conscientização e valorização da cultura popular, além de influenciar uma transformação social.

De acordo com Freitas (2015), existem grandes dificuldades para que a sociedade brasileira tenha um olhar diferente para a história da cultura negra, dentre as quais, a própria estrutura escolar, que historicamente negou este conhecimento, até a falta de políticas públicas qualificadas para a formação docente, visando combater o racismo e preconceito racial enraizados na sociedade. E o professor pode e deve suprir esta lacuna, trazendo o combate ao preconceito e o resgate real dessa história mal contada.

Radicchi (2013) chama a atenção para as influências provenientes dos grupos de Capoeira quando a mesma for utilizada nas escolas, pois o professor deve estar atento a estes aspectos. Ressaltamos que tivemos uma preocupação peculiar na elaboração desta proposta de trabalho, deixando os aspectos técnicos, que são diferentes em cada instituição, grupo ou escola de Capoeira, fora de nossa metodologia, utilizando apenas movimentos naturais do corpo (agachar, pular, correr, girar, etc.), movimentos não estilizados da Capoeira (rasteira, cabeçada, deslocamentos com as mãos no solo, chutes circulares, acrobacias, etc.) e os aspectos que envolvem a historicidade da Capoeira.

Considerando os princípios da ludicidade e criatividade, ambos também recomendados por Soares *et al.* (1992) para as aulas de Educação Física na escola, esta proposta se baseia praticamente em jogos lúdicos e brincadeiras, com aspectos históricos relacionados à Capoeira, com intervenções e reflexões críticas, explorando a imaginação das crianças, contextualizando a história brincada com a realidade vivida no passado e a contemporânea.

Acreditamos que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as aulas com o conteúdo de Capoeira devam ter um caráter lúdico, e assim, é a proposta por nós apresentada. Escolhemos adotar o sistema de ciclos para sistematizar nossa proposição, tomando como

base também os ciclos de escolarização elencados por Soares *et al.*(1992), que no nosso entendimento, ainda são relevantes. Contudo, realizaremos uma adequação ao sistema de ciclos atual da educação brasileira, apresentada pela BNCC, que foi recém-homologada em 2018 e está chegando às escolas brasileiras com uma grande pressão para ser seguida, na qual os anos iniciais também são divididos em 2 (dois) ciclos, sendo um bloco os 1º e 2º anos e, no outro bloco, 3º, 4º e 5º anos (BRASIL, 2018).

Nessa proposição nos fundamentamos em autores que nos influenciaram também na formação acadêmica e, principalmente, nos 28 anos (1992 – 2020) de prática de Capoeira, que consolidou nosso saber da experiência, dos quais, 22 anos (1998 – 2020) destes ministrando aulas, além de 10 anos (2010 – 2020) de experiência na Educação Física Escolar na rede municipal de Fortaleza, especificamente no Ensino Fundamental I. Assim, propomos esta possibilidade metodológica para o ensino da Capoeira na Educação Física Escolar, mas ressaltamos alguns aspectos esclarecedores:

1. Esta proposta visa atender, principalmente, aos professores que nunca tiveram contato com a Capoeira, seja na sua formação formal ou não formal, entretanto, como docentes, estes devem buscar uma instrumentalização teórica sobre o tema.
2. Para os professores que já possuem alguma vivência com a Capoeira, essa proposição pode ampliar sua visão metodológica de trabalho, e, de acordo com a experiência e vivência de cada professor, ela pode e deve ser adaptada.
3. Cada professor possui uma realidade na escola diferente, com suas especificidades estruturais e de gestão, sendo assim, esta sugestão metodológica pode e deve ser adequada a cada contexto escolar.
4. Mesmo esta proposta sendo para o Ensino Fundamental I, o professor pode facilmente realizar as adaptações necessárias para encaixá-la em outros níveis de ensino, podendo sua aplicação ser acelerada, dependendo de seu plano de ensino para este conteúdo.
5. Como uma manifestação de matriz africana, os aspectos históricos da Capoeira não podem ser reproduzidos a partir da visão eurocêntrica, a qual diz que os negros nasceram escravos, mas sim a visão real, na qual ocorreu a escravização de um povo.
6. A BNCC sugere que a Capoeira seja abordada apenas no Ensino Fundamental II, contudo, o entendimento é que ela pode e deve ser abordada em todos os anos do Ensino Fundamental, seguindo a evolução histórica dessa manifestação. Nos anos finais (6º ao 9º ano), podem ser apresentados os movimentos técnicos, mas com a

mesma metodologia de ensino dos anos iniciais, utilizando ludicamente a historicidade da Capoeira de uma forma crítico-reflexiva.

Com nossos pressupostos conceituais e metodológicos definidos, além de alguns aspectos esclarecedores, trazemos os fundamentos didáticos estruturantes dessa proposta, que traz no objeto do seu estudo, o processo de ensino no seu conjunto, que envolve a atividade do professor e dos alunos. Na sua função precípua, a didática, segundo Libâneo (2013), ao focar no processo de ensino, campo principal da educação escolar, visa o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos mediante a assimilação consciente e ativa de conhecimentos e habilidades.

Ainda diz o autor que, o trabalho docente nos seus elementos do processo pedagógico escolar deve efetivar a mediação de objetivos, conteúdos e métodos em função da aprendizagem dos alunos. E ainda argumenta que o processo de ensino sendo uma manifestação própria da prática educativa, esta se desenvolve considerando as condições materiais e sociais concretas de uma sociedade. E seus elementos constitutivos, conteúdos, professor e alunos só podem ser efetivados na perspectiva de objetivos sócio-políticos e de condições concretas.

Assim, a didática vai além das conexões entre ensino e aprendizagem, suas formas de ensino, mas considera fatores materiais e que condicionam as relações entre docência e aprendizagem. É então uma rede de elementos que se misturam, e interferem na aceitação, motivação e permanência em uma determinada prática, mas que acima de tudo precisam estar calçados em uma visão crítica-reflexiva da apreensão de novos saberes.

Com estas considerações sobre a didática e seus elementos constitutivos, formulamos esta proposta para o ensino da Capoeira na escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, constando de objetivos e conteúdos, ambos em consonância, além de estratégias didáticas e avaliação do processo ensino-aprendizagem.

1. Primeiro Ciclo Pedagógico - 1º e 2º anos

1.1 Objetivos

- Identificar a Capoeira como uma manifestação afro-brasileira, problematizando os motivos de sua criação;
- Compreender a África como um lugar possuidor de uma grande diversificação cultural e de grandes riquezas;
- Vivenciar e construir jogos simbólicos e de imitação;

- Experimentar os movimentos variados de deslocamento (com 1, 2, 3 e 4 apoios no solo) e relacioná-los com os realizados pelos capoeiristas, de acordo com o que eles conhecem;
- Conhecer ou reconhecer espaços e mestres de Capoeira da comunidade;
- Conhecer instrumentos musicais utilizados na Capoeira;
- Valorizar a história dos negros escravizados e sua luta por libertação;
- Valorizar a cultura popular;
- Desenvolver a cooperação.

1.2 Conteúdos

- O continente africano;
- Manifestações afro-brasileiras;
- Movimentos corporais de deslocamento variados (com as mãos no solo, com um pé só, correr, saltar etc.);
- Brincadeiras e jogos cooperativos;
- Jogos e brincadeiras de perseguição;
- Mestres e espaços da Capoeira da comunidade escolar;
- Instrumentos musicais usados na Capoeira;

1.3 Estratégias Didáticas

Para este ciclo, esta proposta é dividida em quatro partes, onde o professor decidirá, de acordo com sua realidade escolar, em quantas aulas aplicará. Também se propõe que cada parte seja dividida em três momentos: 1º momento (Problematização) o professor irá identificar qual o conhecimento prévio da turma sobre o assunto, irá problematizar sobre a temática e explicará como será a atividade; no 2º momento (Vivência brincada), o professor dará sequência na aula com a aplicação dos jogos e brincadeiras, intervindo quando necessário; no 3º momento (Reflexão), mesmo entendendo que todos os momentos são reflexivos, neste deverá ser feita uma reflexão mais aprofundada sobre o tema e sua problemática. Importante ressaltar que o tempo planejado para as vivências brincadas seja superior aos demais momentos. Esse modelo também poderá ser adotado nas aulas.

No início de cada momento, sugerimos que sejam feitas algumas perguntas geradoras, entretanto o professor, enquanto conhecedor de cada turma, é que saberá quais perguntas irão melhor instigar a problematização temática em cada momento e parte da proposta.

Indicamos que a proposição seja aplicada em 03 (três) aulas nos 1º anos e em 03 (três) ou 04 (quatro) aulas nos 2º anos, mas cabe ao professor adequar à sua realidade.

Como recurso didático propõe-se, de acordo com cada realidade, a utilização de materiais para desenho, equipamentos de reprodução de áudio e vídeo, instrumentos musicais da Capoeira e materiais para dinamizar os jogos e brincadeiras (cordas, cones, elástico etc.). O mais importante será a criatividade do professor.

Caso o professor possua em sua turma um ou mais alunos que sejam praticantes ou ex-praticantes de Capoeira, recomenda-se reservar em cada aula, um tempo para que estes, caso solicitem ou a partir da sugestão do professor, possam demonstrar suas habilidades dentro de uma roda, mas apenas como forma de apresentar aos demais alunos quais os movimentos técnicos são aprendidos em uma aula de Capoeira.

1.4 Avaliação do processo ensino e aprendizagem

Propomos algumas estratégias avaliativas compreendendo a avaliação na sua totalidade e levando em consideração a dialogicidade e a reflexão crítica da realidade. Sugerimos a diversificação dos instrumentos, como desenhos, pesquisas, comentários, envolvimento nas atividades, observação e registro, textos. Também alertamos para que seja diagnóstica, processual, formativa e somativa. Ressaltamos que cabe ao professor refletir e decidir qual método avaliativo irá aplicar.

Parte 1 - Riquezas da África

1º Momento – Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem sabe o que é Capoeira? Quem já viu?

Quem sabe o que é África? Quem sabe o que existe lá?

Após a discussão, o professor deve falar um pouco das riquezas da África (caso tenha facilidade, utilizar equipamento de vídeo) e falar que o conteúdo da aula e das próximas será sobre Capoeira, mas que ele irá contar uma história, na qual será vivida por todos, assim é muito importante que prestem bem atenção.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Alguém sabe o nome de um lugar da África? Quais os animais que existem lá?

Iniciar a história falando um pouco do continente africano, fazendo com que o ambiente da aula se torne a África imaginária, citando nomes de nações africanas (Angola, Moçambique, Guiné etc.). O professor, juntamente com os alunos, irá fazer jogo de imitação (guerreiros e guerreiras, reis e rainhas, príncipes e princesas etc.), deixando com que os alunos participem da história, criando e recriando movimentos. Continuando a história, o professor passa a questionar sobre quais animais eles conhecem do continente africano, sugere alguns e mais uma vez solicita a imitação, observando e aproveitando as sugestões dos alunos. Nos momentos de imitação o professor deve ir propondo cada vez mais desafios corporais e cognitivos, além de, a todo o momento, proporcionar o contato entre os alunos.

Observação: Durante a história, o professor deve reforçar a ideia de que todos eram livres e tinham suas escolhas. Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (sons de tambores, de animais, músicas africanas).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

De que fala a história? Como iniciamos? De quais lugares falamos? De que mais falamos? Do que mais gostaram?

O professor deve perguntar sobre a história que ele iniciou, questionando os nomes dos lugares, as ocupações, animais, etc. Ele deve perguntar quem gostou e criar uma expectativa para a continuação da história.

- Sugestões de estratégias avaliativas:

Solicitar que os alunos realizem um desenho sobre esta parte da história de forma individual; pode também sugerir que todos desenhem em uma grande folha (papel madeira); também pode trazer um desenho impresso que simbolize a parte da história contada e entregar para que os alunos pintem.

Observação: Cada aula terá o seu desenho, para que, ao final da história, os alunos possam identificar nos desenhos a história contada. No entanto, fica a caráter do professor realizar ou não os desenhos, podendo o mesmo ficar apenas com a avaliação das falas nos momentos de reflexão. O professor pode utilizar uma das estratégias no 1º ano e outra no 2º ano.

Parte 2 - Invasão à África

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Sobre o que foi a aula?

História de que? Onde paramos?

Após a discussão, o professor deve fazer um breve resgate sobre a liberdade, riquezas do continente africano e que a história irá continuar. Caso ele tenha utilizado o desenho como estratégia, pode reforçar que eles terão outro desenho no final da aula.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

O que é uma invasão? Por que alguém invade um lugar?

Agora o professor irá contar que as nações da África começaram a ser invadidas por nações da Europa. Após roubarem suas riquezas, passaram a capturar as pessoas. Nesse momento o professor fará jogos de perseguição das mais variadas formas, variando também o número de perseguidores. Importante está mudando os nomes dos locais invadidos: “Vamos invadir Angola”, “agora vamos invadir Guiné,” etc. Fazer com que cada aluno ocupe a função de perseguidor e variar ao máximo, utilizando a criatividade e sugestão dos alunos novas formas de “perseguir” e “fugir”.

Observação: Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (toques de berimbaus, que são facilmente encontrados em plataformas online de vídeos e áudios).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Por que a África foi invadida?

Vocês acham certo invadir um lugar? E capturar as riquezas e pessoas? Por quê?

O professor deve perguntar sobre as partes da história que ele contou até agora e reforçar a informação sobre a captura de pessoas de diversos locais diferentes, onde cada uma ocupava uma função na sociedade em que viviam, mas agora estavam todos presos. Caso tenha utilizado o som, deve perguntar como era a música que eles estavam ouvindo e qual o nome do(s) instrumentos. O professor deve criar expectativa para a continuação da história.

Após as reflexões, caso o professor tenha optado pelos desenhos, essa é a hora!

Parte 3 - Navio Negreiro

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história? Onde paramos?

Quem se lembra do som que estava tocando?

Qual o nome do instrumento? (caso tenha utilizado som)

Após a discussão, o professor deve mostrar imagem do berimbau e os outros instrumentos utilizados na Capoeira (fotos, vídeos ou, caso tenha facilidade, pode levá-los para a aula) e falar que a história irá continuar. Caso ele tenha utilizado o desenho como estratégia, pode reforçar que eles terão outro desenho no final da aula.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Quem já viu um navio? Como seria estar preso em um navio?

Como podemos imaginar que estamos em um navio?

Fazer um resgate de toda a história e continuar contando que agora eles estavam presos e iriam ser levados para um lugar longe dos seus lares, dentro de um navio. Nesse momento o jogo será imaginar a viagem no navio, onde o professor deve solicitar deslocamento em quatro apoios (mãos e pés no chão), de frente, de costas, de lado etc. Posteriormente deve solicitar o deslocamento em grupos (2, 3, 4, 5...). Reforçar sempre a informação de que eles eram de lugares diferentes da África, onde cada local tinha sua própria cultura, como lutas, danças, costumes etc. Terminar esta parte da história com a chegada deles ao Brasil.

Observação: Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (músicas variadas de Capoeira, que são facilmente encontradas em plataformas *online* de vídeos e áudios).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Quais os movimentos que realizamos hoje? Vocês acham que alguns desses movimentos parecem com os que os capoeiristas fazem? Quais?

O professor deve perguntar sobre as partes da história que ele contou até agora. Reforçar a informação sobre a captura de pessoas de diversos locais diferentes, onde cada uma ocupava uma função na sociedade em que viviam, mas agora estavam todos presos, em uma terra longe. Caso tenha utilizado as músicas, deve explicar que são músicas de Capoeira. O professor deve criar expectativa para a continuação da história.

Após as reflexões, caso o professor tenha optado pelos desenhos, essa é a hora!

Parte 4 - Capoeira, Luta de Libertação

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história? Onde paramos?

Quem se lembra quais são os instrumentos musicais da Capoeira?

Após a discussão, o professor informa que hoje será a parte final da história.

2º Momento – Vivência brincada

- Perguntas geradoras:

Quem iria gostar de ser levado para longe de sua casa? De trabalhar forçado? De apanhar muito? O que fariam? Fugiriam? Lutariam?

Fazer um resgate de toda a história e continuar contando que, quando eles chegaram ao Brasil, foram escravizados (explicar o conceito de escravizado), então questionar quem iria gostar disso. Nesse momento, o professor explica que eles criaram a Capoeira para lutar e serem livres novamente. Então inicia o jogo simbólico de luta, que na verdade será um pega-pega adaptado. Nesse jogo, escolhe-se um “Capoeira” (podendo ser mais de um) e o objetivo é o “Capoeira” encostar a cabeça em alguma parte do corpo do colega, mas o deslocamento deve ser realizado em “quatro apoios”, ou seja, com as mãos e os pés no chão. Aqueles que forem sendo atingidos passam a ajudar o colega. Posteriormente pode ser solicitado que o “Capoeira” agora tem que encostar (ressaltar que, por ser uma brincadeira, não deve chutar o colega) um dos pés na perna do colega. A partir desse momento deve ser aproveitada a criatividade do professor e dos alunos para realizar as variações.

Terminar a história informando que assim a Capoeira foi criada, para a libertação de um povo e hoje é praticada em todos os lugares do mundo. Perguntar quem conhece um mestre ou professor de Capoeira; caso algum aluno queira demonstrar algum movimento específico da Capoeira, permitir que ele faça no centro da roda, de forma individual.

Observação: Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (músicas variadas de Capoeira, que são facilmente encontradas em plataformas *online* de vídeos e áudios).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da história do início até aqui? Quem criou a Capoeira?

Para que ela foi criada? Quais movimentos fizemos? São movimentos de Capoeira?

O professor deve resgatar com os alunos toda a história contada. Reforçar a informação sobre o motivo da criação da Capoeira e quem a criou (africanos) tornando ela uma luta afro-brasileira.

Após as reflexões, caso o professor tenha optado pelos desenhos, essa é a hora de realizar o último desenho e informar que na próxima aula irão olhar todos os desenhos, podendo expô-los na sala de aula.

2. Segundo Ciclo Pedagógico - 3º, 4º e 5º anos

2.1 Objetivos

- Identificar e valorizar a Capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira, compreendendo seu significado e sua aproximação com a classe social menos favorecida da sociedade;
- Compreender que a Capoeira foi criada como luta para a libertação;
- Compreender a África como um continente, com diversas nações, cada uma com sua identidade;
- Compreender que o processo de escravização dos africanos se deu por conta da exploração dos europeus em busca de riquezas;
- Assimilar termos específicos da escravidão;
- Refletir sobre o preconceito com as manifestações afro-brasileiras e com o negro na sociedade brasileira;
- Compreender que a abolição foi conquistada com muita luta do povo negro;
- Refletir sobre a luta por nossos direitos;
- Vivenciar, construir e reconstruir jogos simbólicos e de imitação;
- Experimentar os movimentos variados de deslocamento (com 1, 2, 3 e 4 apoios no solo), equilíbrio, força e relacioná-los com movimentos da Capoeira;

- Vivenciar movimentos característicos da Capoeira (rasteira, cabeçada, meia lua de frente, queixada, cocorinha);
- Vivenciar um movimento acrobático da Capoeira (aú);
- Conhecer ou reconhecer espaços e mestres de Capoeira da comunidade;
- Conhecer ou reconhecer os instrumentos musicais utilizados na Capoeira;
- Desenvolver a cooperação.

2.2 Conteúdos

- O continente africano e sua diversidade cultural (lutas, danças, idiomas etc.);
- Riquezas do continente africano;
- A Capoeira enquanto manifestação afro-brasileira;
- Capoeira como luta;
- Aspectos do sistema escravagista (senzala, feitor, capitão do mato, casa grande etc.);
- Conceito de Quilombo;
- Preconceito racial e social;
- Mestres e espaços da Capoeira da comunidade escolar;
- Movimentos de equilíbrio, coordenação, força e deslocamentos variados;
- Movimentos corporais que simulam ataques e defesas;
- Movimentos específicos da Capoeira (cabeçada, rasteira, cocorinha, meia lua de frente, queixada);
- Movimento acrobático da Capoeira (aú);
- Jogos e brincadeiras de oposição e perseguição;
- Jogos e brincadeiras cooperativas;
- Instrumentos musicais utilizados na Capoeira.

2.3 Estratégias Didáticas

Para este ciclo, esta proposta é dividida em 06 partes, onde o professor decidirá, de acordo com sua realidade escolar, em quantas aulas o aplicará. Para cada parte se propõe a divisão em 03 (três) momentos, onde no 1º momento (Problematização) o professor irá identificar qual o conhecimento prévio da turma sobre o assunto, irá problematizar sobre a temática e explicará como será a atividade; no 2º momento (Vivência Brincada), o professor dará sequência na aula com a aplicação dos jogos, intervindo quando necessário; no 3º momento (Reflexão), mesmo entendendo que todos os momentos são reflexivos, neste deverá

ser feita uma reflexão mais aprofundada sobre o tema e sua problemática. Importante ressaltar que o tempo planejado para as vivências brincadas seja superior aos dos demais momentos. Esse modelo também poderá ser adotado nas aulas.

Sugerimos que no início de cada momento algumas perguntas geradoras, entretanto o professor, enquanto conhecedor de cada turma, é que saberá quais perguntas irão melhor instigar e problematizar a temática em cada momento e parte da proposta.

Indicamos a aplicação em, no mínimo, 05 (cinco) a 06 (seis) aulas, mas compreende-se que o professor que saberá melhor definir. Caso o 5º ano já tenha vivenciado, em pelo menos, 02 (dois) anos anteriores este conteúdo, a estratégia deverá ser outra, onde em 02 (duas) aulas o professor poderá aplicar toda a metodologia proposta, como forma de resgatar o conhecimento, podendo posteriormente à aplicação, realizar reflexões mais aprofundadas sobre como a Capoeira se encontra atualmente na sociedade.

Como recursos didáticos propomos, de acordo com cada realidade, a utilização de pesquisas na internet, equipamentos de reprodução de áudio e vídeo, instrumentos musicais da Capoeira e materiais para dinamizar os jogos e brincadeiras (balões, giz, cordas, cones, elástico, etc.). O mais importante será a criatividade do professor.

Caso o professor possua em sua turma um ou mais alunos que sejam praticantes ou ex-praticantes de Capoeira, propomos reservar em cada aula, um tempo para que estes possam contribuir mais diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos demais, a partir da demonstração de como eles aprenderam os movimentos e as nomenclaturas que utilizam para designá-los.

2.4 Avaliação de Ensino e Aprendizagem

Propomos algumas estratégias avaliativas, compreendendo a avaliação na sua totalidade e levando em consideração a dialogicidade e a reflexão crítica da realidade. Sugerimos a diversificação dos instrumentos, como desenhos, pesquisas, comentários, envolvimento nas atividades, observação e registro, textos. Também alertamos para que seja diagnóstica, processual, formativa e somativa. Ressaltamos que cabe ao professor refletir e decidir qual método avaliativo irá aplicar.

Parte 1 – África, Continente Multicultural

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem aqui conhece Capoeira? O que é Capoeira? Quem criou? Por quê? Quem já praticou ou pratica? Conhece alguém que pratica? Na comunidade tem algum mestre ou professor de Capoeira? E o que é África? O que vocês sabem sobre a África? Quem lembra da história que fizemos ano passado?

Após a discussão, de acordo com cada caso e turma, o professor deve falar sobre as riquezas e a diversidade cultural da África (caso tenha facilidade, utilizar equipamento de vídeo). Para turmas de 5º ano, pode solicitar uma pesquisa sobre as lutas de alguns países africanos. Destacamos que o aprofundamento no tema vai depender muito do professor e da turma. Em seguida o professor explicará que eles vão entender como a Capoeira foi criada a partir de uma história, onde todos irão vivenciar na prática.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Vocês sabem nomes de países da África? Quais? Quais países invadiram a África? A qual continente eles pertencem? Vocês sabem o que é saquear?

Começar a história falando um pouco do continente africano, fazendo com que o ambiente da aula se torne a África imaginária, mas citando nomes de nações africanas (Angola, Moçambique, Guiné, etc.). Realizar o “jogo das riquezas”. Há diferentes formas de realizar esse jogo e cabe ao professor adequar à sua turma. Também pode adaptar e/ou criar um jogo que tenha o mesmo significado, que é retirar as riquezas de alguém. Esse jogo simbolizará o saqueamento das riquezas do continente africano no passado e até hoje. Seguem as explicações:

- Opção 1 - Realizar o jogo com balões, utilizando 04 (quatro) cores: amarelo, simbolizando o ouro; verde, representando a vegetação; vermelho, os animais; preto, a raça negra. A turma é dividida em dois grupos, o primeiro representará o continente e formará uma grande roda, todos de mãos dadas, onde os balões serão colocados dentro e serão protegidos pelos integrantes da roda. O segundo grupo representará os colonizadores, que tentarão saquear o continente. O professor e a turma decidirão quantos “saqueadores” farão parte do grupo e o número pode ser alterado, de acordo com o desenrolar do jogo. Ao sinal do professor ou de uma música, os “saqueadores” tentarão pegar os balões, seguindo uma ordem previamente acordada, ou seja, pegarão “um tipo de riqueza” por vez, até pegarem tudo. Para cada balão estourado por um saqueador, este trocará de função com alguém do “continente”. Caso o professor

perceba que os “saqueadores” não estão conseguindo, ele deve criar estratégias para favorecê-los, pois a intenção realmente é fazer com que o “continente” seja “saqueado” para provocar a reflexão. Os papéis podem ser constantemente alternados entre os alunos, para que todos possam vivenciar os dois lados.

- Opção 2 – Realizar o jogo utilizando fitas com as mesmas cores dos balões. Entretanto, o jogo será de perseguição e os “saqueadores” tentarão pegar as fitas, até conseguir pegar todas.
- Opção 3 – Realizar o jogo com qualquer material que se dispõe, ou mesmo sem material, da seguinte forma: o jogo também será de perseguição e cada aluno que representará o continente terá o direito de ser pego 4 vezes, quando na quarta, ele passará a ser um perseguidor

Estas foram algumas opções para o que chamamos de “jogo das riquezas”, contudo, uma alternativa mais simples é trabalhar com o “pega-pega corrente”, brincadeira também de perseguição, na qual o aluno que for pego deverá ajudar a pegar os demais colegas, sendo que de mãos dadas com quem lhe pegou. Desta forma também promove-se uma reflexão sobre porque quem foi “capturado” ajudou a “capturar” seus companheiros.

O jogo nessa primeira parte da história deve simbolizar a invasão à África e a captura dos africanos, podendo o professor adaptar e/ou criar novos jogos para atingir esse objetivo.

Observação: A todo momento deve ser reforçada a informação de que isso aconteceu em várias nações africanas. Pode ser utilizado um aparelho de reprodução de áudio para deixar a aula mais animada (sons de tambores, de animais, músicas africanas).

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem saqueou a África? Quais as riquezas do continente africano?

O professor deve, de acordo com a turma, promover as reflexões sobre porque a África foi roubada durante muitos anos e enfatizar que aqueles capturados tinham suas funções específicas na sua nação, que não eram todos iguais e que as nações falavam idiomas diferentes. Ele deve criar expectativa para as próximas aulas, enfatizando que é assim que começa a história da Capoeira.

- Sugestões de estratégias avaliativas:

Solicitar que os alunos do 3º ano escolham uma palavra que simbolize a aula e colocar todas as palavras em uma cartolina, fazendo que em cada aula seja criado um novo “quadro de

palavras” e ao final tenha toda a história em palavras pelos próprios alunos. Para o 4º ano pode ser solicitado que cada aluno escreva a parte da história da aula até chegar ao final. E para o 5º ano podem ser solicitadas pesquisas diversas relacionadas ao tema da aula, como proposto anteriormente.

Parte 2 – Navio Negreiro

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Quais os nomes dos países? O que aconteceu na história? Vamos ver as palavras que escreveram. Todos fizeram a pesquisa? O que acham que vai acontecer agora na história?

Após a discussão, o professor explica que a continuação da história se dará no transporte dos africanos capturados para o Brasil, dentro de um barco denominado de “Navio Negreiro”. Nesse momento o professor pode mostrar imagens de como era um “Navio Negreiro”.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Quem sabe o nome de um oceano? Como podemos fingir que estamos presos no navio? Se um navio partir o que acontece?

O professor deverá estimular a imaginação da turma, solicitando que eles imaginem o mar que todos irão ter que atravessar, o oceano Atlântico. Neste momento, o professor fará com que a turma inicie a travessia, para isso ele vai estimulando várias formas de deslocamento, além de fazer com que eles “atravessem” individualmente, em duplas, trios, etc. Quando em grupos, eles devem fazer a travessia sem deixar ninguém para trás. Em um momento deve ser solicitado que todos atravessem juntos (mãos dadas, braços entrelaçados, abraçados etc.). Quando individualmente, devem ser priorizados os deslocamentos em quatro apoios no chão. Fazendo sempre a reflexão da dificuldade que era a viagem dentro dos Navios Negreiros. Durante a atividade pode ser utilizado um reprodutor de áudio com músicas de Capoeira.

3º Momento (Reflexão)

- Perguntas geradoras:

Quais movimentos fizemos que parecem com os da Capoeira? Será que a travessia dos africanos foi fácil? Com o que podemos comparar os Navios Negreiros? Que tipo de música estava tocando? Como foi mais difícil atravessar? Por quê?

Questionar aos alunos se eles conhecem algum movimento realizado na Capoeira e se os movimentos realizados na aula parecem com estes movimentos. Voltar a fazer a reflexão sobre como era a real travessia dentro dos Navios Negreiros. Para algumas turmas podem ser feitas contextualizações sobre os ônibus lotados levando os trabalhadores todos os dias, apenas como forma de refletir sobre a realidade. Nesse momento também deve ser falado sobre a música que tocou durante a aula, que eram músicas de Capoeira. Falar quais os instrumentos mais comuns na roda de Capoeira (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco). Como avaliação, o professor pode dar sequência à estratégia escolhida na aula 01, além de solicitar pesquisas sobre os instrumentos utilizados na Capoeira. Criar expectativa para a próxima aula.

Parte 3 – Senzala e o Trabalho do Escravizado

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Como eram chamados os barcos? O que aconteceu na história? Vamos ver as palavras que escreveram. Todos fizeram a pesquisa? O que acham que vai acontecer agora na história?

Após a discussão, o professor explica que a continuação da história será a partir da chegada ao Brasil, onde serão escravizados.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Quem conhece o nome de algum idioma africano? Como a gente pode se comunicar com alguém que não fala nosso idioma? Onde os escravizados dormiam? Quais trabalhos eram realizados por eles? Quais atividades podemos fazer para simular esses trabalhos?

O professor deve continuar a história falando de como eram separados os africanos, onde propositalmente eram misturadas as nações, para assim dificultar o diálogo entre eles. No 5º ano pode ser realizado nesse momento o jogo do “nó humano”, no qual os alunos são colocados em círculo, de mãos dadas e devem memorizar quem está ao seu lado direito e esquerdo. Após, o professor escolhe alguma estratégia para fazer com que todos se misturem

e, ao sinal do professor, eles devem dar as mãos aos mesmos colegas que estava no momento do círculo, formando assim um grande “nó”. A partir daí a turma deve desfazer o nó sem se comunicar oralmente uns com os outros, fazendo uma reflexão da dificuldade de alcançar um objetivo quando você não consegue conversar.

O professor também deve falar do local onde os escravizados ficavam a Senzala. Falar que com a mistura das nações, houve uma mistura de culturas (este dado é totalmente relevante para o entendimento da criação da Capoeira). Pode ser delimitada uma pequena área no local da aula e todos da turma devem permanecer lá quando não estiverem “trabalhando”. Os movimentos que simbolizarão o trabalho podem ser criados pelo professor e a turma. Seguem sugestões: “carrinho de mão”, “cadeirinha”, levar algum colega nas costas, entre outros. Posteriormente o professor deve falar de um trabalho comum realizado na época da escravidão, que era o corte da cana-de-açúcar. Para simbolizar, o professor deve pedir aos alunos que façam movimentos de “rasteiras”, da forma que eles quiserem.

3º Momento – Reflexão

- Perguntas geradoras:

Qual trabalho foi mais difícil? Por quê? Qual movimento da Capoeira nós realizamos? Quem gostaria de ser escravizado?

O professor deve falar sobre os movimentos realizados na aula, sobre a “rasteiras”, que é um dos golpes mais característicos da Capoeira. Nos 5º anos é possível contextualizar a rasteira na Capoeira com a “rasteira” da vida, falar da importância de saber cair e levantar na vida. Questionar aos alunos sobre quem gostaria de viver nas condições de um escravizado. Falar mais um pouco sobre como o ambiente da senzala era multicultural. O que eles fariam se fossem eles? A partir desse momento já cria a expectativa para a continuação da história, que será a fuga das senzalas. Como avaliação, o professor poderá dar sequência à estratégia escolhida. Solicitar pesquisa para os 5º anos sobre tipos de golpes de desequilíbrio existentes na Capoeira.

Parte 4 – A Fuga para os Quilombos

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Qual o nome do local onde dormiam os escravizados? Qual o movimento específico da Capoeira que realizamos? O que aconteceu na história? Vocês sabem o que é um quilombo?

Após a discussão, o professor explica que a continuação da história será a fuga para os quilombos.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

As nações da África tinham guerreiros? Elas tinham suas próprias lutas? Vocês lutariam para se libertar? Quem perseguia os escravizados quando eles fugiam?

Primeiramente deve fazer um resgate da história, elencando alguns pontos principais, como a diversidade cultural da África, a mistura das nações quando chegaram ao Brasil, o sofrimento da vida de escravizado. Faz-se a reflexão que era natural alguém querer fugir, se libertar. Mas como eles não possuíam armas, tinham que lutar, muitas vezes, com o próprio corpo e ainda enfrentar as dificuldades de fugir para a mata.

Os movimentos que simbolizarão a fuga deverão ser desafios, onde pode ser feito um circuito de obstáculos. Também podem ser realizados, mais uma vez, os deslocamentos corporais diversificados, entrando também o movimento de “estrela” da ginástica, que na Capoeira é chamado de “aú”. Contudo, agora entra na história a figura do “capitão-do-mato”, que poder ser representado pelo próprio professor. O capitão-do-mato deverá acompanhar a fuga e como desafios corporais pode ser solicitado que quando o capitão-do-mato chegasse perto de alguém, este deveria ter que se equilibrar de uma forma pré-estabelecida (com a cabeça no chão, fazendo uma “ponte”, com um pé para cima, etc.) para não ter que voltar para a senzala. Podem ser utilizados diversos materiais pedagógicos, como cordas, cones, bastões, etc. Vai depender da criatividade do professor e da turma.

Ao final da fuga, forma-se um quilombo, onde todos farão um círculo de mãos dadas e o professor falará um pouco sobre o que é um quilombo.

3º Momento - Reflexão

- Perguntas geradoras:

Por que a “estrela” na Capoeira é chamada de “aú”? (Na execução do movimento, primeiramente a letra A é simbolizada pelos dois braços quando as mãos estão no solo, e a letra U pelas duas pernas para cima) Quem sabe o nome de algum quilombo? Com o que podemos comparar os quilombos na nossa realidade?

Falar sobre os movimentos realizados na aula, principalmente sobre os de equilíbrio e o “aú” que são bastante realizados pelos capoeiristas. Contextualizar o quilombo com as comunidades atuais. Solicitar pesquisa sobre o Quilombo dos Palmares para turma do 5º ano. Enfatizar que durante a fuga, os escravizados muitas vezes lutavam com os seus perseguidores e para isso utilizavam o próprio corpo, pois todos sabiam lutar e com a mistura de culturas acabaram aprendendo outras formas de lutas. Continuar com a estratégia de avaliação escolhida na primeira aula.

Parte 5 – Capoeira, Luta de Libertação

1º Momento - Problematização

- Perguntas geradoras:

Quem se lembra da aula passada? Qual o nome do local para onde os escravizados fugiam? Quais os movimentos da Capoeira que realizamos? O que aconteceu na história? Como a Capoeira entra na história?

Após a discussão, o professor explica que a continuação da história será do quilombo à Capoeira atual.

2º Momento – Vivência Brincada

- Perguntas geradoras:

Por que um quilombo precisa ser forte? Qual a importância da união?

Após realizar um resgate de toda a história, o professor trará a reflexão sobre a necessidade de um quilombo ser forte. Explicará que os moradores dos quilombos eram chamados de quilombolas e que constantemente os quilombos sofriam tentativas de invasão. Nesse momento serão feitos jogos de roda, onde, de acordo com a quantidade de alunos na turma, podem ser formadas 02, 03 ou mais rodas, que simbolizarão os quilombos. Com os quilombos formados, o professor definirá alguém para ficar fora do quilombo e outro aluno para dentro do quilombo. Quem estará fora (capitão-do-mato) tentará capturar o aluno que se encontra dentro (quilombola), que poderá sair e entrar a qualquer momento do quilombo. Todos os alunos devem assumir os dois papéis. Variações nas regras podem e devem ser feitas para tornar a atividade mais dinâmica.

Outra atividade muito conhecida que pode ser contextualizada com os quilombos é que a turma (quilombolas) deve correr de uma área pré-determinada (quilombo) para outra (quilombo) sem ser pego por um aluno (capitão-do-mato), que não poderá adentrar em

nenhum dos quilombos. À medida que os alunos forem sendo pegos, estes passam a ajudar o capitão-do-mato a pegar os demais, formando uma “corrente” humana, até que todos sejam pegos.

Uma variação desta brincadeira pode ser realizada para trabalhar 03 movimentos específicos da Capoeira. Quando um quilombola for pego, este ficará agachado, com um dos braços na frente do rosto, como forma de proteção (posição de cocorinha) e não ajudará o capitão-do-mato. Na medida em que a turma continue passando de um quilombo para outro, o quilombola capturado poderá ser salvo, caso um de seus colegas, passe a perna por cima de sua cabeça, com um movimento circular, que representará a queixada ou meia lua de frente (perna direita girando no sentido horário simboliza a queixada e no sentido inverso simboliza a meia lua de frente; perna esquerda girando no sentido horário simboliza a meia lua de frente e no sentido inverso simboliza a queixada).

Outra atividade a ser realizada é com os alunos em círculos (quilombos), é solicitado que cada aluno faça algum movimento corporal que ele ache difícil e os outros alunos tentem realizar. Também pode ser solicitado para que os alunos realizem os movimentos realizados nas aulas que se assemelham com os da Capoeira. Nesta atividade é que entrará a contextualização com a criação da Capoeira.

3º Momento - Reflexão

- Perguntas geradoras:

Quem criou a Capoeira e para que criou? O que significa ser livre? O que significa afro-brasileiro? Quem foi Zumbi? Quem foi Dandara? Quais movimentos da Capoeira que realizamos?

O professor deve questionar sobre a criação da Capoeira. Para que ela foi criada? Quem a criou? Fazer entender que ela é fruto de uma mistura de várias culturas, sendo que foi criada aqui no Brasil, por isso é afro-brasileira. Deve falar de outras manifestações de mesma origem. Falar que a partir daí a Capoeira foi ganhando novas características e hoje é Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade. Solicitar uma pesquisa sobre os mestres ou professores de Capoeira que existem na comunidade, assim como os locais onde acontecem as aulas. Solicitar pesquisa sobre quais os golpes e defesas utilizados na Capoeira

Parte 6 – O que Sabemos de Capoeira

Na última etapa da proposta para o 2º ciclo, recomenda-se fazer um momento de avaliação com a turma por meio da estratégia escolhida, sejam as palavras, frases, textos. Além disso, é hora de falar sobre as pesquisas (lutas, instrumentos, Palmares, mestres e locais de Capoeira na comunidade, golpes, defesas).

Algo que pode ser feito é o convite para esse momento do mestre ou professor de Capoeira da comunidade para realizar uma vivência corporal com alguns aspectos técnicos ou mesmo uma roda. O professor também pode nessa aula passar alguns vídeos sobre Capoeira, não de história, mas de rodas e movimentos (vídeos facilmente encontrados na internet).

6 “IÊ! VOLTA DO MUNDO!”¹⁸

No universo da Capoeira aprendemos que o mundo não para, ele continua sempre rodando, por isso cantamos sempre sobre as voltas do mundo. Dentro de uma roda, contextualizo o jogo de Capoeira em um diálogo com perguntas e respostas, onde tudo pode acontecer e nem sempre as coisas saem como o capoeirista planejou, fazendo com que ele improvise, pense, reflita, analise, busque encontrar uma resposta para as questões discutidas, embora às vezes as respostas não sejam encontradas naquele momento.

E assim é nossa vida! A todo o momento somos colocados à prova, questionados por alguma situação, algum problema, mas não podemos estagnar, parar no tempo, temos que acompanhar as evoluções, o contexto social, cultural e político, o ritmo que a sociedade segue, assim como na roda se acompanha o ritmo do berimbau, onde cada toque tem uma forma de se jogar. Entretanto, sempre temos que lembrar nossas raízes, precisamos conhecer de onde viemos, para assim, sabermos onde queremos chegar, pois compreendemos que apenas desta forma conseguimos construir algo forte, pois quem segura uma árvore é sua raiz.

Iremos finalizar nossa roda compreendendo que outras estão acontecendo neste exato momento, onde excelentes jogos estão sendo realizados, e que teremos ainda muitas outras rodas para jogar. No entanto, antes que os participantes se dispersem, trazemos aqui uma reflexão sobre tudo que esta roda proporcionou ou tentou proporcionar aos seus integrantes.

Compreendemos que os jogos realizados em nossa roda foram ricos e conseguiram atender todas as nossas expectativas, dentre as quais, os objetivos propostos em nosso estudo. Entendemos que foi possível situar o leitor sobre o percurso histórico atravessado pela Capoeira, apontando questões importantes para uma mínima compreensão deste patrimônio cultural, como os preconceitos sofridos e os avanços que conseguiu na sociedade, atingindo assim o objetivo específico 01 (um). Além disso, foi exposto como as duas áreas deste estudo, Capoeira e educação física, mantiveram historicamente uma relação próxima e muitas vezes intrínseca.

Também apresentamos e analisamos as propostas metodológicas para a Capoeira nas aulas de Educação Física existentes que foram consideradas relevantes, tanto pela relação com a vida formativa do autor, quanto pelo reconhecimento na área acadêmica, contemplando desta forma, o objetivo específico 02 (dois). Concluímos que existem pontos comuns e positivos nas propostas, como a historicidade e a ludicidade. Entretanto, também

¹⁸ Trecho de cantiga de capoeira que significa que nada está acabado, tudo pode mudar.

apresentamos aspectos que dificultam sua aplicabilidade por professores de Educação Física sem vivência na Capoeira, fazendo com que a Capoeira permaneça como um dos conteúdos menos abordados nas aulas. Tais aspectos são: utilização de movimentos técnicos e complexos específicos da manifestação; falta de sistematização aos níveis de ensino; e falta de contextualização.

Com a narrativa de formação do professor pesquisado, concluímos que, a partir das categorias expostas nela, foi possível apresentar, por meio da narração de sua trajetória capoeirística, situações que foram importantes para sua formação, como: seus primeiros anos como capoeirista; as conquistas de suas graduações, assim como o aprendizado que cada graduação lhe trouxe; sua iniciação como instrutor e professor de Capoeira, narrando situações de dentro e fora do meio capoeirístico que contribuíram para a sua decisão de trabalhar com a arte; o trabalho com crianças e a necessidade de adaptações das aulas.

Ainda na narrativa, com a descrição realizada, podemos concluir que a formação acadêmica do professor pesquisado ofereceu elementos para o refazer da ação pedagógica, aliados aos saberes da sua práxis, que se articulavam na criação de novos conhecimentos para sua prática, contribuindo na criação da proposta para o ensino da Capoeira. Realizamos um resgate inicial de sua experiência como aluno da Educação Básica, especificamente como eram suas aulas de Educação Física e como a Capoeira se mantinha presente, além de identificar métodos tradicionais reproduzidos nas aulas.

Sendo o foco principal os elementos pedagógicos que colaboraram para a construção de sua proposta metodológica de trabalho com a Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar, conseguimos identificar que foi durante sua graduação, a partir da influência direta de alguns autores e professores, que, a relação entre criticidade, historicidade e ludicidade passou a fazer parte de suas aulas de Capoeira, em ambientes formais e não formais. Também constatamos aspectos importantes na especialização e no mestrado, como a angústia do professor, ao perceber que a Capoeira não era abordada nas aulas de Educação Física, quando finalizou uma de suas pesquisas sobre a temática, concluindo sobre a dificuldade dos professores em inserir a Capoeira nas suas aulas, seja por falta de formação ou mesmo pela ausência de uma metodologia de fácil compreensão e sistematizada. Com a exposição destes elementos formativos atingimos o objetivo específico 03 (três).

Durante o mestrado, ressaltamos a relevância do diálogo ocorrido entre professores de diferentes localidades do Brasil, pois sendo o PROEF um curso em rede nacional, foi possibilitado o conhecimento de outras realidades, sendo este um fator importante para a certeza de continuar adiante com sua proposta. Entretanto, foi com a oportunidade de aplicar

sua metodologia em um evento internacional da área, XXI CONBRACE e VIII CONICE, para professores de Educação Física de diferentes regiões brasileiras, a partir da avaliação dos participantes, que se constatou a aceitação da proposta em construção, concluindo acerca da sua viabilidade em diferentes contextos escolares.

Fruto de uma vida na Capoeira, na escola e na universidade, contendo todos os elementos pedagógicos da formação e da experiência com o ensino desta manifestação em ambientes diversos, de uma forma simples e compreensível, apresentamos a nossa possibilidade metodológica com a Capoeira, adequada e sistematizada para os anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando o objetivo 04 (quatro). Visando principalmente atender aos professores de Educação Física que nunca tiveram formação com a Capoeira, ou mesmo tendo alguma experiência não se sentiam seguros para aplicá-la no espaço escolar com crianças.

Para isso, concluímos que o capoeirista professor investigado utilizou todos os elementos formativos apontados neste estudo para formular pedagogicamente a proposição apresentada. Os pressupostos teórico-metodológicos de sua formação e sua experiência de vida o fizeram chegar à sua concepção de ciclos pedagógicos, com os seguintes aspectos didáticos: objetivos, conteúdos, estratégia didática e avaliação de ensino e aprendizagem, os quais, a partir de uma dimensão humana, complementam e dão suporte a proposta.

Compreendemos que, assim como foi proposto no objetivo geral, conseguimos revelar, por meio da história de vida temática do professor investigado, quais elementos pedagógicos, empíricos e acadêmicos, fizeram parte da formação do professor investigado, contribuindo para a elaboração de uma possibilidade metodológica para se trabalhar com a Capoeira como conteúdo da Educação Física Escolar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ressalta-se, por fim, uma das principais intenções deste estudo, que foi ajudar a salvaguardar o patrimônio cultural. Para isso, sugerimos ser necessário que a Capoeira esteja presente nas escolas brasileiras não somente como um conteúdo da Educação Física Escolar, ou atividade extracurricular, mas com um lugar de destaque em todo o sistema de educação nacional, sendo valorizada como a manifestação rica que é, tendo sua trajetória intrinsecamente relacionada com a história do povo brasileiro, e principalmente, sendo ministrada por um mestre de Capoeira. Entretanto, com todas as barreiras que ela ainda terá que superar para alcançar este status, entendemos que podemos facilitar sua inserção utilizando a Educação Física Escolar. Para esse fim, foi construída uma possibilidade

metodológica de fácil aplicação para o professor, não capoeirista, abordá-la nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Compreendemos que esta contribuição contempla a Capoeira e os capoeiristas, na medida em que, na sociedade em que vivemos, infelizmente ainda é mais valorizado o que se é transmitido nos espaços formais de ensino, como na escola. Assim, se a Capoeira passa a ser um tema comum nas aulas, logo alguns preconceitos poderão ser vencidos, podendo assim, aumentar a demanda de alunos nas escolas de Capoeira e facilitar ainda mais sua inserção na escola de uma forma definitiva.

Contudo, finalizamos que este estudo traz uma contribuição direta para a área da Educação Física Escolar, na qual, a partir do acesso, aceitação e utilização da proposição pelos professores, possibilite que mais um conteúdo da cultura corporal seja democratizado, sendo garantido assim o direito de cada criança em conhecer, vivenciar e refletir sobre uma manifestação afro-brasileira que atualmente se encontra em todos os continentes do mundo e tem em sua essência a luta por liberdade.

Iê! Galo cantou!¹⁹

¹⁹ Trecho de cantiga de capoeira que simboliza que uma mensagem importante foi enviada.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. Cultura popular, educação e lazer: uma abordagem sobre a capoeira e o samba. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v.1, n.1, p. 58- 66, jan. – jun, 2006.
- ADORNO, C. **A arte da capoeira**. 6. ed. Goiânia: Kelps, 1999. 83p.
- ALMEIDA, R. C. A. **A Saga do Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994. 201p.
- AMARAL, M. G. T.; SANTOS, V. S. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 62, p. 54-73, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742015000300054&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019.
- BARBIERI, C. A. S. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA), 1993. 197p.
- BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BETTI, M.; GOMES-DA-SILVA, P. N. **Corporeidade, jogo, linguagem a Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2018.
- BEZERRA, E. J. **Corporeidade e Educação Física Escolar: construindo um caminho solidário para a educação**. Natal, UFRN, 2000. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília, DF, IPHAN, 2014. 148p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, DF, 2018.
- BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Presidência da República**, Casa Civil. Subchefia para Assuntos jurídicos.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001a. 153p.
- CAMPOS, H. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT/EDUFBA, 2001b. 184p.

CAMPOS, H. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009. 306p.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 238p.

CASTILHA, F. A. **Aspectos pedagógicos da capoeira**. Passo Fundo: Méritos, 2012. 159p.

COLUMÁ, J. F.; CHAVES, S. F. **Capoeira e psicomotricidade: brincando e aprendendo a jogar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CORDEIRO, A. A. S.; ABIB, P. R. J. A Educação da Capoeira: uma pedagogia da Cultura Popular. **Educação em Foco**. ano 21, n. 33, p. 223-241, jan./abr. 2018.

COSTA, R. S. **Capoeira: O caminho do berimbau**. 2. ed. Brasília, 2000. 150p.

CUNHA, N. V. S. *et al.* (org). **Diálogos acerca da formação de professores em Educação física**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. 230p.

DARIDO, S. C. (org). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011.

DARIDO, S. C. *et al.* **Práticas corporais: educação física: 6º aos 9º anos: manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2018.

DARIDO, S. C.; IÓRIO, L. S. Educação Física, Capoeira e Educação Física Escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 137 - 143, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293p.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. DE. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

DA SILVA SOUSA, M. G.; DE OLIVEIRA CABRAL, C. L. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. [S.l.] Horizontes, v. 33, n. 2, dez. 2015. ISSN 2317-109X. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em set. 2019.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Salvador, UFBA, 2004. 409 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004a.

FALCÃO, J. L. Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v. 7, n. 2, p. 155-170, jul/dez, 2004b.

FALCÃO, J. M. *et al.* Saberes compartilhados no ensino de jogos e brincadeiras: maneiras/artes de fazer na educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 615-631, jul./set. 2012.

FERREIRA, H. S. (org.) **Educação Física Escolar**: possibilidades metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2015. 196p.

FERREIRA, H. S.; QUEIROZ, A. P. **O Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Ceará**: construindo sua história (2000 – 2010). Fortaleza: EdUECE, 2010.

FINK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola**: cotidiano, saberes e formação. 2 ed. rev. Curitiba: Ibpx, 2011.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57 ed. rev. e anual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, J. M. (org.) **Uma coleção biográfica**: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrainha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2015. 375p.

GEHDIN, E. ; OLIVEIRA, E. S.; ALMEIDA, W. A. **Estágio com Pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

GONZÁLEZ, F. J. ; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. DE. (org). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá: Eduem, 2014.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Pedagogia da Animação**. 4. ed. São Pulo, SP: Cortez, 2000.

LAVILLE, C. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUSSAC, R. M. P.; TUBINO, M. J. G. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 7 – 16, 1. trim. 2009.

LUSSAC, R. M. P. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 267-278, jun 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180755092015000200267&lng=en&nrm=iso. Acesso em ago. 2018.

MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8, 2002. Ponta Grossa, PR. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. **Anais...** Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n.3. p. 239-262, jul/sep, 1993.

MOTA, C. M. A. **Conhecimento de si, diferenças na docência rural e formação docente.** Jacobina – BA, UNEB, 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia - MPED, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, 2016.

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

NASCIMENTO, P. R. B. **A capoeira no contexto da escola e da educação física.** Ijuí –RS, UNIJUI, 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Pedagogia, 2005.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 215-223, set. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892018000300215&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2020.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista Educación**, n. 350, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.revistaeducacion.mec.es/re350_09.html. Acesso em: 04 set. 2019.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2009. 200p.

RADICCHI, M. R. **Capoeira e escola: significados da participação.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013. 128p.

REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000. 208p.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: Congresso Nacional de Formação de Professores, 2., 2014. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UNESP, 2014. Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf. Acesso em: 06 set. de 2019.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memória D'África**: a temática africana em sala de aula. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, G. O.; HEINE, V. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008. 196p.

SILVA, J. M. F. **A linguagem do corpo na capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003. 151p.

SILVA, L. H. L. **A capoeira como conteúdo na educação física escolar**: uma análise da práxis dos professores de uma rede municipal de ensino. Fortaleza, UECE, 2013. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Curso de Especialização em Educação Física Escolar, 2013.

SILVA, L. H. L. **A necessidade da capoeira dentro da matriz curricular dos cursos de Educação Física das instituições de ensino superior da cidade de Fortaleza**. Fortaleza, UECE, 2008. 94f. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, 2008.

SILVA, P. C. C. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 889-903, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 set. 2019.

SILVA, R. M. **Entrando no jogo**: reflexões sobre os docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino da capoeira na escola. Natal – RN, UFRN, 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, 2018.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. 612p.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SO, M. R.; Betti, M. Lutas na Educação Física escolar: relação entre conteúdo, pedagogia e currículo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 178, p. 1, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/135277>. Acesso em: 19 ago. 2019.

SOUSA, G. P. C.; FREITAS, M. R. O. ; XAVIER, J. K. N. D. História de Vida e Autoformação Docente: Relato de Um Professor de Alunos Cegos No CADV – Mossoró. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, p. 37 – 50, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/includere>. Acesso em: 06 set. de 2019.

SOUZA, P. C. S. **Capoeira**: técnicas básicas. Paris: Independance prod, 2006. 191p.

SOUZA, S. A. R. DE; OLIVEIRA, A. A. B. de. Estruturação da Capoeira como Conteúdo da Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. *Journal of Physical Education*, v. 12, n. 2, p. 43-50, 5 jun. 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TINOCO, E. J. B. **Educar para a solidariedade: uma perspectiva para a educação física escolar**. Natal – RN, UFRN, 2007. 232 f. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, Controvérsias e Fatos: construindo a história da capoeira. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 34, p. 98-120, 1999.

VIEIRA, L. R. (org). **Capoeira: perspectivas contemporâneas**. Brasília: Trampolin, 2018. 314p.

ZEICHNER, K. M. **A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

ZEICHNER, K.M. Uma análise crítica sobre "reflexão" como conceito estruturado na formação docente. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, agosto de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2020.

ANEXOS

ANEXO A - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UECE

1º SEMESTRE	
Disciplina	Créditos
Introdução a Psicologia	4
Dimensões Filosóficas da Ed. Física	2
Folclore e Cultura Popular	4
Bases Biológicas Aplicadas	4
Hist. Métodos e Sistemas de Ed. Física	4
Introdução a Ed. Física e ao Esporte	2
Didática Geral	2
2º SEMESTRE	
Fisiologia Humana	6
Anatomia Humana	6
Prev. De Acidente e Primeiros Socorros	4
Atletismo I	4
Org. e Legislação Esportiva	4
3º SEMESTRE	
Psicologia da Educação	4
Nutrição e Desenvolvimento Humano	4
Bases Teóricas e Met. Trein. Esportivo	4
Esporte I – Futsal/Futebol	6
Cinesiologia	4
Didática Aplic. A Ed. Física	2
4º SEMESTRE	
Esportes II – Handebol/Basquete	6
Lutas – Judô/Karatê	4
Métodos e Técnicas de Pesquisa	4
Recreação, Lazer e Jogos	4
Estru. Func. Ensino Fundamental e Médio	4

5º SEMESTRE	
Ed. Física Escolar	4
Natação I	4
Voleibol	4
Esporte na Escola	4
Teoria da Motricidade Humana	2
6º SEMESTRE	
Estágio Supervisionado I (Ed. Física)	6
Fisiologia do Exercício	4
Biomecânica do Exerc. e Mov. Humano	4
Metodologia da Pesquisa em Ed. Física e Esporte	4
Esporte na Escola	4
7º SEMESTRE	
Treinamento Esportivo I	4
Nutrição Aplicada ao Treinamento Esportivo	4
Estágio Supervisionado II (Ed. Física)	6
Monografia I (Ed. Física)	4
Atletismo II	4
8º SEMESTRE	
Estágio Supervisionado III (Ed. Física)	8
Estágio Supervisionado	20
Treinamento Esportivo II	4
Natação II	4
Seminário Ed. Física II	2
Monografia II	4

Fonte: Universidade Estadual do Ceará (2001)

**ANEXO B - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA UECE**

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA H/A
• CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO MOTOR	30
• NUTRIÇÃO E DISTÚRBIOS METABÓLICOS DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS NA IDADE ESCOLAR	30
• ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS NA ESCOLA	30
• METODOLOGIA DA PESQUISA	30
• PSICOLOGIA ESCOLAR	30
• AVALIAÇÃO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	30
• EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	30
• FISIOLOGIA CARDIOVASCULAR DA CRIANÇA E DOS ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR	30
• PROJETOS INTERDISCIPLINARES E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	30
• DIDÁTICA DO ENSINO SUPERIOR	60

Fonte: Universidade Estadual do Ceará (2012)

ANEXO C - ESTRUTURA CURRICULAR DO PROEF

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS EM REDE	CARGA HORÁRIA
• PROBLEMÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	60
• SEMINÁRIOS DE PESQUISA CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	90
• ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E PLANEJAMENTO	60
• METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	60
DISCIPLINAS ELETIVAS (LINHAS DE PESQUISA)	CARGA HORÁRIA
• EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	60
• EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	60
• EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	60
DISCIPLINAS ELETIVAS EM REDE	CARGA HORÁRIA
• ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO	30
• PESQUISA E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	30

Fonte: Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Física (2019)